

JOSE AUGUSTO

# PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 3, Setembro, 2003

## Cultura para todos

Governo do Estado, através da Fundação José Augusto, inicia implantação das Casas de Cultura no interior

202 filmes fundamentais

Entrevista: Vingt-un Rosado

Pendências - A flor do Vale

Teatro Alberto Maranhão - Cem anos de glórias





# Mostra Modernismo Brasil

Tradição & Ruptura - RN

**P I N A C O T E C A - R N**

*Visitação até 30 de novembro de 2003*

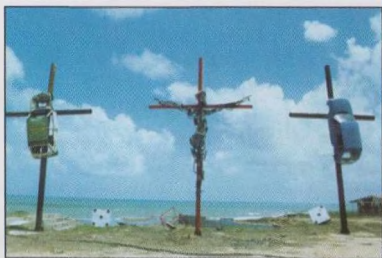
*de 2ª a domingo - 8h30 às 17h*

**Praça 7 de Setembro, s/n - Cidade Alta**



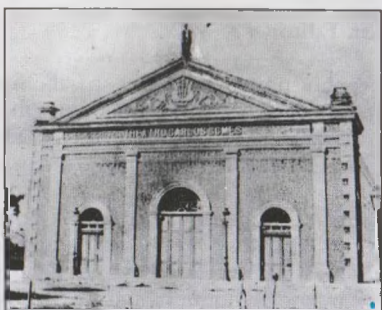
O poeta Falves Silva escreve sobre os frequentadores das famosas "cocadas", que ficavam no coração do Grande Ponto.

Os artistas plásticos Guaraci Gabriel e Sayonara Pinheiro vão a Cuba mostrar a arte potiguar.



O poeta R. Leontino Filho narra em conto a conflituosa convivência de um casal.

A jornalista Sheyla Azevedo escreve reportagem sobre os cem anos do Teatro Alberto Maranhão.



O bibliófilo João da Mata Costa escreve sobre o livro "A legenda Áurea", que conta a história dos santos.

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| Expediente/Cartas                                             | 4  |
| A palavra da casa                                             | 6  |
| A geração das cocadas                                         | 7  |
| A cultura de massa no novo milênio                            | 10 |
| A cidade descobre os curtas-metragens                         | 12 |
| 202 filmes fundamentais                                       | 14 |
| Evas arrebatadas de Mossoró                                   | 16 |
| Dueto - Encontro do velho e do jovem poeta                    | 18 |
| Potiguaros vão a Cuba                                         | 20 |
| A arte do agora                                               | 22 |
| A epopéia cultural através dos gregos                         | 24 |
| O sax potiguar de Urbano Medeiros                             | 26 |
| Escritura Potiguar                                            | 27 |
| 13 por 1                                                      | 31 |
| Casas de Cultura - Cidades do interior renascem culturalmente | 32 |
| Casal                                                         | 34 |
| Rompendo o universo                                           | 38 |
| Entrevista - Vingt-un Rosado                                  | 39 |
| Oswaldo Lamartine, o seridoense                               | 47 |
| "As pelejas de Ojuara"                                        | 48 |
| Pendências - A flor do Vale                                   | 49 |
| A cidade fala                                                 | 54 |
| O escritor de obituários                                      | 56 |
| Literatura e Jornalismo: vagabundagens da escrita             | 58 |
| Confissão de dívida de Majela Colares                         | 59 |
| Um século de glórias                                          | 60 |
| Teoria da avolescência                                        | 64 |
| Uma arena grega no sertão                                     | 65 |
| A legenda Áurea e o exemplum                                  | 66 |
| O franco-atirador II                                          | 68 |
| PS.                                                           | 70 |



*“Preá é uma revista de excelente qualidade gráfica, com matérias atraentes e bem escritas. O enfoque para a cultura do interior do estado – uma verdadeira festa do interior – é o grande diferencial da publicação.”*

(Celso Japiassu, poeta, Rio de Janeiro)

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO  
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120  
Fone/fax: (84) 221.0342

**Governadora:**

Wilma Maria de Faria

**Presidente:**

François Silvestre de Alencar

**Diretor:**

Laércio Bezerra de Melo

**Assessor Cultural:**

Nei Leandro de Castro

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO  
RIO GRANDE DO NORTE  
ANO I Nº 3  
SETEMBRO/2003

**EDITOR: TÁCITO COSTA**

tacito@fiern.org.br

**EDITOR ASSISTENTE:**

GUSTAVO PORPINO

gporpino@hotmail.com

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

LUCIO MASAAKI

infinitaimagem@bol.com.br

**FOTO DA CAPA:**

IVANÍSIO RAMOS



# CARTAS

Goiânia-GO, junho de 2003

**Caro Editor,**

Tendo tomado conhecimento, através do Jornal Tribuna do Norte, do lançamento da Revista Preá, editada nessa tão conceituada Fundação, encomendei a minha sobrinha, Thaisa Galvão, redatora do Jornal de Hoje, que comprasse o seu primeiro número, e aqui está ela, com excelentes artigos, principalmente – o Boi de Reis – com descrição explicativa e de fácil assimilação e que com este artigo, esta tão gostosa brincadeira, por certo permanecerá em nosso meio por mais tempo e mais viva. Tácito, o que devo fazer para me tornar assinante da Revista? Pois não quero perder minhas raízes norte-rio-grandenses, é tanto que eu recebia o Jornal O Galo periodicamente. Na página 4 da citada revista, o Diretor-Geral da Fundação José Augusto, François Silvestre, acrescenta, “quem quiser participar terá espaço”. Desta forma, tomei a liberdade e aí está a minha contribuição, claro, com sua revisão e se achar conveniente.

Hortencio Pereira de Brito Sobrinho

\*\*\*\*\*

**Sr. Editor,**

Venho por meio desta parabenizar a Revista Preá pela renovação que vem impingindo à cultura norte-rio-grandense. Realmente é a nossa fênix mitológica, encarnada na figura do nosso bicho, talvez o mais típico dos serrotes de pedra sertanejos. Fiquei encantado por, na primeira edição, ter o nome da minha terra, Carnaúba dos Dantas, entre as páginas do periódico. Meu nome é Helder Macedo, sou historiador e agora em agosto assumirei a vaga de professor (substituto) do CERES da UFRN. Pesquiso sobre a história indígena do Seridó e as suas contribuições culturais para a formação do seridoense. De modo que gostaria de saber da possibilidade de escrever um artigo para a Revista. Eu era assinante de “O Galo”. Gostaria de saber se poderia ficar recebendo os exemplares de Preá em casa, mesmo se “assujeitando” a pagar as despesas dos Correios. Pense nessa proposta, por favor. Abraços e fico no aguardo.

Atenciosamente

Helder Alexandre Medeiros de Macedo



Sr. Editor,

Sendo funcionária da Biblioteca Municipal Professor Esmeraldo Siqueira, gostaria de fazer algumas observações sobre a entrevista "Fome de Livros", de Abimael Silva, publicada em Preá nº 2. Em primeiro lugar lembrar que a Capitania das Artes recebeu doação de parte dos livros do médico Esmeraldo Siqueira, daí a biblioteca ter o seu nome. Segundo, que a nossa biblioteca possui um acervo considerável de autores do Rio Grande do Norte. Graças às aquisições da própria Capitania, que comprou recentemente todas as edições do Sebo Vermelho, a lançamentos promovidos na biblioteca, que deixam três exemplares de cortesia, mais as doações dos próprios escritores e de voluntários, a biblioteca vem se tornando referência entre alunos do ensino universitário, médio e fundamental de Natal. Além disso, dispomos de uma hemeroteca que prioriza assuntos locais não encontrados em livros. Aliás, a revista Preá já está servindo de pesquisa para nossos usuários. Obrigada pela doação e esperamos contar sempre com a sensibilidade e a boa vontade de seu editor ao nos procurar pessoalmente para fazer a entrega. Se não for pedir demais, gostaríamos de ter em nossos arquivos a Preá nº 1.

Abraços,

Ana Barros  
Jornalista

\*\*\*\*\*

Rio de Janeiro, julho de 2003

**Parabéns para todos da PREÁ.**

É a tal coisa: só mesmo sentindo dá pra sentir... Exemplo: estar quieta em casa e receber uma PREÁ. Uma não, logo as duas, e de uma vezada só. Bom demais. Moro no Rio há 24 anos, sendo que sou papagerimum há 51. E fico mesmo toda prosa diante das boas coisas daí. Assim fiquei quando recebi as PREÁ 1 e 2. No segundo número, na Palavra da Casa, François diz que "...o que a segunda filha perde no alvoroço da espera ganha na serenidade da experiência". Mas, tenho quase certeza que o alvoroço vai sempre se intrometer na experiência quando se faz uma revista, e tão legal como essa. É tanta coisa pra contar. Tantas artes e artistas pra mostrar, administrar as ciúmeiras, as coisas sem futuro (e da região boroeste, nada? mas só uma

notinha dos 15 anos de Khallyanni Khristynni?). E por aí vai e sobra. Fazer uma revista dá um trabalho danado: prazos, várias pessoas envolvidas, expectativa quanto à repercussão pós-divulgação, o prazer quando dá certo e, às vezes, algum desgosto. Afora a responsabilidade com a manutenção da prole (quantidade e qualidade, claro). Por isso acho que sempre vai haver alvoroço (mas é um alvoroço do bem, viu François?).

Desejo que a PREÁ honre sua raça e se perenize dando muito e bem.

Mais uma vez, parabéns!

Veluzia Nascimento

\*\*\*\*\*

**Aos que fazem a revista Preá.**

Antes de qualquer coisa, meus parabéns pela bela revista que vocês estão produzindo. É motivo de orgulho ver que, de alguma forma, a cultura regional está sendo preservada. Encontrei a revista exposta na Livraria Nobel, no Natal Shopping, mas moro em Canguaretama e gostaria de saber como posso ter acesso a ela aqui em meu município.

Fico aguardando seu retorno, no mais, um abraço

Patrícia Gomes de Almeida

\*\*\*\*\*

**Caro amigo e editor da PREÁ**

Diante da repercussão do nosso artigo sobre as marcas de cachaças do RN, publicado na revista nº 2, recebi de leitores e apreciadores das nossas aguardentes nomes de marcas não incluídas naquela ocasião. Como deixamos claro, aquele era apenas um primeiro inventário, que vai aumentando com as novas informações que chegam. Eis as marcas enviadas: TONEL VELHO - São José de Mipibu (fora de mercado); GRUTA - São Miguel (fora de mercado); MANGABEIRA - Arêz (fora de mercado); CAMETÁ - Arêz (fora de mercado); PANGOÁ - Arêz (fora de mercado); ESPIRIDEIRA - Santo Antônio dos Barreiros - São Gonçalo do Amarante - Engenho de dona Belizita Moura (fora de mercado).

Agradecido a todos,

Gutenberg Costa



F U N D A Ç Ã O

**JOSÉ AUGUSTO**



## A palavra da casa

**François Silvestre**

A matéria de capa é uma prestação de contas. Mas há muito mais para mostrar. Cinco meses de trabalho real. Os dois primeiros foram de redescoberta e avaliação. Sem falar na dramática política de pessoal.

Consolidamos o “Seis e Meia”. Regularizamos os concertos Oficial e Didático da Orquestra Sinfônica. Levamos a Orquestra ao interior e ela continuará mostrando ao povo de lá a Orquestra que nós temos e que deve pertencer a todos.

Ressuscitamos o CEPEJUL, que já produziu duas pesquisas e continuará realizando amostragens, que é o natural do seu ofício. O Centro de Pesquisa estava desativado.

Restauramos o casarão da Rede Ferroviária, de Nova Cruz, e lá implantamos uma Casa de Cultura Popular. Restauramos o Sobrado de Pe. Guerra, de Caicó, e lá implantamos uma Casa de Cultura Popular. Restauramos o Teatro de Caicó, que estava em processo de desabamento. Restauramos o Palácio Potengi da Cultura, com reforma de esquadrias, conserto elétrico, reparo de sustentação, descupinização, reparo nas infiltrações e rebocos. Fizemos a adequação para a Pinacoteca, com a colocação de expositores no estilo dos grandes museus de arte. Não haverá mais necessidade de cavaletes ou pregos na parede. Quanto à qualidade do acervo ou sua beleza, deixo a critério dos visitantes. Não sou crítico de artes plásticas, mas não preciso de teoria rebuscada para mostrar o belo aos meus olhos. Eles sabem ver. E o olho do povo é mais sábio do que imaginam os intelectuais. O belo é simples. E a história da humanidade é pródiga na lição de que a contemporaneidade é rigorosa com os seus. Seja pela exigência do perfeccionismo ou por outros motivos menos nobres.

Estamos edificando a Casa de Cultura de Martins. E iniciando os trabalhos das Casa de Cultura de Parnamirim, Açú, São José de Mipibu, São Miguel e Campo Grande. O programa de vinte casas em um ano vai de vento em popa. Pois iniciou em junho, completando um ano em junho do próximo ano. Mas nada disso seria possível sem o apoio da governadora. Faltou espaço para contar tudo. No próximo número da Preá tem mais. Sem falar que a burocracia anda “lambendo a rapadura” para me pegar. Mas eu tô me ensaboando. 

# A geração das cocadas



**Falves Silva** (poeta e artista plástico)

**Ilustração:** Venâncio Pinheiro

*Amanhã virão os pássaros negros.*

*Les chemins du la Liberté (Jean-Paul Sartre)*

A década de 60 deixou toda uma geração em estado de alerta, aqueles acontecimentos marcaram como ferro em brasa o comportamento de todos os jovens que, como eu, estavam ávidos por informações a respeito da vida e do mundo que nos cercava: o chamado conflito de gerações estava nos corações e mentes da juventude em todo o mundo.

Com o fim da “juventude transviada”, tão bem exemplificada no filme “Nicholas Ray”, e ouvindo os últimos acordes da Jovem Guarda. Com uma nova indumentária proposta por Mary Quant, a mulher se libertaria de um tabu secular, podendo mostrar suas pernas para o mundo, com o uso da minissaia. A teoria da globalização já estava em moda, seu idealizador Marshall McLuhan era o guru da intelectualidade mais rebelde, bem como a filosofia de Herbert Marcuse.

A revolução chinesa, liderada por Mao Tse-Tung, era assunto em revistas e jornais de todos os recantos do planeta. O grito de rebeldia dos Beatles e Rolling Stones ecoava em nossos tímpanos como o som de uma metralhadora – RÁ-TÁ-TÁ-TÁ; o Cinema Novo brasileiro incorporaria uma nova estética vinda da França através da Nouvelle-Vague, mudanças comportamentais sugeriam um novo estilo de vida. As contradições do sistema, por um lado, a repressão policial imposta por ditaduras militares na América Latina, por outro lado, as propostas de liberdade do movimento hippie e, paralelo a tudo isso, o genocídio da guerra do Vietnã, milhões de mortos, em nome do nada.

A teoria da Poesia Concreta vinda do Sul, via Moacyr Scler, e posteriormente a radicalidade do Poema Processo. O Tropicalismo propondo uma saída longe do conformismo “sem lenço e sem documento”.

Os assassinatos de Martin Luther King, Che Guevara, John Kennedy e a morte de Marilyn Monroe fecharam o círculo de fogo daqueles dias; no Brasil, a guerrilha urbana demonstrava as potencialidades de uma geração inconformada com as pressões do regime militar;



enquanto isso, diante de tantos conflitos, estávamos aqui, nas cocadas do Grande Ponto, “dando milho aos pombos”.

As cocadas ficavam no local onde hoje é a Praça Kennedy. Eram blocos de cimento armado, formando bancos cuja semelhança com cocadas era evidente, daí esse nome. Era naquele local que os expoentes daquela geração resolviam os problemas do mundo. Manoel Onofre Júnior, Jarbas Martins, Inácio Magalhães, Ivanês e “Alma de Vaqueiro” formavam o grupo dos conservadores. Gilberto Stabile, Alderico Leandro, Roberto II, Paulo Rocha (Palocha), Bené Chaves, Valdeci Lacerda, Francisco Sobreira, que chegara recentemente de Fortaleza, Franklin Capistrano, Moacyr Cirne e eu éramos a turma do Cine Clube Tirol. O pessoal da esquerda revolucionária era composto por Hermano Paiva, Antônio Capistrano, Juliano Siqueira, entre outros (este último entraria para a guerrilha em seguida). Os novatos, Alderico Leandro e Natanael Virgínio (meu irmão), Marcos Silva, Lécio e Bosco Lopes. Tinham ainda o grupo dos “pra-frente”. Pra frente significava cabelos compridos, calça boca de sino e estar atualizado com o que existia de mais moderno naquele momento: Alexis Gurgel, José Ribamar, Fernando Pimenta, João Charlier, Gersino Saraiva e eu, que eventualmente transitava simultaneamente em um ou dois grupos. Por último o pessoal da Casa do estudante, cujo presidente Emanuel Bezerra (outro que ingressaria nas fileiras da guerrilha e que posteriormente seria assassinado nos porões da ditadura), Manuel Duarte (Manu), Dagmar Fernandes, Raimundo Hélio, François Silvestre. Além desses, outros também freqüentavam as cocadas, como Carlos Furtado, Toinho Gurgel, Dailor Varela, Gileno Guanabara, Francisquinho Gurgel (o gordo) e Anchieta Fernandes.

As questões pertinentes naqueles dias eram a política, música, literatura e mulheres, éramos todos solteiros, porém as grandes discussões dos meados dos anos 60 giravam em torno da Sétima Arte.

Há apenas quatro décadas Natal não possuía os atrativos dos dias de hoje, não tinha as Universidades, não havia Shopping Centers e os sinais da televisão só apareceriam na década seguinte. Com a criação do Cine Clube Tirol, em 1961, o entretenimento por excelência era aquele que McLuhan denominara de “a universidade sem paredes”, o cinema. De qualquer forma toda aquela rapaziada citada acima estava ligada direta ou indiretamente ao Cine Clube Tirol. Saía aquela romaria em direção às cocadas do Grande Ponto para teorizar sobre Cinema, Literatura (chegara na Livraria

Universitária as últimas traduções de Kafka, Henry Miller, James Joyce, J.D. Sallinger), “Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa e “Educação pela Pedra”, de João Cabral de Melo Neto.

Desse caldeirão de adversidades surgiria uma nova mentalidade de artistas e intelectuais e políticos que em breve mudaria o rumo das artes e da política no Rio Grande do Norte. Moacyr Cirne migrou para o Rio de Janeiro, “porém sem nunca deixar de referir-se em seus textos às raízes potigüares”, onde milita como professor da UFRJ. Crítico, poeta e teórico de vanguarda, Cirne tem em seu currículo cerca de duas dezenas de títulos publicados, entre os quais, “A poesia e o poema do Rio Grande do Norte. Francisco Sobreira, senhor de uma prosa comparável a qualquer escritor de boa qualidade do Nordeste, aliás, Sobreira retrata muito bem o clima de divergências entre os membros do Cine Clube Tirol daquele tempo, no seu romance “Palavras Manchadas de Sangue”, onde os personagens, todos sócios daquela agremiação, são assassinados, e aqui, Sobreira deixa transparecer ainda um certo rancor acerca daquelas discussões.

Anchieta Fernandes, um dos grandes nomes das letras potigüares, pesquisador, teórico e poeta, autor de vários textos, alguns ainda inéditos. Incompreendido e discriminado, Fernandes é autor do ensaio “O Écran Natalense”, onde traça o perfil da história do cinema da cidade, além do excelente “Por uma vanguarda nordestina”, primeiro texto sobre vanguarda do Rio Grande do Norte, um grande crítico. Bené Chaves, outro escritor mal compreendido, com uma linguagem definida. Chaves cria seus personagens como marionetes que lembram de perto o clima dos filmes de Antonioni, com texto autobiográfico, ele cria uma cidade imaginária “Gupiara”, onde seus tipos procuram o significado de suas existências. Seu último romance, “A mágica ilusão”, reflete a grande influência da linguagem cinematográfica em sua obra; Manoel Onofre Júnior, contista, historiador, pesquisador, autor de vários livros, ensaio sobre música, Onofre revela-se um dos grandes nomes da literatura potiguar, ciente do seu ofício de escritor. Onofre versa sua prosa para uma linha regional. Jarbas Martins, poeta bissexto, articulista de mão-cheia, colabora com jornais da cidade. Autor de “Contra canto”, uma poesia cheia de surpresa.

Inácio Magalhães, misto de nômade e sedentário do pessoal das cocadas, é o mais viajado, conhece bem o Brasil de Norte a Sul e, de quebra, ainda alguns países da América Latina e Europa, homem simples, de formação católica, autor de “Memórias de um



Vendedor de Cavaco Chinês”, o livro fala sobre sua infância em Ceará-Mirim, um grande intelectual. Alderico Leandro e Natanael Virgínio, o primeiro transitou no jornalismo radiofônico e televisivo durante trinta anos, o segundo trabalhou na redação da Tribuna do Norte como repórter policial durante mais de vinte anos. Virgínio escreveu bons artigos e contos no início de sua carreira, no entanto desencantou-se com as letras e não teve como desenvolver seu talento como escritor. Marcos Silva, outro que escolheu o Sul como opção, catedrático na USP, escritor, pintor, poeta e articulista, colabora com jornais e revistas em todo o Brasil, entre eles O GALO. Autor de vários livros é professor na cadeira de História Contemporânea. Valdeci Lacerda e Ribamar Gurgel, não tiveram tempo de expressar o talento promissor que ambos demonstravam ter, subiram para o primeiro andar antes do tempo, vítimas de desastres automobilísticos.

Franklin Capistrano e Juliano Siqueira enveredaram para a política partidária, Capistrano, psiquiatra, poeta, articulista e vereador pelo PSB, autor de “Catagramas”, “Poemas da Flor da Pele” e “Poemagens”, sua poesia é seca e cortante como uma lâmina, onde transita no campo da metalinguagem. Siqueira, poeta, articulista, e brilhante orador possui o talento nato dos grandes políticos, o último grande marxista. Gersino Saraiva que também entrou para a guerrilha, com sua prisão tempos depois, Saraiva se retrairia, causando um certo desconforto ao pessoal da esquerda. Bosco Lopes e Alexis Gurgel, levaram até às últimas consequências o uso das drogas, vítimas de uma sociedade mal-estruturada. Gurgel, jornalista talentoso e polêmico, ardoroso defensor de uma vanguarda potiguar, seu livro “Cultura de Massa em Processo” comprova sua inquietação. Bosco Lopes, poeta e boêmio, autor de dois livros, “Corpo de Pedra” e “Projeto Zero”, este último dentro das propostas do Poema Processo. João Charlier e Fernando Pimenta, irmãos de Anchieta Fernandes, também poetas, Charlier colabora com jornais onde publica seus poemas, Pimenta, poeta, como Jarbas Martins, é também bissexto, ganhou alguns prêmios de poesia nos anos 70, tem um livro no prelo. Hermanno Paiva, Antônio Capistrano, Raimundo Hélio e Manú, os três primeiros foram deputados estaduais, Capistrano continua na política, é vice-prefeito em Mossoró, quanto a Manú, sempre militou na política, na esquerda. François Silvestre, romancista e articulista com vários livros publicados, colabora com jornais da cidade, autor de “A Pátria não é Ninguém”. Dagmar Fernandes trilhou o caminho da burocracia.

Dailor Varela, outro que partiu para São Paulo, jornalista e poeta, autor de vários livros de poesia, um dos expoentes do Poema Processo. Carlos Furtado, teatrólogo, dirigiu uma dezena de peças, algumas premiadas em vários Estados do Brasil, um diretor de talento insofismável. Gileno Guanabara, outro que também entrou nos bastidores da política do Rio Grande do Norte.

Todos esses nomes aqui relacionados fizeram nas cocadas seu aprendizado. Hoje, passados todos esses anos, somente Palocha e eu continuamos frequentando o Grande Ponto, como guardiões do centro da cidade; continuamos sempre em estado de alerta, numa esquina ou noutra.■

# A cultura de massa



Natureza-morta nº 24 - Tinta acrílica s/ madeira (1962) - Tom Wesselmann

**Jairo Lima** (escritor e livreiro)

Em um conjunto de ensaios muito conhecido, “Apocalípticos e Integrados”, Umberto Eco desenvolve uma ampla discussão sobre a cultura de massa (conceito genérico, ambíguo e impróprio, na sua própria opinião), que está longe de haver esgotado os seus problemas. Mas formula indagações e proposições ainda válidas para um debate como o que se propõe este artigo.

Começando por eximi-lo de formular o falso problema de se é bom ou mal existir a cultura de massa, e sim, perguntar, como o próprio Eco: qual a ação cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais?

Logo se vê que o problema é mais filosófico e sério que a simples História, para usar expressão de Aristóteles, na sua “Poética”. É de estética, portanto, que se trata. De fortalecer o pensamento, a educação dos sentidos. Neste campo, os recentes e ainda incipientes avanços dos meios tecnológicos contribuem em muito para rever e enriquecer diversos dos temas propostos por Eco e Abraham Moles, entre muitos outros estudiosos do assunto. A chamada cibercultura põe em xeque ou em choque a mídia.

Já não se trata de mero maniqueísmo que oporia os adeptos entusiasmados de uma cultura de massa a nostálgicos elitistas. Nem novos aristocratas contra uma massa heterogênea de burgueses e pobres. O que se observa nos dias atuais é o rumo para um tal estado de coisas em que esses conceitos e outros como coletividade e individualidade sofrem uma transformação evidente, e, dentro disto, a imprópria e genérica cultura de massa.

Sabe-se que um dos divertimentos prediletos de artistas e teóricos, durante boa parte do século 20, foi profetizar a morte da arte. Mas o que ocorreu foi justamente o inverso: uma superabundância de seus meios e o desenvolvimento de estéticas quase que na quantidade dos indivíduos. Sem que, na maioria das vezes, a arte tivesse nada a ver com isso. Tantos foram os rótulos que essa indústria produziu para as multinacionais do pensamento que poderia perfeitamente se falar de uma era pós-estética, de uma pós-produção, numa época, a de hoje, em que termos como modernidade e originalidade estão passados, sem o caráter adjetivo ou substantivo, que tantos quiseram dar na tentativa de



# no novo milênio

sua hegemonia, mas simplesmente histórico. A própria idéia de História sofre, como vem sofrendo há décadas, alterações significativas.

Deve-se falar no fim da hegemonia da tal cultura de massa. O esgotamento de uma era de passivos, para um período de ativos produtores e intérpretes de arte. Para isso, o próprio funcionamento da mídia vai por assim dizer alterar-se. Até agora os meios estiveram muito aquém. Ou como diz com melhor ciência o filósofo Jacques Bouveresse: A única coisa de que se pode acusar a mídia é de não fazer o que deveria fazer, isto é, informar. Naturalmente, antes de mais nada, isso significa informar-se.

Há uma conhecida blague do escritor Oswald de Andrade, para quem a massa um dia consumiria o biscoito fino que ele dizia fabricar. Concluindo-se o século, a piada não se tornou profecia. Continua sendo uma piada. O trocadilho continuou também incólume. Mas não a massa, nem a cultura que ela representa. A despeito do escritor paulista não haver produzido biscoitos finos (nem no sentido literal, nem no metafórico), nem a massa os ter consumido.

Ambos alimentaram-se de produtos falsos, que começou por estabelecer um abismo entre o estético e o ético, e nesta última falta foi coerente, pois tentaram vivificar uma arte e um pensamento cimentados no engodo mútuo.

Falar do fim da tirania da cultura de massa parecerá estranho apenas a um indivíduo que ignore o que acontece no mundo, à sua volta, ou a um palmo adiante do nariz. Se a ele não for possível ainda vislumbrar ou enxergar um brave new world em que o gosto não seja ditado pela vulgarização (isto é, haja realmente gosto), talvez seja capaz de farejar um outro tempo e espaço, que há muito são engendrados, com a contribuição do avanço das novas tecnologias, quando já não há separação entre produção, difusão e interpretação das obras.

Embora na aparência seja o território da democracia o que fez a cultura de massa foi dissolver as ágoras, e não criá-las. Foi fraturar o coletivo, não afirmá-lo. O indivíduo longe esteve de ter voz. O que surge é um novo sentido coletivo e para o indivíduo. O que se teve até agora foi aquele tipo de “igualdade” atacada por Adorno: A comunicação providencia a igualitarização dos homens através do seu isolamento, existindo num estado de coisas referido por Habermas, que fala na colonização do mundo vivido.

A chamada indústria cultural viveu a serviço dessa pulverização do medíocre, ou mesmo de uma cada vez mais primária puerilização, com as bênçãos da estupidez togada. Até esgotar-se. Exaurir os seus vazios. Tudo guindado pelo baixo nível de informação (e formação, uma vez que universidades e escolas são também parte da mídia).

Se a cultura de massa, na visão de Eco, é “anticultura”, o seu esgotamento implica não simplesmente no seu fim, mas numa volta à cultura. Como os poemas de Homero, que recuperam a Grécia para a cultura depois de séculos de trevas. Na ressurreição não do indivíduo, mas do homem; não somente do homem, da sua humanidade. Para isso, cumpre aceitar a provocação de René Garrighes, antevista no Ensaio para fundar uma moral e uma política a partir da poética de J. S. Bach e de Brueghel, o velho. Em um novo classicismo, que se anuncia, obras como as de Bach não devem ser abandonadas aos especialistas. Elas escondem recursos que ainda não foram explorados e que poderiam trazer de volta a confiança ao homem moderno, contribuindo para que ele tenha fé em si mesmo. 

# A cidade descobre os curtas-metragens

Filmado em uma  
câmara toda lascada  
Editado em um precário  
PC sem memória  
Aja persistência e  
muuuuittta paciência...



**Aristeu Araújo** (repórter)

Fotos: João Maria Alves

O plano geral está enquadrado. A equipe de produção porta uma câmara de vídeo amadora e pretende registrar a movimentação de um dos pontos mais antigos da boemia natalense, o Beco da Lama, na Cidade Alta. Gardênia, pseudônimo homossexual de um frequentador do local, entra em foco. Visivelmente embriagado, aproxima-se cada vez mais da lente, reduzindo o pretense plano geral a um detalhe de sua boca, seus olhos, quase esfregando a face na câmara. “Qual é o babado?”, pergunta Gardênia. Segue-se uma verborragia quase incompreensível.

Foi assim que começou o projeto “Faces da rua”, vídeo ganhador de melhor documentário da mostra potiguar do Festival de Cinema e Vídeo de Natal (FestNatal) e também escolhido pelo júri popular do Curta Natal Mada como a melhor realização local da mostra, ambos realizados este ano na Casa da Ribeira. Gardênia não havia sido convidada para dar qualquer depoimento, entrou ao acaso na produção e acabou traçando parte do conceito estético que os realizadores procuravam. Os enquadramentos fechados acabaram sendo rotina nas entrevistas, o que resultou em uma unidade frente ao mosaico de depoimentos que o vídeo apresenta.

“Faces da rua” foi a primeira produção de seus realizadores, Luís Peres (“Bolo”) e Paulo Nunes (“Borracha”). Eles explicaram que no início não existia muito planejamento, “era uma idéia na cabeça e uma câmara na mão”, parafraseando o conceito maior do Cinema Novo de Glauber Rocha. “Compramos a câmara porque queríamos fazer um vídeo. Mas não tínhamos ainda a idéia”, lembra Luís Peres.

A escolha para os entrevistados de “Faces da rua” não seguiu um critério muito rígido. “Escolhemos pessoas alegres. Queríamos figuras tarimbadas e que tivessem algo para dizer”. Alguns dos escolhidos são folclóricos em Natal, como os músicos de rua Zé do Violino e “seu” Vicente, que toca sanfona. Há até um bêbado que recita um poema de Baudelaire: “... embriaguem-se; embriaguem-se sem descanso. Com vinho, poesia ou virtude, a escolher”. Nada mais adequado. Embora a cena pareça espontânea, Paulo Nunes confessa que pediram para ele recitar os versos.

A edição do vídeo foi, no mínimo, curiosa. Depois de gravarem todas as imagens, algo em torno de 30 horas de material bruto - dividido em 15 fitas - partiram para a trabalhosa etapa da edição de imagens. A edição foi feita em um laptop, consumindo três dias ininterruptos de trabalho e muita paciência. “A gente se revezava para dormir”, garante “Bolo”. Ele assina a direção e edição do curta-metragem.



Quem trabalha com edição de vídeos sabe como é complexo esse processo e o quanto são necessários computadores potentes, pois quanto menor for a capacidade da máquina, mais demorado é o processamento das informações. Pelo menos um longa-metragem conhecido nacionalmente foi concebido nesses moldes. Trata-se do elogiadíssimo "Nós que aqui estamos por vós esperamos", dirigido por Marcelo Masagão, o criador do "Festival do Minuto". No filme, ele faz um panorama do século XX, utilizando a morte como fio condutor, todo concebido sobre imagens de arquivo. Gastou pouco, para os padrões que a sétima arte costuma consumir, R\$ 140 mil.

A edição de "Faces da rua" também ficou a cargo de Luís Peres. "Na edição é que demos a linguagem do curta. Ele ficou com uma cara de vídeo-clip", comenta. "Bolo" ainda afirma que nunca havia trabalhado com qualquer programa de edição de imagens. "Foi feito na base de tentativa e erro. Deu uma trabalhadeira danada, mas foi muito divertido".

Para complicar ainda mais o trabalho, "Faces da rua" abusa de pequenos efeitos especiais, como o surgimento na tela de várias imagens simultâneas, divididas em quadros distintos. Essas seqüências aparecem geralmente para separar os depoimentos e introduzir no curta os momentos mais reflexivos, já que todo o vídeo é permeado por um tom cômico. Para cada cinco segundos desses efeitos, eram necessários 30 minutos para que o computador processasse os dados. Caso fosse constatado erro, todo o processo tinha que ser refeito.

Com as "sobras" de material, Luís Peres e Paulo Nunes pretendem fazer outros projetos. O próximo deverá se chamar "Papões do Alcool" e será dirigido pelo sócio "Borracha". Os dois realizadores ganham a vida com programação de computadores.

## Festivais dão visibilidade aos filmes

A efervescência que o diretor de "Faces da rua", Luís Peres, se refere, pôde ser constatada pelo menos em dois momentos deste ano. Em janeiro, durante a III Mostra Competitiva do Vídeo Potiguar, evento integrante do FestNatal, os dois dias de exibição lotaram o teatro da Casa da Ribeira. Na ocasião, participaram 15 vídeos norte-rio-grandenses. Em maio, o Curta Natal Mada também angariou um público considerável que assistiu a 10 produções locais.

Parece pouco, mas até há bem pouco tempo, isso seria inimaginável. Tanto o número de vídeos exibidos quanto a quantidade de público devem ser levadas em consideração. No início da década de 90, por exemplo, a Capitania das Artes promoveu um concurso de vídeos na cidade. Apenas uma produção foi inscrita e, claro, ganhou o prêmio. Foi o vídeo "Senhora", dirigido por Augusto Luís, que hoje trabalha em publicidade. Ele ainda realizou outros dois vídeos, como o "Ribeira Velha de Guerra".

Augusto Luís também tem um roteiro de cinema pronto para ser filmado. Em 1994 chegou a aprová-lo na lei federal de incentivo ao audiovisual, mas não conseguiu

captar recursos para o filme "Natal 2047", que, como o próprio título explica, trata de uma Natal no futuro. "O filme foi aprovado em 1994, mas eu calculava que fosse finalizá-lo apenas em 1997. A idéia é falar da cidade 50 anos à frente. Agora vou ter que mudar o título", lamenta.

Para o presidente da Associação Brasileira de Documentarias e Curtas-metragistas no Rio Grande do Norte (ABDeC/RN), Carlos Tourinho, a produção de curtas-metragens no Estado já é uma realidade. "E estou achando que é irreversível", analisa.

A ABDeC tem apenas três anos no RN, enquanto que a entidade nacional já completa três décadas. Na última reunião da Associação, ocorrida dia 3 de junho, mais de 50 pessoas compareceram para discutir propostas que serão encaminhadas para seminários regionais e nacional da ABDeC. Propostas como a aquisição de uma câmara profissional de cinema (não existe uma sequer no Estado) e até a criação de um museu da imagem e do som foram discutidas. A intenção é criar mecanismos para fomentar a produção local que, pelo menos até o momento, tem na sua filmografia pouquíssimos títulos.

Parte do público que compareceu a reunião era formada por universitários. "Esse público é o que interessa a ABDeC. São os jovens que farão o cinema de amanhã", afirma Carlos Tourinho. A dica do cineasta, que tem larga experiência na profissão, é a de montar no Estado uma cooperativa, a exemplo do que aconteceu no Rio de Janeiro, onde morou até o ano 2000. Segundo explicou, foi graças a Cooperativa dos Realizadores Cinematográficos (Coocirma), que alguns nomes estão hoje no mercado. "O diretor Flávio Rezende é um exemplo", responsável por filmes como "Quase nada" e "O homem da capa preta".

Outro ponto a favor para as novas produções é o barateamento e popularização das tecnologias. Hoje é possível conseguir um bom resultado técnico com menos dinheiro, graças às câmaras digitais, que embora não cheguem perto do padrão de qualidade de uma câmara de cinema, estão muito além das convencionais VHS. Os novos suportes permitem, inclusive, assistir a filmes pela Internet, o que em um futuro próximo poderá revolucionar a distribuição de curtas-metragens no País.

O jornalista Marcelo Barreto, por exemplo, pretende gravar o seu próximo curta, "Pega Rex!" com uma digital. Ele faturou o prêmio de melhor vídeo na categoria ficção da III Mostra Competitiva do Vídeo Potiguar, com "TPM", de dois minutos. Sua intenção é procurar patrocínio para bancar a nova produção. Embora o custo-benefício compense o uso de uma câmara digital, o valor é salgado para novos realizadores. A câmara digital, mais barata, custa em média R\$ 3 mil. Já em "TPM", o custo foi praticamente zero. "Eu gastei com a compra de uma fita VHS e dos tickets de estudante", brinca. "Os efeitos especiais foram todos caseiros". A ABDeC/RN tem reuniões todas as primeiras quartas-feiras do mês. Contato: 8811-2326, carlostourinho@digizap.com.br

O encouraçado Potemkin \*\*\* (Eisenstein, URSS, 1925) - The gold rush / Em busca do ouro \*\*\* (Chaplin, USA, 1925) - Metrópolis (Lang, Alemanha, 1926) - A sexta parte do mundo (Veron, URSS, 1926) - Aurora \*\*\* (Murnau, USA, 1927) - Outubro (Eisenstein, URSS, 1927) - O fim de São Petersburgo (Pudovkin, URSS, 1927) - Napoleão (Gance, França, 1927) - A General (Keaton & Bruckman, USA, 1927) - Berlim, sinfonia de uma cidade (Rustmann, Alemanha, 1927) - A paixão de Joana d'Arc \*\*\* (Dreyer, França, 1928) - Um cão andaluz \*\*\* (Buñuel, França, 1928), curta - Tempestade sobre a Ásia (Pudovkin, URSS, 1928) - A caixa de Pandora (Pabst, Alemanha, 1928) - A turba (Vidor, USA, 1924) - O homem da câmera \*\*\* (Veron, URSS, 1929) - O Anjo Azul (Sternberg, Alemanha, 1930) - A terra (Dovjenco, URSS, 1930) - Entusiasmo (Veron, URSS, 1930) - Luzes da cidade \*\*\* (Chaplin, USA, 1931) - M, o vampiro de Dusseldorf \*\*\* (Lang, Alemanha, 1931) - Tabu (Murnau & Flaherty, USA, 1931) - Scarface, a vergonha de uma nação (Hawks, USA, 1932) - Ganga bruta (Humberto Mauro, Brasil, 1932) - O homem de Aran \*\*\* (Flaherty, Inglaterra, 1934) - Tempos modernos (Chaplin, USA, 1936) - A grande ilusão \*\*\* (Renoir, França, 1937) - Pepe le Moko / O demônio da Argélia (Duvivier, França, 1937) - Do mundo nada se leva (Capra, USA, 1938) - A regra do jogo \*\*\* (Renoir, França, 1939) - Stagecoach / No tempo das diligências \*\*\* (Ford, USA, 1939) - O mágico de Oz (Fleming, USA, 1939) - Cidadão Kane \*\*\* (Welles, USA, 1941) - The magnificent Ambersons / Soberba (Welles, USA, 1942) - Os visitantes da noite (Carné, França, 1942) - Casablanca (Curtiz, USA, 1942) - Dias de ira (Dreyer, Dinamarca, 1943) - Ivan, o terrível - I e II (Eisenstein, URSS, 1944-46) - Maria Candelária (Fernandez, México, 1944) - Brief encounter / Desencanto \*\*\* (Lean, Inglaterra, 1945) - Les enfants du Paradis / O boulevard do crime \*\*\* (Carne, França, 1945) - Roma, cidade aberta (Rossellini, Itália, 1945) - Os melhores anos de nossas vidas (Wyler, USA, 1946) - Jour de fête / Carrossel da esperança (Tati, França, 1947) - Le diable au corps / Adúltera (Autant-Lara, França, 1947) - Ladrões de bicicleta (De Sica, Itália, 1948) - The rope / Festim diabólico (Hitchcock, USA, 1948) - O tesouro de Sierra Madre \*\*\* (Huston, USA, 1948) - O terceiro homem \*\*\* (Reed, Inglaterra, 1949) - The set-up / Punhos de campeão (Wise, USA, 1949) - Rashomon \*\*\* (Kurosawa, Japão, 1950) - Sunset Boulevard / Crepúsculo dos deuses \*\*\* (Wilder, USA, 1950) - All about Eve / A malvada (Mankiewicz, USA, 1950) - Cantando na chuva \*\*\* (Kelly & Donen, USA, 1952) - Othello \*\*\* (Welles, Marrocos-Itália-França, 1952) - The quiet man / Depois do vendaval (Ford, USA, 1952) - High noon / Matar ou morrer (Zinnemann, USA, 1952) - Contos da lua vaga \*\*\* (Mizoguchi, Japão, 1953) - As férias do Sr. Hulot \*\*\* (Tati, França, 1953) - Era uma vez em Tóquio (Ozu, Japão, 1953) - Noites de circo (Bergman, Suécia, 1953) - Velhas lendas tchecas (Trnka, Tchecoslováquia, 1953), animação - Os sete samurais (Kurosawa, Japão, 1954) - Janela indiscreta \*\*\* (Hitchcock, USA, 1954) - Juventude transviada (Ray, USA, 1955) - The searchers / Rastros de ódio (Ford, USA, 1955) - A canção da estrada (Ray, Índia, 1955) - East of Eden / Vidas amargas (Kazan, USA, 1955) - Lola Montez (Ophüls, França-Alem. Ocidental, 1955) - Shane / Os brutos também amam (Stevens, USA, 1953) - Um condenado à morte escapou \*\*\* (Bresson, França, 1956) - O grito \*\*\* (Antonioni, Itália, 1957) - Morangos silvestres \*\*\* (Bergman, Suécia, 1957) - Glória feita de sangue \*\*\* (Kubrick, USA, 1957) - Trono manchado de sangue (Kurosawa, Japão, 1957) - Noites de Cabiria (Fellini, Itália-França, 1957) - The touch of evil / A marca da maldade \*\*\* (Welles, USA, 1958) - Vertigo / Um corpo que cai \*\*\* (Hitchcock, USA, 1958) - Meu tio (Tati, França, 1958) - Amantes (Mulle, França, 1958) - Cinzas e diamantes (Wajda, Polónia, 1958) - Hiroshima, meu amor \*\*\* (Resnais, França-Japão, 1959) - À bout de souffle / Acossado \*\*\* (Godard, França, 1959) - Pickpocket \*\*\* (Bresson, França, 1959) - Quanto mais quente melhor \*\*\* (Wilder, USA, 1959) - Shadows (Casavetes, USA, 1959) - A aventura \*\*\* (Antonioni, Itália-França, 1960) - Rocco e seus irmãos \*\*\* (Visconti, Itália-França, 1960) - A doce vida (Fellini, Itália-França, 1960) - Psicose (Hitchcock, USA, 1960) - Aruanda (Linduarte Noronha, Brasil, 1960), curta - Ano passado em Marienbad \*\*\* (Resnais, França-Itália, 1961) - West side story / Amor, sublime amor \*\*\* (Wise & Robbins, USA, 1961) - Salvatore Giuliano / O bandido Giuliano (Rosi, Itália, 1961) - A noite (Antonioni, Itália-França, 1961) - Madre Joana dos Anjos (Kawalerowicz, Polónia, 1961) - O processo \*\*\* (Welles, França-Itália-Alem. Ocidental, 1962) - Viver a vida \*\*\* (Godard, França, 1962) - Jules et Jim / Uma mulher para dois \*\*\* (Truffaut, França, 1962) - Eclipse \*\*\* (Antonioni, Itália-França, 1962) - O processo de Joana d'Arc \*\*\* (Bresson, França, 1962) - O anjo exterminador (Buñuel, México, 1962) - O homem que matou o facinora (Ford, USA, 1962) - A faca na água (Polanski, Polónia, 1962) - Porto das Caixas (Paulo César Saraceni, Brasil, 1962) - Labirinto (Lenica, Polónia, 1962), curta/animação - Oito e meio \*\*\* (Fellini, Itália-França, 1963)

# 202 filmes



## Moacyr Cirne (poeta e teórico de quadrinhos)

Em pouco mais de 100 anos, a partir de 1895, o Cinema construiu uma sólida linguagem pautada na arte sequencial e no campo da visualidade. Se, em sua história, há um momento inaugural importante no segundo decênio do século XX (Griffith, 1915-16; Wiene, 1919), preferimos mapear suas conquistas estéticas mais significativas tomando 1925 – ano do “Potemkin” – como ponto de partida para uma possível filmografia básica, considerando as obras que nos parecem fundamentais para sua compreensão como realidade estética, social e semiótica.

Decerto, há lacunas; decerto, há presenças discutíveis. São inevitáveis, num empreendimento dessa natureza. Além do mais, é preciso esclarecer: há muito de preferência pessoal, claro, na medida de nossas possibilidades críticas, entre a emoção e a razão. Não é uma lista definitiva, nem poderia sê-lo; a cada revisão, algumas (pequenas) mudanças podem se impor.

São 202 títulos; não necessariamente os melhores. Contudo, sob vários aspectos, não deixam de ser os mais expressivos e/ou emblemáticos da história do Cinema (e pelo menos duas ou três dúzias deles talvez representem a nata da nata, o topo do topo. Aliás, destacamos com \*\*\* os melhores entre os melhores, aqueles que, em nosso entendimento, seriam rigorosamente excepcionais).



# fundamentais



Qual o melhor deles? Difícil dizer. Para muitos, seria "Cidadão Kane"; já outros apontam ora "O encouraçado Potemkin"; ora "A regra do jogo"; ora "2001: uma odisséia no espaço", ora "Vertigo". Para nós, o mais sensível, o mais pleno de estesia cinematográfica continua sendo "A aventura". Depois dele, praticamente no mesmo patamar estético, "Persona".

Enfim, esses e outros 20 ou 30 títulos poderiam complementar a relação de obras fundamentais do Cinema... segundo a nossa particular visão crítica, naturalmente. Uma visão crítica que começou a se constituir em Caicó, quando, na segunda metade dos anos 50, fomos a revista paulista Cine Fan, as crônicas de Berilo Wanderley na Tribuna do Norte, os livros introdutórios de Carlos Ortiz e começávamos ver os filmes de Kurosawa, Zinnemann, Chaplin, Trnka e Antonioni. ■

- **Vidas secas** \*\*\* (Nelson Pereira dos Santos, Brasil, 1963) - **O leopardo** (Visconti, Itália-França, 1963) - **La jetée** (Marker, França, 1963), curta - **O criado** (Losey, Inglaterra, 1963) - **O desprezo** (Godard, França-Itália, 1963) - **Deus e o diabo na terra do sol** \*\*\* - **O deserto vermelho** (Antonioni, França-Itália, 1964) - **Dr. Fantástico** (Kubrick, USA-Inglaterra, 1964) - **O evangelho segundo São Mateus** (Pasolini, Itália-França, 1964) - **Simão do Deserto** \*\*\* (Bunuel, México, 1965) - **Pierrot le fou / O demônio das onze horas** \*\*\* (Godard, França-Itália, 1965) - **Os desesperançados** (Jancsó, Hungria, 1965) - **A batalha de Argel** (Pontecorvo, Itália-Argélia-França, 1965) - **Persona** \*\*\* (Bergman, Suécia, 1966) - **Andrei Rublev, o artista maldito** \*\*\* (Tarkovski, URSS, 1966) - **Blow-up / Depois daquele beijo** \*\*\* (Antonioni, Inglaterra-Itália, 1966) - **Falstaff** (Welles, Espanha-Suíça, 1966) - **O padre e a moça** (Joaquim Pedro de Andrade, Brasil, 1966) - **Terra em transe** \*\*\* (Glauber Rocha, Brasil, 1967) - **Crônica de Ana Madalena Bach** \*\*\* (Simab, Alem. Ocidental-Itália, 1967) - **Duas ou três coisas que sei dela** (Godard, França, 1967) - **2001: uma odisséia no espaço** \*\*\* (Kubrick, USA-Inglaterra, 1968) - **La Voie Lactée / O estranho caminho de Santiago** (Bunuel, França-Itália, 1968) - **La hora de los hornos** (Solanas, Argentina, 1968) - **One plus one** (Godard, Inglaterra, 1968) - **Memórias do subdesenvolvimento** (Alen, Cuba, 1968) - **Teorema** (Pasolini, Itália, 1968) - **O bandido da luz vermelha** (Rogério Sganzerla, Brasil, 1968) - **Blablábá** (André Tonacci, Brasil, 1968), curta - **Macunaíma** (Joaquim Pedro de Andrade, Brasil, 1969) - **79 primaveras** (Alvarez, Cuba, 1969), curta - **A súbita riqueza da gente pobre de Kombach** (Schlendorff, Alem. Ocidental, 1970) - **Laranja mecânica** \*\*\* (Kubrick, Inglaterra, 1971) - **Le chagrin et la pitié** ([M]Ophuls, Suíça-Alem. Ocidental, 1971) - **Morte em Veneza** (Visconti, Itália-França, 1971) - **O país de São Saruê** (Vladimir Carvalho, Brasil, 1971) - **Crônica dos anos de brasa** (Lakhdar-Hamina, Argélia, 1974) - **O último tango em Paris** \*\*\* (Bertolucci, França-Itália, 1972) - **O discreto charme da burguesia** (Bunuel, França-Espanha-Itália, 1972) - **S. Bernardo** (Leon Hirszman, Brasil, 1972) - **O poderoso Chefão** (Coppola, USA, 1972) - **Amarcord** (Fellini, Itália-França, 1973) - **Trabalhos ocasionais de uma escrava** (Kluge, Alem. Ocidental, 1973) - **A comilança** (Ferreir, Itália-França, 1973) - **Effi Briest** (Fashbinder, Alem. Ocidental, 1974) - **O passageiro** - **Profissão repórter** \*\*\* (Antonioni, Espanha-Itália, 1975) - **Nashville** (Altman, USA, 1975) - **Salò** (Pasolini, França-Itália, 1975) - **Assuntina das Américas** (Luiz Rosemberg Filho, Brasil, 1975) - **25** (Lucas & José Celso Correia, Moçambique, 1975) - **Novecento** (Bertolucci, Itália-Alem. Ocidental-França, 1976) - **O império dos sentidos** (Oshima, Japão, 1976) - **Taxi driver** (Scorsese, USA, 1976) - **Hitler, um filme da Alemanha** \*\*\* (Syberberg, Alem. Ocidental-França-Inglaterra, 1977) - **Um dia muito especial** \*\*\* (Scola, Itália-Canadá, 1977) - **Providence** (Resnais, França-Suíça, 1977) - **Apocalypse now / Apocalipse** \*\*\* (Coppola, USA, 1979) - **O touro indomável** (Scorsese, USA, 1980) - **Prénom Carmen** (Godard, França-Suíça, 1982) - **Danton, o processo da revolução** (Wajda, França-Polónia, 1982) - **Blade Runner, o caçador de andróides** (Scott, USA, 1982) - **Casanova e a revolução** (Scola, França-Itália, 1982) - **Nostalgia** \*\*\* (Tarkovski, URSS-Itália, 1983) - **Rumble fish / O selvagem da motocicleta** (Coppola, USA, 1983) - **Cabra marcado para morrer** (Eduardo Coutinho, Brasil, 1984) - **Memórias do cárcere** (Nelson Pereira dos Santos, Brasil, 1984) - **Noites de lua cheia** (Robnier, França, 1984) - **Paris, Texas** (Wenders, USA-França-Alem. Ocidental, 1984) - **A rosa púrpura do Cairo** (Allen, USA, 1985) - **O sacrifício** \*\*\* (Tarkovski, Suécia-França, 1986) - **Os vivos e os mortos** (Huston, USA-Inglaterra, 1987) - **Der himmel uber Berlin / Asas do desejo** (Wenders, Alem. Ocidental-França, 1987) - **O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante** (Greenaway, Inglaterra-Holanda-França, 1989) - **O ciclista** (Makhmalbaf, Irã, 1989) - **A bela intrigante** \*\*\* (Rivette, França, 1991) - **A dupla vida de Veronique** \*\*\* (Kieslowski, Polónia-França, 1991) - **Prospero's book / A última tempestade** (Greenaway, França-Inglaterra, 1991) - **Lanternas vermelhas** (Yimou, China, 1991) - **O jogador** (Altman, USA, 1992) - **The food** (Svankmajer, Rep. Tcheca, 1992), curta/animação - **O gênio e excêntrico Glenn Gould em 32 curtas** (Girard, Canadá, 1993) - **A fraternidade é vermelha** (Kieslowski, França-Polónia-Suíça, 1994) - **Tio Vânia em New York** (Malle, USA, 1994) - **JLG por JLG - auto-retrato de dezembro** (Godard, França-Suíça, 1994) - **Através das oliveiras** (Kiarostami, Irã, 1994) - **Antes da chuva** (Manchevski, Macedónia-Inglaterra-França, 1994) - **A flor do meu segredo** (Almodóvar, Espanha-França, 1995) - **Looking for Richard / Ricardo III - um ensaio** (Pacino, USA, 1996) - **Bela aldeia, bela chama** (Dragojević, Iugoslávia, 1996) - **Festen / Festa de família** (Vinterberg, Dinamarca, 1998) - **História real** (Lynch, USA, 1999) - **Os demônios batem à porta** (Wen, China, 2000) - **Dançando no escuro** (Von Trier, Dinamarca-Suécia-França, 2000) - **Lavoura arcaica** (Luiz Fernando Carvalho, Brasil, 2001) - **Arca russa** \*\*\* (Sokirov, URSS, 2002)



# Evas arrebatadas d

**Por Líria Nogueira Alvino**

**Colaboração:** Historiador Geraldo Maia

**Ilustração:** Rogério Dias

**N**a época da colonização, a exemplo dos outros países da América Latina, que também foram colonizados por europeus, o Brasil impôs à suas mulheres uma condição de completa subordinação. A sociedade era patriarcal e as atividades femininas se limitavam a tarefas domésticas.

Os registros e depoimentos de viajantes que estiveram no Brasil no século XIX descrevem a mulher como uma pessoa arredia, pouco aparecendo às visitas de sala, mulheres isoladas da vida do marido, mulheres de baixo rendimento cultural. Num de seus artigos, a pesquisadora social Maria Beatriz Nizza da Silva afirma que nesse século “não temos acesso direto aos discursos femininos senão tardiamente no século XIX e até então temos de nos contentar em conhecer os desejos, vontades, queixas ou decisões das mulheres através da linguagem formal dos documentos ou petições, manejados pelos homens.”

Aos homens, a leitura e a escrita. Às mulheres, a linha, a costura e as panelas, quando se tratavam de moças de baixa renda.

Na década de 1820, a educação começa a tomar corpo e forma femininos, e nesse tempo torna-se possível encontrar senhoras que sabem ler e escrever e até trocar correspondências, como observa B. Debret, um dos viajantes daquele tempo, num estudo primoroso feito pela pesquisadora Nádia Buttella Gotlib, intitulado “A literatura feita por mulheres no Brasil”.

O Rio Grande do Norte segue o Brasil, ao apresentar idênticos condicionamentos sociais, com toda sorte de repressões e constrangimentos às mulheres, e, conhecendo essas informações, é difícil encontrar uma brasileira ou uma potiguar que não fique indignada com suas parcas condições de progresso no passado.

Em Mossoró, pouco registro se tem das mulheres que, além de cumpridoras de seus destinos de casamentos arranjados, sabiam um pouco da história do país em que viviam, também ignoravam os costumes ou a existência de outras nações, seguiam a religião do marido e tinham pouco direito de opinar.

Foram senhoras como Dona Noemi Escóssia que começaram a quebrar a barreira da indiferença masculina ao mundo feminino. Nasceu Noemi Dulcila de Souza em junho de 1876 e casou-se com João da Escóssia, então diretor do jornal O Mossoroense. Assim veio a tornar-se Noemi Escóssia, como ficou conhecida até hoje. Fez parte da história do jornalismo mossoroense, influenciando seu marido, incentivando-o, e posicionando-se por ela mesma com objetividade e bravura. O cenário da época não facilitava a vida de nenhuma jovem que porventura viesse a se interessar pelas letras. E ainda que se interessasse, era pouco provável que algum homem lhe desse o crédito da leitura.



# Mossoró

Mesmo assim, a literatura feminina mossoroense parecia não sucumbir às restrições impostas por uma sociedade exclusivamente masculina, e bem mais à frente, em 1888, com o nascimento de Cordélia Silva, a causa ganha força.

Cordélia foi vanguardista. Pode ter sido considerada atirada demais e pode ter dado vexame a sua família, quem sabe? O fato é que mergulhou na escrita e já em 1908, com apenas vinte anos de idade, fundava a revista "O Batel". Também escreveu para jornais e revistas de vários estados brasileiros como colaboradora.

A pouquíssima participação feminina na literatura limitava-se a suaves textos sobre causas comuns. Tome-se como exemplo, a revista "Consagrando uma data, Mossoró, ontem e hoje", um escrito esmerado intitulado "Aspectos Religiosos de Mossoró" da professora Marieta Gurgel. A publicação, datada de 1941, de páginas finas e de propriedade do pesquisador Geraldo Maia, apresenta muitos artigos, mas somente este escrito por uma mulher, e mesmo assim sobre um tema sem compromissos, nada de política, nada de fortes defesas ou temas densos.

Quem lê ou ouve falar das conhecidas escritoras brasileiras, a exemplo de Clarice Lispector, Cecília Meirelles, Zila Mamede, Rachel de Queiroz, não imagina as dificuldades que elas e outras tantas enfrentaram até atingirem o reconhecimento.

As mossoroenses não fogem a essa regra. Liberdade e valentia são características enaltecidas pelos cidadãos de Mossoró que volta e meia relembram do pioneirismo na libertação dos escravos ou da expulsão do bando de Lampião. Valentia dos homens, ousadia das mulheres. No episódio conhecido pelo "Motim das Mulheres",

Ana Floriano liderou um grupo feminino que se amotinou contra o absurdo da guerra. Hoje elas se agrupam contra o absurdo da opressão literária.

E também gostam de escrever.

E escrevem.

Dão continuidade às lutas do passado as contemporâneas Margareth Freire, poetisa de muitos e valiosos versos, Kallianne Sibelle, com suas rimas de exatidão, América Rosado, Vanja Reis, Silvana Alves, Socorro Fernandes, Isaura Esther, Fátima Castro, dentre outras. A caminhada feminina em busca da liberdade literária parece ser acrescida de dificuldades na proporção em que diminuem, geograficamente falando, os locais em que elas acontecem.

Além disso, a mulher escritora tem de conciliar a sua produção literária com a maternidade, com o casamento, com o trabalho e ser bombril, na maioria dos casos. Muitas escrevem entre um choro e outro do bebê que está engatinhando na sala.

São poucas, senão raríssimas, as que agem como Hilda Hilst: abandonam as cidades, passam a morar numa chácara, evitam o casamento e a descendência e se dedicam somente a arte de escrever. Falando a pura verdade, nessa situação não conheço outra. Só Hilda, que muito sabiamente escreve com a alma, com o conhecimento acumulado pelas muitas leituras, e com a razão de quem sabe escrever bem. Nós escrevemos com o corpo, nossos e dos outros. E escrevemos de Mossoró, nesse calor que dilata os poros e o juízo, e talvez por conta disso mesmo a escrita saia tão fluentemente.

Inspiramo-nos no cotidiano do Mercado Central, escrevemos o Valdemar dos Passarinhos que fica imitando pássaros em frente ao Cemitério São Sebastião; nós escrevemos o cabaré de Ducéu, escrevemos a ignorância do marido e escrevemos a doçura dos filhos. As mossoroenses escrevem as vidas, registrando-as e questionando-as:

"Porque poluir os rios

Se a água límpida

Mata nossa sede?"

Quis saber Margareth Freire em seu poema "Viva".

São mulheres cheias de paixão, movidas pela arte, pela literatura, pela política; são mulheres doces e salgadas pelas salinas de Mossoró, são descendentes diretas do paraíso, perfeitas Evas arrebatadas pelo prazer de escrever. Estão por aí praticando a melhor parte de suas literaturas: a vida. 📖



# Dueto

**Clauder Arcanjo** (professor)

**Mário Gerson** (escritor e editor do jornal cultural Clandestino)

**Ilustração:** Sayonara Pinheiro

O tempo andava frio. As nuvens pareciam baixas. A solidão era uma sombra que invadia músculos, cabeça e ouvidos. Naquele cenário, caminhava o velho Alves por entre as pedras da solidão de seus passos. A tudo não mais reagia, o tempo lhe levava. Consumado o seu futuro estava: o fim. Não tinha coragem de apressá-lo, mas também não tinha forças para enfrentá-lo, domesticá-lo e fugir de sua fatídica inexorabilidade. A todos, nem mais olhava. Por todos, nem era mais visto. Vegetava por entre as horas. Ora!?

E já fora tão forte... Já construía tantas pérolas de texto literário...

Ninguém se lembrava do escritor Alves. A vida corroera seus vocábulos e ele esquecera de viver. Entregara-se ao destino. Hoje era letra fria, página branca ao vento.

Aquele se entregar não se deu de repente. Aquilo acontecera de forma insidiosa, gosmenta. Renúncia de um sonho pra cá. Abrindo mão de uma esperança pra lá. Agüentando um brincar criminoso aqui, fugindo de um riso ali. Longamente. Sacanamente. Silenciosamente. O grito de revolta nem dera tempo de sair da garganta. O

sangue das suas cordas tinha sido sangrado pela rotina da morte. Profanamente...

Hoje, morava nos escombros da vida. Comia mecanicamente o que se lhe apresentava. Nem sentia sabor, só o saciar. Visitava, mecanicamente, o bar rotineiro e se afogava nas águas que lhe anestesiava o corpo e lhe embaçava o pensar. O que sempre persistia era aquele peito preso, sentimento de cão louco, brado pronto a sair, mas que sempre voltava da porta dos lábios ressecados e murchos. Nem mais se lembrava de idade, nome, amigos... Tinha como colegas de entrega os bêbados das esquinas. Como descarrego do aliviar sexual, as meretrizes da zona. Entrava, esvaziava-se da libido, pagava e seguia sem rumo. Turvo, troncho, bronco. Animalescamente...

Certo dia, não se sabe porque diabos, errara o rumo do bar e entrara numa praça. O que lhe fizera perceber o erro fora o ruflar das asas dos pombos e o brilho do sol forte, entrando pelas copas das árvores e formando um arco-íris no fundo dos seus olhos. Fazia tempo que não se lembrava das cores, só do escuro e do cinza. Parou. Aquilo tudo rodava em seu juízo e, tonto, viu um banco da praça e sentou lívido. Nem viu que tinha companhia. Aliás, fazia tempo que não via nada. Respirou casmurro e sorumbático. Melhor dizendo, perdido.

O jovem ao lado reparou naquele homem pálido, mas continuou lendo seu livro de poesias. A poesia era seu combustível e seu condão para entender e suportar melhor o mundo. Com ela entrava fundo na vida,



# Encontro do velho e do jovem poeta

evitando as verdades de superfície. Voltou a repetir o estrofe e sem se aperceber, pungido pela força dos versos, o jovem declamou alto e cadente. Aquela rima acordou o velho Alves, tocou as cordas do seu peito, lembrou-lhe de tempos idos. Virou-se para aquele jovem com seu livro e indagou, mecanicamente: - Falou comigo? - Não! Apenas, repeti um verso de um poema muito bonito. Declamei alto sem saber. Desculpa, tá?, arrematou o jovem. O velho Alves voltara a falar, fazia muito tempo que não entabulava duas frases seguidas, sempre povoado pelos grunhidos da solidão: - Pode repetir? E o jovem Oliveira modulou a voz e recitou com uma maestria nunca dantes imaginada. O velho parou pasmo. Uma lágrima correu rebelde pela face. Aquilo era meu! Pensou baixinho.

Os pombos esvoaçaram as asas sobre o vento e Alves sorriu. Que vida não fora a sua, em tempos idos, escrevendo aqueles versos! Sorriu longamente para a vida, para os pombos que ali voavam, piruetavam nos ares, vezes fazendo arcos, vezes círculos... O jovem poeta encarou aquele homem. Sua face estava alegre. Sorria e ele não. Permaneceram assim durante uns bons minutos e, aos poucos, o jovem ia quebrando o gelado coração do velho. Um sorriso, dois sorrisos, três sorrisos... O jovem poeta, o que estava a ler os versos, voltou-se e recitou outro poema... Uma lágrima quente lhe rolou novamente sobre a face e, ao tocar o chão, deixou aquela marquinha solitária na pedra... "Esse poema foi eu quem escrevi!", ruminou o velho Alves. O jovem admirou-se. Sentiu um aperto no peito e olhou

aquele homem, olhou aquele homem que a solidão, o desânimo e a tristeza estavam a corroer; quis gesticular de alguma forma que estava feliz, muito feliz por ter encontrado o autor daqueles versos, ou melhor, daquele livro. Mas, por alguns instantes o que lhe sobrou para expressar-se foi tão somente aquele olhar perdido, vago, às vezes profundo, do querer entender.

O velho Alves fitou o céu, achou-o mais azul, de um azul imensamente oceânico. Sacudiu a poeira do jaleco sujo, antigo companheiro de boêmia. Espantou a tristeza que lhe embaçava os olhos e a vida. Um brado escapou do peito velho e preso: "Ainda há vida neste mundo?"

Neste momento, os pombos revoaram solidários e um raio de sol varou as nuvens e veio cair na medalha que o velho poeta tinha no peito. O reflexo daquele raio, em forma de arco-íris, se espalhou pela praça e foi ao encontro do olhar do jovem Oliveira e deu-se a união eterna e celeste daqueles dois. O jovem recebeu a maturidade da tristeza e a casmurrice do velho poeta; o velho renovou o espírito, contagiou-se com a esperança, renovando a vida.

Hoje quem passa por aquela praça pode ver o jovem poeta Oliveira sentado, mais sereno e taciturno, e o velho poeta Alves, em pé, de olhar mais limpo e humano a recitar, jogando poemas aos pombos.

Mais um milagre da poesia. Hosana ao Olimpo literário! 

# Potiguar *Artes plásticas*



Instalação de Sayonara Pinheiro

Muitos são os que gostariam de chegar lá. Poucos os aceitos. Parecido com a vontade que a maioria tem de entrar no Céu, mas que fica nisso mesmo, só na vontade. Considerada hoje uma das mais importantes bienais de artes plásticas do mundo, a 8ª Bienal de Havana, em Cuba, terá a participação esse ano de apenas sete brasileiros, entre eles dois legítimos papas-gerímuns, Guaraci Gabriel, 42 anos, nascido em São Pedro do Potengi, e Sayonara Pinheiro, 37 anos, natalense. Nada mais merecido, uma vez que são dois dos mais ousados e antenados artistas plásticos do Estado.

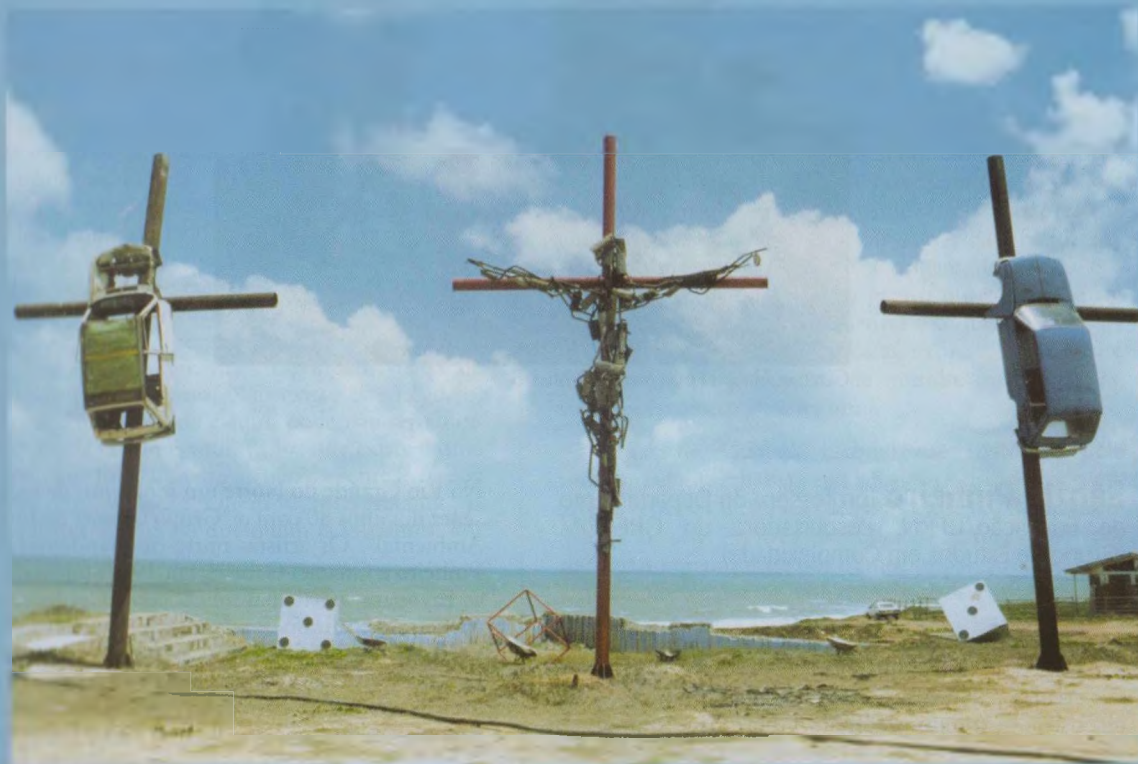
A Bienal de Havana foi criada em 1984 como espaço alternativo para a promoção das artes visuais

contemporâneas, principalmente para os países do Terceiro Mundo. A edição deste ano, que será realizada de 1º de novembro a 1º de dezembro, no Centro de Arte Contemporânea Wifredo Lam, tem como tema "El Arte con la Vida".

A oportunidade dos dois artistas potiguares participarem da Bienal de Havana, surgiu durante a Bienal do Mercosul, onde Guaraci e Sayonara, além de mostrarem seus trabalhos, fizeram contatos com curadores de várias partes do planeta que estavam por lá, entre os quais a da Bienal de Havana, Ibis Hernandez. Na Bienal do Mercosul, Guaraci apresentou a sua instalação "A Flor do Tempo" e Sayonara "Flores no Asfalto".



# vã o a Cuba



Instalação de Guaraci Gabriel

Para Havana a dupla fundiu os dois trabalhos. Isso porque Sayonara irá participar de grupos de discussão sobre os trabalhos participantes e ficou eticamente impedida de também expor. Guaraci diz que a idéia é transformar a instalação que montará em Cuba em uma obra permanente, deixando-a por lá mesmo.

"A Flor do Tempo" consiste em um tubo (ou talo) de inox, medindo 19 metros de altura, com três pétalas, também em inox, cada uma com quatro metros por 2 metros e meio. No centro, um exaustor (desses usados em indústrias), de onde sai uma fumaça colorida. "Como se fosse pólen das flores", explica Guaraci.

Na base de "A Flor do Tempo" será montado o trabalho de Sayonara formado por 15 mil rosas vermelhas, em tamanhos naturais, feitas com arame e polietileno. A instalação de Sayonara, que contará com participação dos espectadores, resulta numa espécie de plantação e colheita das rosas. "É uma intervenção urbana mesmo", conta Sayonara.

A dupla, que fez parte do grupo de vanguarda "Oxente", junto com Civone e Cunha, foi pioneira nesse tipo de intervenção artística no Rio Grande do Norte, isso há mais de dez anos. "Agora, que todo mundo está fazendo, nós já estamos buscando outra forma de linguagem e expressão artística", diz Guaraci. ■

# A arte do agora



Guaraci Gabriel e Sayonara Pinheiro

**Sânzia Pinheiro** (professora do Departamento de Educação/UFRN. Pesquisadora do GRECOM (Grupo de Estudos em Complexidade))

Arte de uma civilização reflete e se sintoniza com a percepção de mundo da sua época. As obras de arte são criadas por um processo mental, no qual o autor reconstrói o mundo percebido num espaço simbólico, refletindo percepções de mundo, dando ênfase e significado à diversas propriedades visuais e táteis.

Nos primeiros vinte anos do século XX a arte ocidental viu a janela da tela se abrir e, terrorizada, percebeu que nada havia. Os artistas fazem o fundo da tela avançar em direção a primeira linha até jogar o objeto para fora da tela. Porém a busca não para aí, como não parou a tecnologia e a ciência. Os artistas continuam a romper com aquilo que a Renascença chamou de arte.

A bifurcação na arte é elemento reagente do tumultuado e inusitado século XX. Ela faz sintonia com a nova aliança que o homem quer fazer com a natureza. Essa intenção se expressa em um dizer da artista Ligia Clark “Demolir o plano como suporte da expressão e tomar consciência da unidade como um todo orgânico. Nós somos um todo, e agora chegou o momento de reunir todos os fragmentos do caleidoscópio onde a idéia de homem estava partida em pedaços”. Talvez possa afirmar aqui que o Dadaísmo, o mais radical dos movimentos de arte, foi a primeira formulação, no século XX, da cosmologia que a arte contemporânea necessita.

No Rio Grande do Norte um momento de radicalidade se fez nos anos 80 com o “Grupo Oxente de Intervenção Ambiental”. Os artistas norte-rio-grandenses Sayonara Pinheiro e Guaraci Gabriel, em 1987, (além de Guaraci e Sayonara participavam Cícero Cunha e Civone Medeiros) realizam intervenções na cidade do Natal. O “Oxente”, assim como o movimento do Poema Processo, é divisor de águas na história das artes plásticas do Rio Grande do Norte. Se o Poema Processo foi uma ruptura na tradição da feitura poética do Estado, o “Oxente” vem romper com a tradição da pintura de cavalete, transformando meros estacionamentos de carros em verdadeiras obras de arte ao captar as formas do ambiente e ressaltá-las com simples pinceladas.

Como finos bricoleurs, os artistas poetizam resíduos de concretos em um bailado, no bairro da Ribeira. Realizavam intervenções no panorama cultural e espacial da cidade. Eram obras coletivas, numa tentativa de expandir o circuito da arte e a própria noção de obra de arte. A intenção era recuperar a qualidade subversiva do gesto artístico. Esses potiguares se sintonizam com um movimento nacional, pois nos 70 e 80 surge em São Paulo uma série de grupos de artistas como o “Manga Rosa”, “3nós3” e “Viajou sem passaporte” no espaço urbano e cultural da cidade.

A produção contemporânea de arte tem se movimentado no sentido de criar alternativas à esfera institucional. Essas alternativas são viabilizadas através de grupos de artistas. Fernando Cochiara, mapeou no início de 2003 no restante do Brasil, 40 grupos de artistas que possuem as mesmas características do “Oxente”.



São pessoas que se juntam para fazer algo sem um compromisso ou princípio de base, o acordo é viabilizar uma idéia, podendo o grupo continuar ou não.

É com esse espírito que o "Oxente" emerge. Em entrevista concedida a Anchieta Fernandes, no jornal O Galo, de junho de 1989, Civone, Guaraci, Sayonara e Cícero, dizem que querem ressignificar o conceito de grupo, pois não se fechava em componentes. Quem é Oxente? É um monte de gente que têm as idéias parecidas, soltas aqui nesta cidade, e que sozinhas não seriam nada. O grupo era uma necessidade de um ponto para várias pessoas se movimentarem, apresentar suas idéias. O nome veio de uma expressão utilizada pelas pessoas que viam o trabalho: - Oxente, que diabo é isso?

Foram muitas as intervenções do "Oxente". Instalação na Cidade da Criança, por ocasião de um dos festivais de arte promovido pela Fundação José Augusto; intervenções em um dos casarões antigos de Natal, na Bienal de São Paulo, de 1990; no Arco da Lapa, no Rio de Janeiro; no calçadão da João Pessoa, entre outras. Nas palavras de Dácio Galvão eram: "reinventores da beleza que fortaleciam a vanguarda norte-rio-grandense". Entretanto, quando perguntados por Anchieta Fernandes, se eram vanguarda, respondem: nada de vanguarda, de pós-moderno. Não existe este negócio, estar à frente. Porque o que é aqui, pode não ser ali ou acolá. O que é lá já não é aqui. (...) o que existe é uma sequência do que foi, vai sendo a visão da gente (...) seria apenas uma transformação. Quem vai interpretando, já vê de uma outra forma do que quem já viu antes. Por questão de ética do momento.

Porém, a contemporaneidade é o ocaso, o grupo se desfaz e cada um seguiu o seu caminho. Sayonara Pinheiro vai para Bruxelas, onde faz academia de Belas Artes e Guaraci Gabriel continua com intervenções na esquina do Brasil, como ele mesmo costuma dizer. Porém ambos continuam usando o espaço urbano para expor seus trabalhos. Cícero Cunha toma a vereda da filosofia e Civone Medeiros vai para Áustria.

Os artistas Guaraci e Sayonara são vizinhos do conceitualismo. Desenvolvem novos métodos para dar forma às idéias em termos visuais, e isso partindo de elementos que proclamam a complexidade da vida. O espaço onde a obra será exibida participa da obra num conjugar-se com o ambiente. Podemos citar, como exemplo, as duas obras que levam para a 3ª Bienal do Mercosul, em outubro de 2001, Guaraci com a "Flor", uma escultura que esteve exposta na ponte do Igapó e Sayonara com a instalação "De Fios e de Teias".

As flores de vida breve afirmam a mutação e o constante na natureza, nunca as mesmas flores, mas sempre a primavera. Podemos pensar que a flor que conhecemos na natureza retrata a fragilidade da vida. A flor de Guaraci é de metal, o artista tem dez flores expostas no Hotel Pirâmide, de aço inox. Podemos refletir a partir dessa obra o poder de vida que a ocidentalidade construiu, aprisionando Thanatos, a partir da ciência, da hipnotização e da tecnologia.

Na instalação de Sayonara Pinheiro "De fios e de Teias" temos projeção de slides sobre o papel distribuído harmonicamente no espaço. Essa obra realiza a idéia de sistema dinâmico, pois depois que o observador passa o movimento dos papéis não volta a situação precedente. Sayonara usa nesta instalação a sua mais significativa invenção. Para Bill Lundberg, artista vídeo instalação - Texas/USA, a artista inventou um filme sem filme. São fibras de vegetais que substitui a película do filme. As projeções são de dois tipos: a invenção da artista e fotografias da fotógrafa Candinha Bezerra. A primeira versão foi exposta em La Coruña - Espanha - no IV Congresso Hispano-Americano de Semiótica em 1999, e a segunda em julho de 2001, em Natal, no Espaço Cultural Casa da Ribeira.

A preocupação de mexer com a percepção de mundo do observador/fluidor está presente em todas as obras dos dois artistas no sentido de fazer com que as pessoas parem, saiam de seu automatismo, isso se faz presente em suas construções, como em suas vidas. Heidegger fala de uma simbiose entre a origem do artista e a origem da obra de arte. Um gera o outro num único processo de criação. Pois o artista é o que é através da obra. A obra é entre outras coisas, expressão do espírito do artista, suas percepções de mundo, interpretações, sinapses estão expostas na obra.

As obras de Guaraci Gabriel são marcadas pelo monumental. Trabalha com sucata, transformando em arte os resíduos da sociedade pós-industrial. Realizando, assim, o seu espírito bricoleur. Performático por natureza, possuidor de um humor ímpar. Ao olhar para a figura de Guaraci se vê um senhor de barba grisalha, muito sério. Mas basta um segundo para se perceber que o que parece não é, pois traz na sua genética o espírito contemporâneo do vir-a-ser.

Treze anos depois de caminhar na estrada que tudo liga, Sayonara Pinheiro experimenta as telas em uma técnica criada por ela, não são pinceladas que resultam do movimento de seu corpo, toma emprestado a face da natureza para com ela inscrever suas obras. Para Maria da Conceição Almeida, Nara, como costuma assinar suas obras, é uma "artista singela, leve, suave, mas também selvagem, arisca e rebelde." O pensador Edgar Morin, conferencista, se maravilha diante da instalação Trans-Forma e afirma que "Sayonara diz com arte o que eu só consigo dizer com palavras". Nessa obra, cria uma imagem que diz da idéia de calor cultural. E a atuação da artista no cenário da política cultural da cidade não é neutra, pois a mesma faz questão de tomar posição.

O espírito do artista contemporâneo é aquele que contempla vivamente a crise do Ser, expondo a necessidade urgente de compreender que agente se tece. Necessitamos um do outro para Ser. Talvez isso justifique a emergência de tantos grupos no Brasil e no mundo, pessoas que se juntam para fazer arte, viabilizar a invenção, construir novas percepções contribuindo na transformação da cosmologia mamífera humana. ■



# A epopéia cultural através dos gregos

**Laurence Bittencourt Leite**

(jornalista e mestre em Literatura Comparada pela UFRN).

Quem dá início nos manejos e contatos com a criação artística, qualquer uma delas - teatro, romance, poesia, artes plásticas, escultura, quadrinhos -, deveria se perguntar por que foi exatamente na Grécia antiga que a arte de forma ampla, rica e consistente teve início. Por que não foi com os egípcios? Ou com os assírios? Ou com os persas? Com os babilônios? Os fenícios? Ou mesmo com os hebreus ou judeus, povos anteriores aos gregos? Seria possível pensar que excetuando os gregos, todos os povos da Antiguidade eram bárbaros, literalmente, incluindo os romanos? Que só tinham interesse na arte da guerra, na política, no ataque, no saque, na conquista e na anexação de outras "tribos", em vez da criação artística e da arte da "pena"? Não é bem assim, digamos, mas há muito de verdade nisso, e é interessante pensarmos. Refletirmos.

Claro que sabemos, como todo bom aluno de História, que os gregos na antiguidade também foram um império, certo, mas também sabemos que o desejo belicista nunca foi a sua mola. E, excetuando Alexandre, o Grande, no declínio do império, todas as guerras em que os gregos estiveram envolvidos foram defensivas, isto



Deusa Atena com lança e escudo



é, não partiram deles. Essa reflexão nos leva a pensar que a “atitude mental” dos gregos, a sua formação cultural refletiu exatamente na criação e no seu legado artístico. Na verdade, parece mesmo que tudo que a civilização ocidental discute ainda hoje, principiou lá atrás, com eles. Parece mesmo que eles tinham mais interesse com o interno do que com o externo. Vejamos.

Toda base humanista-filosófica teve início com os chamados filósofos pré-socráticos. Ou seja, com os filósofos nascidos antes de Sócrates e continuado por este, Platão e Aristóteles. A medicina, através de um espírito mais científico, teve origem com Hipócrates. A matemática, com Euclides. A história, com Heródoto. A arte da oratória através de gênios políticos como Péricles, Alcebiades, o próprio Sócrates, para não falarmos da famosa democracia grega. Mas, então, não havia defeito entre os gregos clássicos? Claro que sim. E muitos. Mas é a conformação mental, se assim podemos falar, voltada para as artes ou aquilo que possa chamar-se de civilização, que impressiona, no caso deles, numa época tão distante da nossa.

Por outro lado, se tomarmos como base esses que são tidos como os primeiros “livros” em formato de poesia romanceada (a chamada epopéia ou poemas homéricos, disseminados naquele tempo, oralmente), que foram “A Ilíada” e “Odisséia”, do grego Homero, só aí, já temos muito que dizer desse povo. Homero, que, ao que tudo indica, era cego, viveu oito séculos antes de Cristo. Imaginem! E essas duas epopéias contam a história, ou trazem como pano de fundo a Guerra de Tróia, guerra travada entre gregos e troianos, outro povo da antiguidade.

No entanto, será com a arte dramática, ou seja, através do teatro, que os gregos clássicos irão marcar definitivamente nosso mundo com sua intenção e propensão para tentar entender o lado “metafísico” da existência humana. Uma das melhores definições de arte ou do papel da arte que eu conheço, continua sendo a do filósofo alemão Martin Heidegger, ao associar a criação artística com desejos metafísicos. É profundo. Desmonta toda pretensão de ligar a criação artística à ideologias de quaisquer natureza. A ideologia do artista, transcende ideologias partidárias. Por isso ela é eterna. Rompe barreiras, espaço, tempo, sendo por isso mesmo a grande crítica humanista e da humanidade. Mas, voltemos aos gregos e sua arte.

Como dissemos, será com o teatro, o teatro trágico em especial, que eles irão dar todo o incentivo a esse dom artístico humano. E foi através de um de seus estadistas, o grande Péricles, que veio a ser construído

o Paternon, local onde passaram a ser realizadas as encenações teatrais, como principalmente os grandes festivais (concursos) de teatro. Segundo dados do filósofo Platão (grego), algo em torno de 30 mil pessoas assistiam a essas festas. Mas os grandes nomes do teatro grego clássico, que legaram diversas peças até nossos dias, foram: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Foram os três grandes nomes do teatro trágico grego. Suas peças mais conhecidas são: “As suplicantes” e “Prometeu acorrentado”, ambas de Ésquilo; “Édipo Rei”, de Sófocles, e “Médeia” e “As troianas”, de Eurípedes. Houve também outros teatrólogos trágicos como Agatão, por exemplo, mas de menor densidade.

Os gregos também deram início a outro movimento chamado de teatro cômico (a comédia) através de um outro autor, Aristófanes, criador de peças como “As nuvens”, “Lisístrata”, “As rãs”, entre outras.

Mas por que toda essa preocupação em contar (mesmo que rapidamente) essa trajetória cultural e inicial dos gregos? Não há outro objetivo que não o de alertar a quem deseja, se interessa ou pode de alguma forma contribuir com a iniciativa artística, que se deve pensar e fazer cultura em todos os rincões, em todos os lugares, nos lugares mais distantes, menores e fazendo-a bem feita. Vejam o caso de um povo tão antigo como os gregos, sem as facilidades que bem ou mal temos hoje. No entanto, eles se deram ao trabalho de pensar e fazer cultura como algo que diz respeito ao interior (e exterior também) de cada um de nós. Do homem.

Certamente, que todo um ambiente mental, social, individual, como queiram, propício, é indispensável, e sem o reconhecimento, o olhar do outro, tudo é mais difícil. E quando se tem a ajuda de um estadista como foi o grande Péricles, aí então as coisas andam bem mais rápidas. E não me venham dizer que hoje a “cultura” instalada ou “aceita” é apenas a chamada “baixa cultura”. Nada do que veio à tona um dia é extinto. Apenas pode perder força ou faltar o apoio devido. Ficar em um estado de latência, digamos.

A cultura grega, que começou do zero, não morreu. Ao contrário. É dela, do seu início que se vem mantendo toda uma tradição que gerou e vem gerando pesquisas, universidades, cursos específicos (sobre arte), carreiras profissionais (a dos atores, por exemplo), jornais, revistas, educação formal e informal, empregos, salários, etc, etc. Daí a importância, permanente, de se fazer ouvir, de se mostrar, de escrever, de acreditar, de criar, de pensar a cultura como gente grande, e principalmente de cobrar com quem se comprometeu com ela. É isso aí.

# O sax potiguar de Urbano Medeiros



**Tarzan Leão de Sousa** (da Academia de Letras do Noroeste de Minas Gerais - Potiguar de Ipueira-RN)

Celebrado como um dos maiores saxofonistas da atualidade, Urbano Medeiros vive com sua família na bucólica Pará de Minas, cidade com cheiro de terra e de ruralidade. Aliás, acho mesmo que o seu nome encerra uma grande contradição: de urbano, ele só tem o nome. Um dia sugeri que ele acrescentasse o Rural. Algo como Urbano Medeiros Rural. Eu sei que ficaria risível, mas, pelo menos, não seria tão contraditório, posto haver optado por viver sempre no interior do Brasil: de São João do Sabugi (RN) a São Gabriel da Cachoeira (AM), com passagem por Campos do Jordão (SP), Paracatu (MG) e tantas outras cidades. Ele é tão urbano e igualmente tão rural.

Estive em sua casa algumas vezes. Pela manhã, ou ao entardecer, ficávamos nós dois conversando sob a sombra de suas romãzeiras, carregadas de frutos. Ali, enquanto ouvíamos o canto dos pássaros, pensamos em juntar nossas famílias e mudarmos de vez para uma roça, criar nossos filhos curtindo a água, a terra, o verde e as cores do Brasil rural, como ermitões pós-modernos. Ana e Regina cuidariam da escolinha, sempre cheia de crianças. Plantaríamos o suficiente para vivermos. E pronto. Isto foi um sonho. Um grande sonho alimentado pela sua música armorial, pela nossa tradição moura e, paradoxalmente judia como autênticos seridoenses que somos. Essa ruralidade aproxima Urbano de pessoas como Adélia Prado e Elomar, que escolheram a vida tranqüila do interior não somente para morar mas para, principalmente, a partir dela, produzirem uma obra igualmente monumental.

Urbano optou, também, por um trabalho voltado para doentes depressivos, viciados, terminais... Sai de casa em casa tocando sax, pondo em prática o seu sacerdócio. Um sacerdócio na acepção mais profunda do termo. Faz um trabalho grandioso. Sem holofotes. Sem câmeras. Sem alardes. Ser um dos melhores saxofonistas do mundo não o torna orgulhoso. Pelo contrário, deixa-o "o menor de todos". Sua música não se enquadra em nenhum esquema, em nenhuma tendência, muito embora sejam perceptíveis uma forte influência jazzística e armorial, faz a música do coração. Hesicasta. Vez por outra vêmo-lo todo vestido de preto, qual monge saído do legendário Monte Athos, a República Monástica do Oriente. A música de Santo Efrém Sírio é-lhe tão familiar quanto a do potiguar Felinto Lúcio Dantas, o músico agricultor que tem sua obra executada na Capela Sixtina, no Vaticano. Tem cheiro de terra. Lembra o canto dos pássaros; o vento que uiva na copa das árvores ou nas montanhas de Minas. Mas poderia ser em Ipueira (RN), Buritis (MG), Parintins (AM), perto da Casa Velha da Ponte, em Goiás Velho (GO)... Poderia ser aqui, ou aí. Não importa. Onde houver um cheiro de terra, de natureza, aí está sua música, sua inspiração.

Vive correndo mundos, levando a todos a sua arte. Argentina. Itália. França. Portugal. Sardenha. Inglaterra. Suíça... É ouvido na Lituânia. Na Ucrânia. Na Rússia. Em Israel. Na Síria. No Líbano. Suas gravações viajam pelos quatro cantos do mundo. Quem o ouve, logo viaja junto com ele. Mas suas raízes estão sempre presentes. Mas não são raízes cultivadas no alto dos edifícios. São raízes crescidas às margens do Rio Sabugi, na encosta da Serra do Mulungu. Raízes caatingueiras, sertanejas. Urbano Medeiros Rural. O monge. O semita. O pai de Beth e de Paulo Misael. O descendente de Marrano misturado com Mouro. O viajero. Um filho de Abraão, apenas. ■



## ESCRITURA POTIGUAR

**L**aércio Bezerra de Melo nasceu em Natal, xaria da rua da Conceição, na casa que hoje é anexo do Instituto Histórico e Geográfico. Amante da política, foi militante contra a ditadura, fato que lhe custou a fuga para o Rio de Janeiro, por dez anos e a demissão dos cargos de professor e diretor da Faculdade de Sociologia da FJA, que fundou em 1968. Foi também fundador (1986) e primeiro presidente do PSB/RN. Seu primeiro livro, “Lua Vermelha”, que sairia no final de dezembro de 68, foi proibido após o A.I.5. Tem um livro publicado em 1986, “Corpo Tacto”, pela Coojonat/Edições Pi’tåg. Formou-se em Sociologia e Ciência Política pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Foi aluno de Geraldo França de Lima, Manoel Maurício de Albuquerque, Marina São Paulo Vasconcelos, Miriam Limoeiro, Moema Toscano, Francisco Falcon, Michel Foulcault, Alain Touraine, Denis Rolland, Luiz Felipe de Alencastro, Jean Baechler e Henri Lefèbvre. É doutorando pela Universidade de Estrasburgo, França.

## Quatro substantivos

### 1. Margens

O outro rio  
existe  
como o que está  
dentro dele.

É o que não tem nome,  
o que não tem porquê.

O outro rio  
é o meu rio de gente,  
meu rio de ratos,  
meu rio sem dentes.

O outro rio  
que amo  
é o rio  
dos deserdados,  
o rio dos danados,  
o rio dos sem.  
O outro meu rio são as margens  
do rio,  
a alma das margens  
do rio,

o potengi  
dos infelizes.

### 2. A mesa

A mesa,  
na madeira,  
guarda as  
mãos  
dos que a frequentam.  
E grava,  
pelas  
mãos,  
os rostos  
e suas almas.  
Na mistura de  
mãos,  
o objeto novo:  
o laço.  
Do resultado,

a presença da  
mesa  
entre os amigos.  
Na ausência das  
mãos,  
a  
mesa  
entre os amigos.  
Do resultado,  
a mesa  
vira corpo.  
E as  
mãos,  
na madeira,  
viram mãos  
da mesa.

### 3. A árvore

De repente,  
No íntimo da  
Árvore,  
Transformações quase  
Mágicas,  
Transfigurações:  
Do galho  
Aparentemente morto,  
Deitado no ar,  
Molhado de vento,  
De aparência cinza,  
Surge o verde.  
Minúsculo e de vida,  
Mas como se gerasse  
Estrelas.  
O novo verde:  
De crescimento  
Pouco,  
Silencioso,  
Misterioso,  
De beleza  
Brusca e selvagem,  
Cheio de  
Árvores  
E de  
Frutos.



#### 4. Pássaro morto

|                     |         |
|---------------------|---------|
| Outrora             |         |
| Simplemente         | ovo     |
| De repente          |         |
| do que parecia      | simples |
| no abandono         |         |
| da forma morta      |         |
| a vida              |         |
| Depois              |         |
| os tropeços         |         |
| o vôo               |         |
| o êxtase            |         |
| O momento           |         |
| de dominar o        | mundo   |
|                     |         |
| Morto o             | pássaro |
| viaja a             | solidão |
| das asas sem espaço |         |
| pelos olhos         |         |
| dos homens          |         |
| que o viram antes   |         |
| ferindo o ar        |         |
| com movimentos      |         |
| de                  | ânsia   |
| redesenhando        |         |
| o céu               |         |
| o                   | corpo   |
| molhado de          | nuvens  |

#### Três poetas

##### Cora

|                 |       |
|-----------------|-------|
|                 | Cora  |
| da              | cor   |
| do              |       |
| fogo,           |       |
| rubra borboleta |       |
| encantada       |       |
| dos anos        |       |
| todos.          |       |
|                 | Cora, |
|                 | Cora  |
| linda,          |       |
| doçura          |       |
| da minha        |       |
| avó.            |       |
|                 | Cora  |
| das parideiras, |       |
| dos doces,      |       |
| das doceiras,   |       |
| das pernas      |       |
| moles           |       |
| de              | Amor. |
|                 | Cora  |
| das mulheres    |       |
| todas,          |       |
| das lições      |       |
| que             |       |
| me              |       |
| ensinou.        |       |
|                 | Cora  |
| do              |       |
| espaço          |       |
| inteiro,        | Goiás |
| Velho,          | Goiás |
| Novo.           |       |
|                 |       |
| do              | Cora  |
|                 | Tempo |
|                 | Todo. |

Miriam

Miriam  
Subiu ao céu  
Carregada de poemas.  
Entrou sem pedir licença  
(entrava na casa dela).  
Alguns anjos  
Perguntavam,  
Entre os poemas  
Melhores,  
O nome  
Do bem melhor:  
Era ela.

Tempo anunciado

*Uma oferenda e um amigo: para Lula Guimarães  
- este poema foi escrito e dedicado quatro dias  
antes da morte do poeta.*

Nunca mais vi a estrela  
da manhã  
pois a noite  
passou a ser meu sono  
(já foi sonho)

Acordei me vendo que dormira  
(era verdade)

As estrelas  
se haviam  
dissolvido

A manhã se mostrava  
na garganta  
do galo  
de cristal  
indissolúvel

O sol  
se queimava de alegria  
quando a bruxa  
da noite  
me queimava

Os corações ardentes  
de boemia  
viam a noite morrer  
dentro do dia  
Meu desejo da noite  
era fecundo  
mas meu corpo  
noturno  
amanhecia

Não vi o doce anjo  
que nos leva  
deste mundo do sol  
tão desprovido  
ao coração  
da noite que nos ama

A noite me chamava  
amante e bela  
e a ponte  
que nos leva

inexistia



1  
P  
O  
R  
T  
3  
1

**Clotilde Tavares** (escritora)

**Romancista:** Gabriel Garcia Marquez

**Poeta:** William Shakespeare

**Livro:** Cem Anos de Solidão

**Filme:** Quanto mais quente melhor

**Diretor/Cinema:** Frank Capra

**Ator/Atriz:** Al Pacino

**Pintor:** Dorian Gray

**Cantor/Cantora:** Tom Waits

**Compositor:** Lennon & MacCartney

**Música:** A day in the life

**Peça teatral:** Hamlet

**Intelectual:** Bráulio Tavares

**Personalidade cultural do RN:** Deífilo Gurgel

Casas de cultura

Casa de Cultura de Caicó, no sobrado do Padre Guerra



# Cidades do interior

Casa de Cultura de Nova Cruz, na antiga Estação Ferroviária



## renascem culturalmente

**Por Gustavo Porpino**

**Fotos: Ivanísio Ramos**

O sobrado do Padre Brito Guerra, em Caicó, e a antiga estação ferroviária de Nova Cruz ganharam vida. Nesses dois belos patrimônios arquitetônicos e históricos do Rio Grande do Norte, foram instaladas as duas primeiras Casas de Cultura Popular. Até o início do próximo ano, a Fundação José Augusto, com o apoio do Governo do Estado e das Prefeituras Municipais, pretende entregar às comunidades do interior vinte Casas de Cultura. “O povo, feitor e objeto da cultura, será o avalista do nosso trabalho”, diz o presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre.

O próximo município a abrigar uma Casa de Cultura será Martins. Compromisso de campanha da Governadora Wilma de Faria, as Casas de Cultura Popular são espaços físicos para fomentar a produção cultural do interior. Os prédios, alguns de importância histórica e sentimental para cada cidade, comportam mini auditório, galeria de arte, biblioteca e salas para oficinas de artes plásticas e cênicas. “A restauração e edificação das Casas de Cultura Popular são etapas fáceis. O mais difícil e imprescindível é sua manutenção e a continuidade de suas ações”, afirma a governadora Wilma de Faria.

“As Casas são a síntese do projeto de interiorização da cultura. Vamos estimular a cultura de cada local, mas para isso precisamos manter fixo um calendário de atividades, além de um conselho gestor capaz de manter em funcionamento a programação de cada ano”, explica François Silvestre.



Nova Cruz, principal município da região Agreste potiguar, foi a primeira cidade a receber uma Casa de Cultura. Instalada na antiga estação ferroviária da cidade, construída em 1883, a Casa de Cultura Popular Lauro Arruda Câmara, devolve a Nova Cruz o casarão que por várias décadas foi orgulho dos novacruzenses. “Mais importante do que a restauração deste prédio é o que ele vai abrigar e irradiar daqui para frente”, destaca o jornalista Cassiano Arruda, filho mais velho de Lauro Arruda Câmara. “Não tenho medo de afirmar que poucos são tão merecedores de serem guardados na história de Nova Cruz”, afirma, agradecendo a homenagem prestada ao pai.

A inauguração da Casa de Cultura Popular Lauro Arruda Câmara contou com a participação dos artistas potiguares Isaque Galvão, Jeane Souza, Carminha Medeiros e Edson Moura, a “Fanfarra Dragões da Independência”, o “Boi de Reis de Manoel Marinho”, o maracatu e ciranda de Passa e Fica e a exposição de quadros do acervo da Pinacoteca do Estado. “Nova Cruz e o RN não estão querendo só comida e emprego. Nova Cruz e o Rio Grande do Norte estão querendo diversão e arte”, destacou Cassiano utilizando uma frase da música “Comida” dos Titãs.

A restauração da antiga estação de trem significa o resgate de uma parte da história de Nova Cruz marcada pelo progresso. “Aproveitaram muito bem um prédio que não servia mais para nada. Nova Cruz foi uma cidade de médio porte. Tinha de tudo. Fábricas de rede, calçados, sabão e curtume. Caiu muito”, lembra Reinaldo de Oliveira, 77 anos, proprietário da Casa Globo, comerciante em Nova Cruz há 60 anos.

Os educadores de Nova Cruz também celebram a chegada da Casa de Cultura Popular. A professora

Elenilda Maria Santos Alves, supervisora da Escola Estadual Rosa Pignataro, acredita que o projeto serve de “estímulo se realmente o jovem participar das atividades e descobrir suas aptidões. O mais importante é colocar em prática. Ir além da reforma. Agora o prédio pode ser utilizado em prol da comunidade”.

Rogéria Lins de Albuquerque, 41 anos, professora da Escola Estadual Alberto Maranhão, trouxe a filha Ana Clara Albuquerque Moreira, 19 anos, novacruzense, estudante de Ciências Contábeis da UFRN, para conhecer a Casa de Cultura Popular Lauro Arruda Câmara no primeiro dia de funcionamento. “Ela nunca viu o trem correndo nestes trilhos. A Casa de Cultura vai servir de espaço para exposições e o jovem estando com a mente ocupada com coisas boas, que o façam crescer, não vai se envolver com drogas ou prostituição”.

A professora faz algumas sugestões. “Acho que deveria ter uma sala dedicada a história do prédio e com tudo que estivesse relacionado a história de Nova Cruz. Aqui tinha um sino. Quando o trem estava chegando, batiam. O sino da estação era um símbolo da cidade. Não sei onde está”, lembra.

A assessora de Planejamento de Nova Cruz, Marily Campos, já planeja criar um pequeno museu sobre a estrada de ferro. Os objetos antigos estariam com a Rede Ferroviária Federal, em Recife. “A RFFSA recolheu tudo de Alagoas ao Rio Grande do Norte, e trancou em seu depósito no Recife, o maior problema é retirá-los”.



*Presidente da FJA, François Silvestre e Governadora Wilma de Faria durante inauguração da Casa de Cultura de Nova Cruz*



# 1º FESTIVAL DO VÍDEO POTIGUAR DE MOSSORÓ

Cultura sobre tela





# A fronteira móvel do vídeo potiguar

**Valério de Andrade**

(Diretor do Festival de Cinema e Vídeo de Natal)

A partir deste ano a Mostra de Vídeo Potiguar deixou de ser um evento localizado em Natal para se transformar em Festival Móvel, sem fronteiras geográficas, que poderá ser visto em qualquer cidade do Rio Grande do Norte. Além de democratizar e ampliar substancialmente o seu alcance popular, o que até então era um núcleo do Festival de Cinema de Natal, adquiriu autonomia e deixou de ser o complemento dos filmes de longa-metragem.

Antes do FestNatal inexistia, entre nós, um espaço para a exibição das produções natalenses. O Festival abriu a janela que faltava para o vídeo potiguar, permitindo maior visibilidade ao filme e gerando o estímulo da competitividade e o reconhecimento através da premiação.

A aceitabilidade popular das exposições na Casa da Ribeira e a existência de obras produzidas já em função da Mostra Potiguar determinaram a criação do Festival Móvel, que foi testado com êxito em Mossoró, com a projeção na Estação das Artes de 16 títulos, entre os quais, quatro são produções locais. A prefeita Rosalba Ciarlini incluiu o Festival de Vídeo no Calendário Anual e instituiu o prêmio Sol da Liberdade para os vencedores escolhidos pelo Júri Popular.

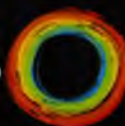
Além de abrir um espaço para a programação cinematográfica no interior do Estado, em locais onde os antigos cinemas haviam se transformado em matéria de memória, o Festival Móvel do Vídeo Potiguar estabelecerá um intercâmbio cultural e funcionará como um estímulo à produção filmica regionalizada.

Patrocinado pelo Banco do Brasil em parceria com a Prefeitura de Mossoró, sob a coordenação do Círculo de Arte do Nordeste, a primeira edição do Festival Móvel teve como vencedores o documentário “Chuva de Bala no País de Mossoró”, dirigido por Anselmo Duarte Júnior, e na categoria ficção “O Berço” realizado pelos alunos do Centro Educacional Imaculada Conceição de Macaíba e dirigido por Rogério Silva.

A partir de agora o Festival Móvel do Vídeo Potiguar será interiorizado sob a coordenação da Fundação José Augusto e o patrocínio do Banco do Brasil. Já estão programadas edições em Caicó, Macau, Curais Novos e Martins.



Círculo  
de Arte do  
Nordeste





Texto e ilustração: **Mário César Rasec** (poeta)

**T**orna o dia em cinzas e todos não sabem onde estão. Por trás das máscaras, no medo e na angústia. Mas eles estão rindo, cantando e distraídos no seu mundo. No parque de diversões não há crianças brincando, mas o som dos brinquedos que, mesmo sem elas, giram suas engrenagens, chama minha atenção como se quisesse me revelar algo que finge não está ali. Mas estou atento ao que por milênios e milênios passa despercebido. Estou só e ouço verdades por baixo dos murmúrios.

Esse dia começou com um grito e terminou com meu silêncio percorrendo o universo.

A cada momento que a vela treme me pergunto se não estou só. Mesmo que o mundo cambaleie haverá sempre o mesmo equilíbrio por trás de todas as coisas. E Ele está aqui, com seus inúmeros mundos, sem sexo e sem mentiras; caminhando através do vento, ou mesmo sobre as ondas do mar; usando o brilho das estrelas para desviar minha atenção. E não através de gritos, nem de orações, mas através do meu lamento firme, constante e tão cálido quanto à vela e tão frio quanto à chuva, eu anuncio para Ele minha presença, lhe entregando minha culpa e minha esperança.

Eu não sei pra onde elas vão, mas elas sempre voltarão. O retorno é eterno, embora sempre exista um lugar novo e distante pra ir.

Às vezes tudo termina em cinzas...

Às vezes com as cinzas vem a paz.

Mas eu estava lá, cansado, esperando o mensageiro, velho, moribundo, mas que sabia exatamente o que fazer quando encontrasse aqueles velhos portões no fim da rua. Ele diria meu nome e eu me lembraria. Sim, eu me lembraria. Lembraria dos dias que caminhei a seu lado no outono, e como era lindo as folhas caindo no seu rosto. Lembraria como era se sentir revigorado a cada fim de tarde com seu abraço. Sim, eu me lembraria. Todas suas palavras, todos seus beijos, e suas promessas adiadas para outras vidas.

Ah, no fim daquela outra rua havia uma taverna, e a música vinha de lá. Tão cálida quanto teus olhos tenros. E nas últimas noites eu esperei tua visita, mas você não veio e tive que esperar o dia amanhecer, mas eu não me lembrava de mais nada, e tudo foi tão frio e triste desde então.

Mas, um dia você voltou, com outro nome e com um rosto que era difícil ver debaixo da luz do sol.

Mas eu não mais te amava.

Lancei-me ao mar, ao abismo, ao silêncio lá embaixo, e ninguém segurou minha dor quando despenquei. Um mar de silêncio. A culpa, que me fez companhia toda a tarde, foi dar um passeio e fiquei aqui sentado decifrando o mundo ao meu redor. Tentei me esquivar, tentei me proteger, passar despercebido dos teus olhos. Mas em cada esquina, por trás de cada porta, e em cada olhar vi teu nome. 

# Rompendo o universo



# O realizador de sonhos



**Por Tácito Costa, Gustavo Porpino e Cid Augusto**

**Fotos: João Maria Alves**

Com um bom humor e uma disposição de fazer inveja, o professor Vingt-un Rosado chega aos 83 anos, agora em setembro, comemorando o lançamento do quadrimilésimo título da Coleção Mossoroense - fundada por ele na década de 40 - "Reflexões sobre o Nordeste", escrito por Benedito Vasconcelos Mendes. Nascido aos 25 de setembro de 1920, no sítio Canto, em Mossoró, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia foi o último dos 21 filhos de Jerônimo Rosado e Isaura Rosado Maia. Hoje é o único vivo dessa geração. É casado há mais de 50 anos com a socióloga América Fernandes, com quem teve cinco filhos. Agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura de Lavras/MG, fundador e ex-diretor da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e autor de "Mossoró", livro que conta a história da cidade, escrito quando tinha 20 anos.

Não é difícil perceber as paixões que movem esse homem, que, embora com sérios problemas cardiovasculares e de audição, não esmorece e nem pára de sonhar e realizar. Na parede externa da casa, no bairro Alto de São Manoel, estão afixadas placas de bronze relatando as fases da Coleção Mossoroense. Na parede da varanda, que dá para uma área verde, estão cimentados fósseis do Mesozóico, de cerca de 90 milhões de anos. Numa tarde quente de julho, o professor Vingt-un, como prefere ser chamado, nos recebeu na sua biblioteca, na ampla casa no bairro Alto do São Manoel. A entrevista transcorreu num clima de descontração, mas teve dois momentos em que Vingt-un se emocionou: quando falou do seu amor por dona América e da morte prematura do irmão Dix-sept, num desastre aéreo poucos meses depois de ter sido empossado governador do Rio Grande do Norte.

Conheça nas páginas seguintes um pouco mais da vida venturosa e aventureira desse grande potiguar.

**PREÁ** – O senhor está hoje para Mossoró como Cascudo esteve durante muitos anos para Natal. Como se sente sendo essa referência cultural?

**VINGT-UN** – Não diminua Cascudo {risos}.

**PREÁ** – Como nasceu o seu interesse pela Literatura?

**VINGT-UN** – A minha amizade com os livros começou por volta de 1933, quando eu estudava no Colégio Santa Luzia. Depois, fui eleito bibliotecário da Biblioteca Cônego Estevão Dantas. A mania começou aí. Uns três anos depois, Cônego Jorge, que era um homem notável, cientista de visão, convidou Cascudo para fazer umas conferências no Santa Luzia. Cascudo “envenenou” todo mundo. Na época, eu tinha 16 anos. Cascudo disse, na ocasião, que uma cidade como Mossoró não podia deixar de ter uma história. Então eu comecei a pesquisar, a juntar papel, com pouco mais o livro estava pronto. Eu desconfiava do meu português, pedi ao doutor Américo de Oliveira Costa: – Américo, dê uma olhada aí, veja se está mais ou menos. Américo deu uma melhorada. Quando surgiu a Biblioteca de História Norte-rio-grandense, fundada por José Augusto, Aluizio Alves e Hélio Galvão, colocaram-me lá no meio. Meu livro foi publicado por essa biblioteca. Foram impressos 500 exemplares, que custaram em moeda atual 2 reais e meio. Dona Isaura, minha mãe, é que pagou, pois eu não tinha dinheiro. Hoje só tenho um exemplar desse livro {“Mossoró”}.

**PREÁ** – Por que “Mossoró” nunca foi reeditado?

**VINGT-UN** – Mossoró tem três histórias oficiais: a minha, que é de 1940; tem a de Francisco Fausto, que já estava espalhada em jornais, eu juntei e fiz um livro, e a de Cascudo. Havia, por exemplo, a história do Padre Longino. Já ouviu falar em Padre Longino? Foi o primeiro padre e o primeiro cangaceiro que Mossoró deu. Era filho de uma família ilustre, que liderava a cidade; alguns foram prefeitos, presidentes da Câmara

Municipal. Ele morava em frente à Catedral. Matou gente, mandou matar... Os inimigos deles se chamavam Butragos. Certa vez o entrincheiraram e passaram a noite atirando. Viveu nessa vida de cangaceiro alguns anos, até que resolveu ir embora para o Piauí e Maranhão. Foi, trabalhou lá com umas tribos de índios, muito tempo depois, voltou. Um dia, um cobrador de Mossoró, que fazia cobranças estrada afora, encontrou Padre Longino. Ele vinha vindo, cego, pobre, voltando para a terra dele. Quando o camarada chegou a Mossoró, contou a história: – Padre Longino vem aí, pobre, cego, passando dificuldades. Então, umas 50 pessoas foram esperá-lo na entrada da cidade. Quando o encontraram, um camarada perguntou: – Então, Longino, cegou, né? Ao que o padre respondeu: – Ceguei de ver tanta gente ruim! Isso é que era um espírito! Quando ele foi embora, levou um monte de pessoas, inclusive uma amante, a mulher de um empregado dele, mais um irmão. Quando ele estava morando em Mossoró, chegou um dia à Igreja e disse: – Hoje vou celebrar uma missa para o Diabo. Não ficou ninguém! {risos}. Francisco Fausto tem uma monografia excelente sobre ele.

**PREÁ** – Quem mais o incentivou no início da sua carreira de escritor?

**VINGT-UN** – Jorge O’Grady Paiva foi um. Era um homem culto, cientista, escreveu até um dicionário de Astronomia. Era muito culto e muito tolerante. Eu me lembro de que fiz uma prova de latim e ele era meu professor. Colei toda a prova e ele nem olhou, botou sete {risos}. Era uma grande figura humana, morreu no ano passado, me parece. Foi ele que trouxe Cascudo a Mossoró. Cascudo disse que Mossoró precisava ter uma história, então eu fui nessa conversa fiada. Escrevi e publiquei em 1940. Tinha 20 anos.

**PREÁ** – O senhor vem de uma família de políticos, mas a política o seduziu por pouco tempo. Por quê?

**VINGT-UN** – Eu perdi uma eleição {em 1968, para prefeito de Mossoró}. Foi um grande benefício que Aluizio {Aluizio Alves} me fez {risos}. Eu pensava que ganharia a eleição por 3 mil votos, não ia não, ganharia por pouquinho. Aluizio chegou aqui, passou setenta e tantas horas em cima de um caminhão e me derrotou. Perdi por 94 votos. Passei um mês brigado com Antônio Rodrigues, que ganhou, mas ele era meu amigo. Ele me procurou duas vezes: uma vez em Tibau, para dizer que não seria candidato se eu fosse. Eu disse: – Não, Antônio, eu vou lá ser candidato!... Então, quando resolvi entrar na campanha, ele já estava lá na frente.

Vingt-un com Cid Augusto e Dona América Fernandes





Um mês depois da eleição, vendo que ele tinha razão, fiz as pazes com ele. Aluízio veio fazer a campanha e, junto com as “senadoras”, passou 72 horas nas ruas. Chegou à casa do deputado Mota Neto com os pés esfolados, se acabando, morrendo. Veio um pessoal da roça dizendo que, se ele não fosse fazer comércio na roça, perderia. Então, o deputado Mota Neto disse: – Não peçam isso, vocês vão matar Aluízio {risos}. Aluízio respondeu que a obrigação dele era ir. Foi, andou a área rural toda e acabou me derrotando por 94 votos. Hoje, é meu amigo. Quando era ministro, me ajudou na direção da escola (ESAM – Escola Superior de Agronomia de Mossoró). Tinha umas coisas que eu ia lá para pedir e ele sempre me atendia. Há uns cinco anos, ele me pediu o meu programa de governo, que eu tinha publicado, prevendo a construção de mil obras. Ele leu e disse ter ficado impressionado.

**PREÁ** – O senhor conhece mais alguém que tenha registrado em currículo haver sido candidato derrotado a alguma coisa?

**VINGT-UN** – No meu currículo tem: candidato derrotado a prefeito de Mossoró em 1968. Eu era diretor da Esam. Vieram umas pessoas de Brasília fiscalizar umas coisas lá na Escola. De repente, um empurra a porta da minha sala e diz: – Eu vim lhe dizer uma coisa. Tudo que você disser eu assino embaixo. Eu perguntei: Por quê? Ele respondeu: “Eu nunca vi o sujeito dizer num currículo que foi candidato derrotado”. O meu programa de governo foi elaborado por Antônio Campos e Silva. Eu ia dizendo a ele o que queria fazer e ele ia organizando, chegando a mil obras. Antônio era um gênio, morreu num desastre estúpido, na rodovia 405, próximo a Mulungu. Ele era um péssimo motorista. Tinha feito uns três vestibulares, sendo reprovado em todos. Anos depois, fez vestibular para Geografia e conseguiu entrar no Instituto de Antropologia, atual Museu Câmara Cascudo, onde desenvolveu um programa notável.

**PREÁ** – O que esse programa de governo preconizava para a cultura?

**VINGT-UN** – Bibliotecas populares, bibliotecas volantes, um bocado de coisas.

**PREÁ** – Mas, mesmo sem ter sido eleito, o senhor chegou a criar várias bibliotecas.

**VINGT-UN** – Criei indiretamente. Eu fiquei na biblioteca do Santa Luzia, depois estive em Recife e em 1940 cheguei a Lavras (MG). Eu havia sido reprovado em três vestibulares. Então, o conselho de família se reuniu e disse: vamos tentar mais uma vez, vamos mandá-lo para Lavras, onde estuda Ivan, que era um

sobrinho nosso, filho de Aldo Fernandes, uma grande figura humana. E lá fui eu para Lavras. Foi minha felicidade: consegui passar e conheci dona América {risos}. Em Lavras, eu me meti com biblioteca outra vez. A biblioteca do Centro Acadêmico teve, durante muitos anos, o nome de Vingt-un. Passados uns anos, eles resolveram incorporar a Biblioteca Vingt-un à Biblioteca Central. Andei lá um tempo desses e encontrei muitos livros com essa letra horrível que eu tenho. Lá, eu fiz um trabalho grande para completar a Brasileira. Depois, eles resolveram desativar e levar os livros da Brasileira para a Central. Quando deixei Lavras, não fui para a guerra, não. Fui convocado, mas não cheguei a ir.

**PREÁ** – Onde o senhor serviu?

**VINGT-UN** – Fui soldado em Deodoro (MG). Havia um sargento, chamado Inácio, que era muito culto e tinha sido padre, alguma coisa assim. Eu disse: Inácio, o dinheirinho que você me paga aqui é muito pouco, mas eu vou lhe entregar todo mês para você comprar livros. Então durante aquele resto de tempo que eu fiquei lá, lhe entregava o que eu recebia para que ele comprasse livros. Se não fora jogados fora, esses livros ainda estão lá. Isso foi em 1945.

**PREÁ** – E a Biblioteca Municipal de Mossoró?

**VINGT-UN** – Em 1948 havia a UDN e o PSD. O PSD era liderado pelo deputado Mota Neto e vinha derrotando sistematicamente a UDN. Até que os amigos resolveram desafiar Dix-sept, que era político para ajudar os amigos e tinha convivência com os cassacos (trabalhadores da área de gesso), tomava café com eles em quenga de coco, dormia nas barracas onde os operários dormiam. Então tinha uma base muito grande e natural. Ele findou aceitando o desafio. Ele não queria. Sua intenção era mesmo ajudar os amigos. Ele não era homem culto, fez o ginásio por insistência da família. O adversário dele sim, esse era um homem





grande prefeito de Areia Branca. O livro dele é muito precioso. Depois, quando Vingt era prefeito, eu comecei a cutucá-lo. Disse a ele: “Existem duas Histórias de Mossoró, a minha, que é fraquinha; a de Chico Fausto, nossa maior autoridade, que é meio desorganizada, fragmentada. Por que você não convida Cascudo para escrever a História de Mossoró?”. Então Cascudo escreveu o livro, que está na quarta edição. Portanto, as duas publicações que abriram a Coleção Mossoroense, em 1949, foram a minha e a de Chico Fausto.

**PREÁ** - Quantos títulos a Coleção Mossoroense já publicou?

**VINGT-UN** - Nós estamos completando este mês {julho} quatro mil títulos. Um mil trezentos e tantos livros e o restante na forma de folheto. O quadrimilésimo livro, “Reflexões sobre o Nordeste”, foi escrito por Benedito Vasconcelos Mendes, considerado a maior autoridade brasileira em semi-árido.

**PREÁ** - Dentre essas quatro mil obras editadas, quais as que tiveram maior tiragem?

**VINGT-UN** - Olhe, nossas tiragens são mínimas, ficam em cerca de 200 exemplares. Mas nós tivemos uma fase mais fértil, quando contamos com a ajuda do CNPq e chegamos a fazer edições com três mil exemplares, como o livro de Felipe Guerra. Consegui esse dinheirinho com o CNPq e fiz alguns livros com tiragens altas. Distribuí o livro de Felipe Guerra, “Seca contra seca”, que é um clássico, por tudo quanto é biblioteca, universidades, pesquisadores, instituições, o que tornou Felipe conhecido no Brasil. Só não é muito conhecido no Rio Grande do Norte. Quando quiseram mudar o nome do município de Felipe Guerra para Pedra da Abelha, que era o nome anterior, nós fomos lá, falamos com os vereadores, e fomos muito bem tratados. Acredito que permanecerá o nome de Felipe Guerra.

**PREÁ** - Quantos livros o senhor editou sobre a seca?

**VINGT-UN** - Setecentos e tantos.

**PREÁ** - A Coleção Mossoroense é reconhecida por intelectuais de outros Estados e até do exterior. Aqui no RN, ela tem o devido reconhecimento?

**VINGT-UN** - Aqui no RN... Acho que não.

**PREÁ** - Dentre todas as obras que editou, quais as que o senhor julga mais importantes?

**VINGT-UN** - Eu sou acusado de publicar tudo que me trazem {risos}. Há um pouco de verdade nisso. Com esse procedimento, nós editamos Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas, João Batista Cascudo Rodrigues... Há

dezenas de pessoas do melhor nível, mas, de vez em quando, alguém me pergunta: – Mas como é que você publica isso?! Eu digo: – Deixe, esse é mais fraco, depois vem um melhor. Muitos dizem: – Eu nunca vi um editor publicar tudo que recebe... Mas é verdade. Eu só não publico quando não tenho dinheiro. Dizem que eu publico também muita plaqueta. Mas olhe, são dois mil folhetos publicados contra mil livros. Há plaquetas que trazem coisas importantes. Por exemplo, “Possibilidades de Petróleo”, de Branner, foi uma plaqueta, não é um livro. Só não publico quando não tenho dinheiro, o que é muito freqüente. Vou lhe contar uma história dos ricos daqui de Mossoró: Minha esposa estava fazendo um mutirão, arrecadando valores em dinheiro a partir de 10 reais. Então, um homem, que é talvez um dos mais ricos de Mossoró, disse: – “Coleção Mossoroense?... Nunca ouvi falar nisso. Em que você vai empregar esses 10 reais?” Ela desligou o telefone.

**PREÁ** - De onde vem o dinheiro para tantas edições? É verdade que o senhor já recorreu a agiotas para editar algumas obras?

**VINGT-UN** - Recorri, não... Recorro {risos}. A Coleção passou por algumas fases. A primeira delas foi a da prefeitura: de 1948 até 1974. De 74 até 78, foi a fase mais rica, porque foi patrocinada pela Fundação Guimaráes Duque, que eu criei aqui pela ESAM. Então, a gente tinha dinheiro para comprar o papel, para publicar o livro e mandá-lo para fora. Conseguimos um convênio com o CNPq, que nos possibilitou publicar edições com três mil exemplares. Vivemos também tempos difíceis. Houve uma crise na escola (ESAM), da qual eu e Benedito tivemos muita culpa. Houve a primeira eleição direta e foi eleito um rapaz que eu acredito que poderia ter feito uma administração razoável, mas tinha uns amigos radicais que eram de lascar. Nos dois últimos anos de sua gestão, Pedro Almeida, como Secretário de Educação, repassou-nos cerca de R\$ 140 mil. A Petrobrás, de quem eu vinha ‘marretando’ aqui e ali, tem sido muito generosa. Preparei um projeto e eles



Na Fundação Vingt-un Rosado



me deram R\$ 97 mil. Agora nós estamos preparando dois projetos, no valor de R\$ 150 mil, com a Secretaria Estadual de Educação, e outro no valor de R\$ 112 mil, com a Petrobrás. Se falharem, nós ficaremos naquela base. Mas a gente tem outra fonte de recursos, que é a colaboração do autor, que entra com uma parte do que é gasto no livro.

**PREÁ** – O senhor tem tido a sorte de contar com amigos nesse trabalho de edição.

**VINGT-UN** – É verdade. Por exemplo, Formiga {Manuel Marcos Maciel Formiga}, que era Superintendente da Sudene. O livro das “Sesmarias” estava dormindo lá no Instituto Histórico há um século. Quando Formiga assumiu a Superintendência, eu o procurei e lhe disse: Formiga, tem um secretário de Educação que não dá mais nem uma resma de papel (Luís Eduardo Carneiro). Eu queria que você me desse R\$ 8 mil para eu comprar um papelzinho. Ele achou graça e me disse: – Eu já lhe ajudei diversas vezes, conheço o seu trabalho, mas negativo: eu não vou lhe dar R\$ 8 mil; vou lhe dar R\$ 18 mil. Aí, eu pensei: mas R\$ 18 mil de papel, o que eu vou fazer?... Então, resolvi editar as “Sesmarias”. Para isso, procurei Olavo Medeiros, que considero o maior historiador do Rio Grande do Norte de todos os tempos. Olavo me disse: – Não se meta a digitar. Se você for digitar, vai levar dez anos nisso. Faça uma edição fac-símile. Então, com os R\$ 18 mil, eu reeditei as “Sesmarias”.

**PREÁ** – O senhor editou quantos livros de Cascudo?

**VINGT-UN** – Os primeiros quatro livros de Cascudo estavam esgotados. Natal não dava bola para eles. Nós os reeditamos aqui. E reeditamos mais sete. Onze livros de Cascudo estavam lá mofando na primeira edição. E dona Dália reconheceu que Mossoró foi pioneira nas comemorações do centenário de Cascudo. Foram onze livros que tiveram a segunda edição em Mossoró.

**PREÁ** – Como era seu relacionamento com ele?



Entrevista na biblioteca

**VINGT-UN** – Sempre que ia a Natal, o procurava. Ele era muito generoso e recebia todo mundo. Não há ninguém que tenha escrito qualquer coisa no Rio Grande do Norte sem que tenha sido incentivado por Cascudo. Ele sempre me recebia muito bem, me orientava, me estimulava. Isso ele fez com centenas de pessoas.

**PREÁ** – Quantos livros do senhor foram publicados?

**VINGT-UN** – Não me considero escritor. Eu organizo livros. São cerca de 511, entre livros e folhetos organizados.

**PREÁ** – Quais os da sua preferência?

**VINGT-UN** – Os livros que mexem com pedra. Livros de paleontologia.

**PREÁ** – Quantos autores novos foram lançados pela Coleção Mossoroense?

**VINGT-UN** – Mais de 300, em todo o Estado.

**PREÁ** – Com quem o senhor conta para fazer todo esse trabalho?

**VINGT-UN** – A estrutura é muito pobre. Conto com Caio César Muniz, que é um bom poeta, já foi presidente do movimento Poema – Poetas e Prosadores de Mossoró. Caio é meu digitador.

**PREÁ** – O senhor dá preferência ao autor local?

**VINGT-UN** – Não. Há mais gente de fora que de Mossoró. Tem gente até do exterior. Alguns livros são raridades bibliográficas... Por exemplo, “Geologia Elementar”, de John Casper Branner. Esse livro eu reeditei três vezes. Para a primeira reedição, eu pedi ajuda de uma entidade chamada Aplub. Pois não é que a Aplub era dirigida por dois descendentes de potiguarês!... Eles me atenderam com muita alegria e me deram 25 contos, com os quais fiz a segunda edição. A terceira fiz no ano passado. Branner foi um grande amigo do Brasil e um dos profetas do petróleo na nossa região. Ele foi presidente da Universidade de Stanford, escreveu uma gramática portuguesa em inglês e organizou uma biblioteca com 20 mil volumes dedicados ao Brasil.

**PREÁ** – Tem algum livro que o senhor ainda gostaria de editar?

**VINGT-UN** – Acho que com “Sesmarias” eu esgotei a minha capacidade de editar livros de interesse para o Rio Grande do Norte. Vamos ver agora se Deus manda os meninos descerem das estrelas para irem às noites de autógrafos. Estou acompanhando com entusiasmo esse trabalho de Abimael, do Sebo Vermelho, um trabalho

realmente notável. Depois de mim, modéstia à parte, é quem lançou mais livros no Rio Grande do Norte.

**PREÁ** – Como o senhor teve a idéia de criar a ESAM?

**VINGT-UN** – Eu era estudante em Lavras, isso em 1941. No edifício Álvaro Botelho havia aula de matemática. Minha cadeira ficava bem perto da janela e eu começava a namorar Mossoró de lá. Namorar e pensar: “Será que, algum dia, terei forças para fazer uma escola parecida com essa?” Bom, os anos passaram-se, até que Dix-huit foi nomeado presidente do INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, atual Incra). Então, ele veio aqui em 1967. Eu lhe disse: – Amigo, aquele negócio doido de fazer a escola de agronomia, você topa entrar nisso? Ele pensou, pensou e quando foi mais tarde mandou me chamar: “Mande criar a escola de agronomia pela prefeitura”. Aí eu chamei João Batista Cascudo, que era o mago da educação universitária em Mossoró, e lhe disse: – João, faça aí um decreto criando a Escola de Agricultura de Mossoró. E fui para a prefeitura pegar a assinatura do prefeito. O prefeito não sabia de nada. Uma hora esperando ser recebido, o prefeito me manda entrar. Eu disse: – Não, diga ao prefeito que não há necessidade de entrar, é só ele assinar este papelzinho (risos). Ele assinou e estava criada a Escola. Raimundo era uma belíssima inteligência e a sua sensibilidade permitiu que João Batista Cascudo Rodrigues criasse a Universidade em Mossoró. A prefeitura não gastou nem um tostão com a ESAM. Até que em dois anos, Dix-huit conseguiu federalizar a instituição. Esse foi o grande serviço que ele prestou. Criar uma escola é muito fácil. Cria-se em uma semana e ela morre na outra. As escolas de agronomia mais antigas do País, a de Viçosa e Lavras, levaram 30, 40 anos para serem federalizadas. Em dois anos Dix-huit federalizou a ESAM. Então, quando perguntam: Quem fez a escola, Vingt-un ou Dix-huit?... Eu digo que não foi nenhum dos dois. Foram os dois. Sem Dix-huit, a ESAM seria apenas um sonho vingt-uniano, e, sem Vingt-un, a ESAM não existiria.

**PREÁ** – O senhor foi um dos primeiros a descobrir estudos sobre petróleo em Mossoró. Como isso ocorreu?

**VINGT-UN** – Até 1947, ninguém no Rio Grande do Norte tinha falado sobre petróleo. Nem Juvenal Lamartine, nem José Augusto, nem Tavares de Lira, nem Manoel Dantas. Em 47, quando eu comecei a namorar América, no fim de semana eu fugia. Tinha um sargento lá, chamado sargento Fagundes, e eu, nos finais de semana dizia: – Sargento, tem uns negocinhos pra fazer ali em Lavras {risos}. E ele: – Claro, meu

filho, pode ir. Isso, ele fazia sem interesse nenhum, ninguém dava dinheiro a ele. Os oficiais começaram a notar que a Companhia tava diminuindo. Numa segunda-feira, o tenente Ivan de Souza Mendes, uma grande figura do Exército, me chamou: – Soldado padioleiro 494! – Pronto tenente. – O senhor andou fora do Quartel? – Andei, tenente. Eu precisei resolver algumas coisas ali em Lavras. – Pois o senhor preste atenção à quarta parte da leitura do boletim de hoje. Às 4 horas, todo mundo formado, ele leu o que estava escrito na quarta parte: prisão para o soldado 494, por ter se ausentado do Quartel sem permissão dos oficiais. Quinze dias de prisão. O Quartel de Ouro Fino era um armazém de café, imenso. Onde funcionava a prisão, era do tamanho dessa casa. Não tinha ninguém preso, eu disse: – Menino, eles me fizeram um bem danado. Eu tenho que fazer uns trabalhos para a escola e aqui o silêncio é absoluto, ninguém atrapalha. Comecei a ler na prisão uma bibliografia de Dolores Iglesias e Maria de Lourdes Meneguesi. Remexi tudo, atrás de alguma coisa do Rio Grande do Norte e descobri um geólogo chamado John Casper Branner, que era uma figura muito ligada ao Brasil, queria muito bem ao Brasil. Veio muitas vezes aqui. Descobri que ele escreveu um artigo, “Possibilidade de óleo”, que foi o “canto do cisne” dele. Ele escreveu em fevereiro e morreu em março. Nesse artigo, ele dizia que era difícil existir petróleo no Brasil, a não ser em Mossoró ou na Bahia, e dava essas dicas. Eu fiquei com aquilo na cabeça. Depois descobri que Luciano Jacques de Moraes, que se tornou meu amigo aqui, em 1929 tinha escrito um artigo atendendo pedido dos estudantes de Ouro Preto, intitulado “Possibilidade de petróleo no Rio Grande do Norte”, dando a entender que poderia haver petróleo no Estado. Voltei a ficar com aquilo na cabeça, mas sem base. Se um sujeito me perguntasse sobre o assunto, eu dizia que tinha lido um artigo e ficado impressionado. Em 1947 eu já estava aqui; escrevi três artigos sobre isso para **O Mossoroense**. Paulo Fernandes tinha escrito um que foi publicado primeiro, em 1947, intitulado “Possibilidade de Petróleo em Mossoró e Pesquisa de





Água”. Ele dizia que os poços deviam ser perfurados, porque se não dessem petróleo, dariam água. Então eu digo que nós dois fomos os primeiros a tocar nessa questão no Estado.

**PREÁ** – E dona América, como a conheceu?

**VINGT-UN** – Ela tinha um namorado que a família não gostava. Então, a família dela perguntou se ela não queria passar uns tempos em Lavras, ensinando no Colégio Carlota Kemper. Ela topou. Uma certa noite, eu passeava numa linda praça de Lavras onde havia muito ipê roxo, amarelo e branco. Encontrei aí uma amiga dela e dei um grande abraço. Depois, América me disse que eu a “comprei” com esse abraço. Tudo começou aí, por volta de 1944.

**DONA AMÉRICA** – (Interrompe, pedindo um parêntese). Esse abraço significou para mim um gesto de imensa solidariedade humana. A moça era minha amiga recente, porque eu tinha chegado há pouco em Lavras. O abraço dele me comoveu, foi uma coisa muito espontânea e sincera. Achei que ele continha elevados valores morais, que poderiam substituir outros amores da minha vida.

**VINGT-UN** – Ela era de uma família presbiteriana. A família de minha mãe, católica. Mas, fizeram a maior amizade do mundo. Quando Dix-sept morreu, minha família a chamou e disse: – Você é quem vai conversar com dona Isaura (mãe de Vingt-un), tal era a intimidade das duas, uma católica radical, a outra presbiteriana, já não tão radical (risos).

**PREÁ** – Foi fácil convencer dona América a vir morar em Mossoró?

**VINGT-UN** – Osvaldo Lamartine, safado, disse que eu a enganei, garantindo que Mossoró era a maior maravilha, que tinha o clima melhor do mundo (risos). Ela, chegando aqui, integrou-se com o meio, com o povo pobre de São Sebastião. Toda manhã, ela dava um passeio de cavalo e os cassacos (trabalhadores das fábricas de gesso) diziam: “Lá vai a galega do doutor.”

**PREÁ** – Como a família recebeu a morte de Dix-sept?

**VINGT-UN** – Depois que recebeu a notícia do desastre, a uma certa altura, dona Isaura disse: “Esse filho nunca foi meu; primeiro, foi do povo, agora é de Deus.”

**PREÁ** – De onde veio a idéia do seu pai de numerar os filhos?

**VINGT-UN** – Quando meu pai morreu, eu tinha dez anos. Nunca me lembrei de perguntar a ele ou à minha mãe por que tinha esse nome. Fundamos aqui a

Academia Norte-rio-grandense de Ciências, que tinha o meu pai como patrono. O professor Aleixo Prates era um dos acadêmicos. E eu perguntei a ele: Aleixo, será que isso está certo, colocar o nome do meu pai na Academia? Posteriormente, Aleixo fez um trabalho sobre a origem dos nossos nomes. No tempo do velho Rosado, os livros eram todos em francês. Quando eu cheguei em casa, tinha alguns livros velhos, e foi onde constatei que realmente eles eram escritos em francês.

**PREÁ** – O que deseja para o futuro cultural de Mossoró?

**VINGT-UN** – Eu pediria a Deus que mandasse um recado para as estrelas, pedindo aos meninos que descessem (risos), para poder assistir aos lançamentos dos livros e que, em vez de comprarem dez, comprassem vinte livros (os ‘meninos’ são os quase dez mil universitários e professores mossoroenses, que não aparecem nos eventos culturais da cidade).

**PREÁ** – O senhor chega aos 83 anos realizado com tudo o que fez pela cultura e pelo desenvolvimento do Rio Grande do Norte?

**VINGT-UN** – Eu tenho problema de coração. Sou aposentado. Então, se eu estivesse aqui, sentado numa cadeira, já teria levado a breca. Felizmente, tenho essa mania: trabalho aqui pela manhã, à tarde, à noite... Essa mania é remédio para o coração. São cinco pontes, mamas e safenas, cateterismo já fiz bem dez. Eu não me considero escritor, eu sou organizador de livros. Escritor é quem escreve, eu não sei escrever, agora organizar eu sei.

**PREÁ** – Quando vai começar a escrever suas memórias?

**VINGT-UN** – Com 83 anos, a gente vai ficando é desmemoriado, começa a esquecer as coisas. O que vivi está espalhado numa série de livros que escrevi. Por exemplo: “Minhas Memórias do Petróleo Mossoroense”, “Minhas Memórias do Instituto Brasileiro do Sal”, “Minhas Memórias da Batalha da Cultura”, e assim por diante. 📖

# Oswaldo Lamartine, o seridoense

**Hortencio Pereira de Brito Sobrinho**  
(administrador/UFG - bacharel em Administração de Empresas e Relações Públicas)

“Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a se perder de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e embastadas, onde touceiras de capim de planta ou o mandante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodosa lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados vem o marulhar das marolas que morrem nos rasos. Curimatãs em cardumes comem e vadeiam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou ao morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pasto verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que, abraçados, se multiplicam em infundáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. O mergulhão risca em rasante vôo o espelho líquido das águas. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo...” (Do livro “Os Açudes dos Sertões do Seridó”, de Oswaldo Lamartine).

“O nascente veio para você, para os nossos pais, do boqueirão dessas serras. Por trás delas, as margens das águas que escorrem pelo baixio do Rio do Ingá e afluente, onde se erguiam as casas dos nossos antepassados mais distantes. A nata da terra escorrida das quebradas da Serra Grande (ou Bico d’Arara) e da Caiçarinha estrumou pastos e lavouras que fizeram prosperar suas fazendas. Aí é o nosso nascente. Dali vinha o sol, o vento, as preparações de inverno, as chuvas e o verde. Das serras, a madeira primeira para os currais e as linhas de aroeira com que ergueram as casas que nos agasalharam. Daqueles silêncios nasceram histórias e estórias de homens, bichos e assombrações para o nosso entretenimento de meninos e evocações no envelhecer. Cada recanto, ladeiras, grotas, curva de rio, árvore ou pedaço do nunca mais de todos nós. Muitos cresceram, envelheceram ou tiveram a ventura maior de se finar, velado pelo testemunho desses chãos.

Para nós – que a vida desterrou para outros horizontes (ou sem horizontes) – resta o consolo da paisagem

na parede... Que possa você, meu irmão, envelhecer em anos, rijo e sadio como os nossos avós, olhando as mesmas serras que nos viram crescer”. (Do jornal A Verdade, da Fundação Padre João Maria, abril/03, onde Oswaldo descreve a Fazenda Ingá/Acari, local de nascimento e onde se fez crescer).

Interessante, quando retornei ao Recife no início de 1978, vindo de Barra do Garças/MT, onde lá morei um punhado de tempo, visitando a livraria do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco (onde trabalhei por 20 anos), eu vi o livro de autoria do Oswaldo, “Os açudes dos Sertões do Seridó”, à época não pude comprar, o tempo passou, e eu nunca esqueci de procurar nas livrarias e sebos.

Minha filha mais velha, Renata, 21 anos, forma-se este ano em História, na UCG, e a monografia que ela desenvolve para receber o diploma é sobre vaquejada no Rio Grande do Norte, e eu tenho um monte de livros, e como bom seridoense, fui desarrumar aquelas pilhas procurando os de Oswaldo, que possuo e que são vários, para que ela pesquisasse sobre vaquejada, encouramento, vestimenta, costumes, facas, flora, etc., e, para a minha surpresa, lá estava o precioso livro, “Os Açudes dos Sertões do Seridó”, como comprei não lembro, mas a edição é de 78 FJA/MEC. Confesso que fiquei muito feliz, pois minha expectativa era que o livro fosse muito bom, mas não; é ótimo!

Eu saí muito cedo do Acari, em 1960 aos 13 anos fui estudar na Escola Agro-técnica em Jundiá, e daí a vários outros lugares, e hoje moro em Goiânia-GO. Do distante 1960, até hoje, passo as férias, ou seja, a cada ano fico um mês entre a Fazenda Ping’agua/Acari e Natal.

Acredito que Oswaldo também saiu muito cedo da Fazenda Ingá/Acari, não viveu tanto tempo naquele saudoso Seridó, e o primeiro parágrafo do citado livro e a descrição do texto do jornal A Verdade retrata com fidelidade a beleza e todo o sentimento de que em criança viu o verde das vazantes, assistiu o revoar de nuvens de marrecas, de paturis, de socós, apreciou a cor das garças branco-noivo, e a cor preta dos putriões, (ave que tinha... às centenas no açude da Fazenda Água Doce, construído pelo meu bisavô José Sancho, hoje de propriedade do espólio do Major Sátiro Bezerra, no açude da Fazenda Pinturas, outrora de meus avós maternos, hoje do Dr. Paulo Francinete ou Dr. Paulo de Bala, e no nosso açude da Fazenda Ping’agua), e Oswaldo, com pouca convivência no Seridó deu uma aula de natureza, de vivência daquela região. Lembrome quando meus queridos e saudosos pais moravam na Fazenda Ping’agua/Acari; ficávamos no alpendre horas a fio a apreciar a beleza do espelho d’água no açude logo ali na porta e suas vazantes, a escutar o que tão sabiamente Oswaldo descreve, demonstrando que também é um grande historiador regionalista, isto é, o sangue seridoense que corre em suas veias, e que nem o Sul do país, de tantos anos de moradia, conseguiu drenar.

Parabéns, Oswaldo. Um até breve. Hoje é dia de São João. 🍷



# “As pelejas de Ojuara”

**Gilberto Freire de Melo**  
(escritor pendenciense)

Começa-se a ler e, diante da linguagem usada sem chacotas e sem riquififes, com a naturalidade própria de quem, à margem da cultura lingüística ou etimológica, porém consciente de que exerce em toda a plenitude o poder da comunicação, usada, dizia-se, não apenas pelos personagens, mas pela própria narrativa, tem-se a impressão de estar acompanhado, de estar ouvindo um sertanejo dos bons, daqueles nordestinos puros, autênticos ainda não deslocados do seu nascedouro.

É um tipo de comunicação aberta, direta, que bem se poderia classificar de dialeto, desde que é um subsistema lingüístico, amplamente utilizado numa região por uma casta que não se embatucava nem titubeia ao dialogar com qualquer letrado.

As metáforas empregadas são conceitos de profundo sentido humano e localizado, geralmente enfeitadas com os hábitos, as paisagens, os babados e as sinhaninhas do dia-a-dia do sertão nordestino.

O resgate dos mitos e das crendices expresso na linguagem do sertanejo nordestino ressalta das páginas em que se personificam as diversas fantasias da memória popular. As histórias de Trancoso, a mitologia cantada e decantada pelo romanceiro popular; a crendice respaldada pela fé inabalável; o vocabulário próprio,

adequado ao sistema lingüístico pelo entendimento, pela interpretação dos diálogos aqui e além ouvidos, sem necessidade de tradutores, a pureza e a convicção com que o sertanejo diz cagado e cuspidado, assim ouvido, interpretado e retransmitido, em vez de encarnado e esculpido, imprime no leitor uma saudade, uma tristeza de quem abandonou, sem regresso, as suas raízes.

A surpresa que se tem ao descobrir, sem a necessidade de dicionários ou regras gramaticais, que *pru mode* é uma versão corriqueira e inquestionável de por amor de, não impõe ao leitor somente um aprendizado didático, mas uma alegria de quem está descobrindo uma fórmula nova – lá dele, não. Cá nossa! – de se expressar no idioma de Camões.

Além disso, sente-se que se reintegram ao linguajar expressões que estão desaparecendo pelo desuso, decorrente de invasões estilísticas, expressões essas nascidas e criadas na troca de informações, nos constantes serões das debulhas de feijão, nos alpendres das fazendas, onde a literatura regional tem sua platéia e a cultura popular tem sua academia. E se espalha com debates assim:

- Que mal pergunto, Mestre Rabelê, o senhor vai continuar a história do menino Pantanha e sua mãe – lá dele?

Rabelê deu uma cusparada de quatro metros contra o vento, puxou uma bafurada e disse com um jeito de quem dá esbregue:

- Avexado come cru.

Expressões assim, dignas de reflexão, e mais um riquíssimo manancial delas utilizado em sua narrativa, o autor exhibe com a classe e o esmero de quem deseja reintegrá-las ao vocabulário original, carente de mais respeito.

Registre-se que outros trabalhos de igual expressão nacional constam dos anais da literatura brasileira, como Grande Sertão Veredas e Noites do Sertão, de Guimarães Rosa, que, em linguagem também especial, cantou o sertão – lá dele! Porém grande sertão nordestino é o de Lampião, Antônio Silvino e Jesuíno Brilhante; de Padre Cícero, Frei Damião e Antônio Conselheiro; de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz; de Zé da Luz, Renato Caldas e Patativa do Assaré; de Catulo e Luiz Gonzaga; de Câmara Cascudo e Vingt-un Rosado; de Ojuara e Cancão de Fogo, esse sertão, senhoras e senhores, com seu específico jeito de dizer as coisas, está retratado, em preto-e-branco, em carne e osso no trabalho do potiguar Nei Leandro de Castro. 

# Pendências

## A flor do Vale

Por Gustavo Porpino

Fotos: João Maria Alves

Anchieta Xavier



*Pendências és a flor do Vale,  
Tua dádiva, o rio Piranhas,  
Tens a beleza dos carnaubais,  
Solo fecundo de esperanças.*



*Cariris, Janduís e esta terra,  
O bravo luso a colonizou.  
Teu nome de lutas e guerras  
Enaltece a paz, a paz e o amor.*

*(Trecho do hino de Pendências. Letra de José Gonçalves Barbosa Silva.  
Música de Manoel Pedro Bernardo Dantas).*





**P**endências, a 212 km de Natal, sempre foi cenário de lutas. A história registra a dificuldade em povoar a região às margens do rio Açu, cenário de batalhas entre os índios Janduís e Cariris, no início do século XVIII. O Sargento-Mor José de Moraes Navarro, escolhido pelo reino de Portugal para colonizar a região, recebeu as

terras em 9 de outubro de 1712. A pendência entre os portugueses colonizadores e os índios deu origem ao nome do povoado.

As plantações de cereais e algodão, propulsoras do desenvolvimento do município no século passado, deram lugar a mais de uma dezena de fazendas de camarão. A luta entre tribos indígenas cedeu lugar a árdua tarefa de manter viva a cultura e melhorar a qualidade de vida da população através de ações culturais.

Pendências celebra 50 anos de emancipação política no dia 12 de dezembro de 2003. A comemoração tem um olhar para o passado e a preocupação em planejar o futuro como destaca Magnólia Margarida dos Santos Moraes, 29 anos, diretora da Fundação Félix Rodrigues, em Pendências, e professora de história da Escola Municipal Walfredo Gurgel, em Alto do Rodrigues.

“O trabalho da Fundação é de educação e cultura, uma tentativa de resgatar os valores da terra e promover o desenvolvimento sustentável do Vale do Açu, uma região rica, mas de povo pobre e sem muita perspectiva”, salienta. A Fundação Félix Rodrigues, presidida pelo ex-reitor da UFRN, Geraldo dos Santos Queiroz, desenvolve desde 1998 cursos de qualificação profissional e atividades culturais nos municípios de Pendências, Carnaubais, Alto do Rodrigues e Macau.

A sede da Fundação Félix Rodrigues, instalada na praça Luiz Gonzaga, em Pendências, irá absorver até o final do ano todo o acervo do Espaço Cultural Manoel Rodrigues de Melo, mantido em Pendências pela Fundação. O espaço cultural de Pendências, homenagem ao escritor da terra e um dos maiores estudiosos da Várzea do Açu e da cultura do homem varzeano, conta com um acervo bibliográfico com mil títulos, entre livros de literatura clássica e obras de autores do Vale do Açu.

“Temos um vasto material sobre a Guerra dos Bárbaros, movimento sindical e índios”, destaca Magnólia. A professora Raquel Barbosa, 24 anos, tem interesse em criar um núcleo de pesquisas indígenas na Fundação. “Tínhamos o Grupo Janducarí, responsável em resgatar a história da região, mas está desativado, queremos reativá-lo”.

A produção de papel artesanal, desenvolvido com fibra da carnaúba, é outro projeto relevante desenvolvido pela Fundação Félix Rodrigues. A confecção do papel, ainda em fase de aperfeiçoamento, ocupa um grupo de doze pessoas. O papel já é utilizado na fabricação de artesanato.

### Movida pela paixão



A capacitação profissional através de cursos de alimentação alternativa, cestaria, papel machê, modelagem e pintura, teatro, atualização em língua portuguesa e artesanato em fibras vegetais, serve de estímulo para a população de Pendências descobrir sua vocação como conta a professora Terezinha de Queiroz Aranha, coordenadora de projetos especiais da Fundação.

“Pretende-se assegurar aos alunos uma base de conhecimentos que inclui o resgate da história local, o desenvolvimento de habilidades e atitudes que valorizem não apenas as inovações tecnológicas, mas a cultura e as potencialidades regionais e locais”, diz.

Terezinha é uma dessas pessoas que trabalham movidas pela paixão. Há 15 anos, quando teve a idéia de desenvolver um trabalho voltado para a cultura em Pendências, começou a captação de talentos para montar uma equipe capaz de transformar o município em pólo cultural.

O artista plástico Flávio Freitas, o grupo de teatro Alegria Alegria, a trupe do Pau e Lata, o escritor da terra Gilberto Freire (leia artigo dele nessa edição), os professores Tarcísio Gurgel e Cláudio Galvão e vários outros já estiveram na cidade dividindo o conhecimento com a população.

## “Quem nunca veio aqui, não é feliz”



Foram 20 minutos em estrada de barro, esburacada, de Pendências até a comunidade de Porto Carão. Ao chegar no reduto do último boi-de-reis e pastoril da região de Pendências, Dodora (Maria das Dores Barbosa Silva), a

maior incentivadora da cultura na comunidade, desceu do carro com um sorriso aberto e mãos para o alto dizendo: “aqui é o Porto Carão, minha terra querida. Quem nunca veio aqui, não é feliz”.

Dodora caminha em direção a uma casa simples, à beira da estrada, e apresenta Alfredo Ferreira das Neves, 73 anos, “o homem que sabe tudo do boi-de-reis”. Os dois, juntos, são a síntese da resistência. Continuam buscando incentivos para as danças folclóricas não deixarem de existir.

Folclorista, professora e teatróloga por vocação, Maria das Dores Barbosa Silva, 69 anos, participa de apresentações de danças folclóricas desde os quatro anos de idade. Não há no Vale do Açu quem não reconheça em Dodora sua força de vontade em manter vivas as tradições da terra. “Monto peças para os meninos, é isso...”, diz com humildade.

Alfredo nasceu e passou toda a vida na comunidade do Porto Carão. Presenciou o auge e a decadência da indústria salineira e, mais recentemente, a chegada das fazendas de camarão. “Quando tinha as salinas, não faltava dinheiro para o boi-de-reis”, conta. “O boi-de-reis chegou aqui trazido de Ceará Mirim por Benedito em 1938”, lembra, sem recordar os detalhes.

A fase áurea das apresentações folclóricas coincidiu com o auge da indústria salineira, mas a queda na atividade das salinas e a falta de interesse dos jovens fez a dança cair no esquecimento. O boi-de-reis do Porto Carão está desativado, mas há o interesse de resgatar a dança para apresentações na festa do cinquentenário de Pendências em dezembro. “Só tem mesmo duas espadas e a tola (pano de chita)”, salienta Alfredo. As indumentárias que restam já estão com oito anos de uso e precisam ser substituídas.

“Há seis anos o boi-de-reis não se apresenta. Queremos montar um grupo com adolescentes, mas faltam recursos até mesmo para aqueles espelinhos das indumentárias”, comenta Dodora. A folclorista tenta ainda incentivar um grupo de meninas da escola municipal Sebastião Ferreira a dançar o pastoril. “Pastoril aqui dava dinheiro. Era uma economia. Final de ano, quando começava a safra de algodão, iniciavam os pastoris e iam até o dia de reis”, recorda.

O estudante Paulo Fábio das Neves Soares, 11 anos, neto de Alfredo, parece ser a esperança do trabalho feito por Dodora e pelo avô ter continuidade. O garoto participa do pastoril desde os nove anos.



## A história contada no palco



O “solo fecundo de esperanças” de Pendências faz brotar o grupo de teatro da Fundação Félix Rodrigues. Os quinze componentes do Pendências Teatrais, dirigido pelo professor João Batista Santiago de Moraes, utilizam o teatro para contar a história do município e de suas personalidades.

Batista Santiago, 37 anos, coordena as atividades de artes cênicas na região do Vale do Açu desde 1988, quando começou a ensinar na escola estadual Monsenhor Honório, em Pendências. O professor já montou diversas peças em parceria com a folclorista e teatróloga Dodora.

“A história viva do Padre Zé Luis”, “Pendências ou Paris” e “A família nos dias de hoje”, últimas encenações do grupo, despertaram grande interesse da população, mas Batista Santiago reconhece a necessidade de capacitação dos atores.

“Conheci o trabalho da “Cirandúis” através da revista Preá e fiz uma oficina com o “Alegria Alegria” no Espaço Cultural Manoel Rodrigues em 2001, mas ainda é muito pouco para quem quer fazer um trabalho grande. A formação do ator depende de um trabalho de laboratório, de oficinas, de cursos. Precisamos de um curso de formação de atores”, diz.

## A arte em concreto



O símbolo maior de Pendências, a imagem de São João Batista na praça da igreja, nasceu das mãos do artista plástico Jailson Matias dos Santos, 36 anos. A escultura levou dois meses para ganhar a forma final. O escultor, natural de Carnaubais, imprime sua arte em concreto desde os 16 anos.

A imagem de dois metros e meio de altura não só embelezou Pendências como também fez Jailson receber pedidos para fazer esculturas em cidades vizinhas e até em outros estados. Ele mora em Pendências desde os sete anos e não pensa em deixar a cidade. “Seria interessante ter contato com outros artistas plásticos que fazem forma perfeita, mas penso em continuar morando aqui”. O escultor descobriu o dom de modelar o concreto por acaso.

“Comecei com o desenho artístico profissional, tentei passar o desenho para a madeira em baixo relevo e vi que tinha capacidade”, explica. A opção em fazer esculturas em concreto é econômica. “Fazer esculturas em concreto dá menos trabalho e é mais lucrativo”. Autodidata como quase todos artistas do interior, Jailson nunca participou de nenhum curso de artes plásticas.

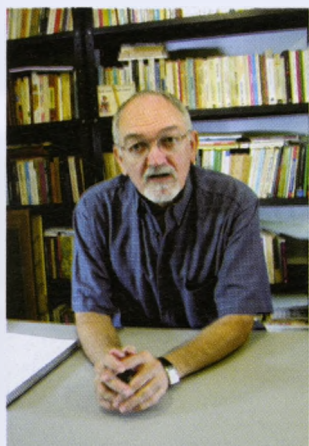


## O homem do “buxixo”



As esculturas também fazem parte da vida de Aldo Alves de Queiroz Filho, 40 anos, especializado na confecção de fontes, colunas e vasos para jardins e praças públicas. Aldo já teve a oportunidade de expor seu trabalho na Festa do Boi de 2001, em Natal, e na FICRO, em Mossoró. “Estou sempre lendo revistas para acompanhar as novidades e gosto de criar ouvindo música”, comenta o escultor, mais conhecido em Pendências por distribuir o jornalzinho “Buxixo” nas festas da cidade.

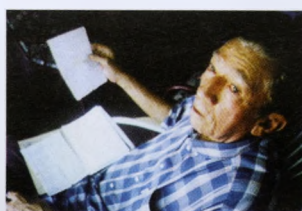
## Mantendo acesa a chama



O coordenador geral do Seminário Pendências 50 anos, professor Tarcísio Gurgel, autodefine-se como “um velho entusiasta da criação de organismos culturais no interior que mantenham acesa a chama das atividades culturais e sejam capazes de desenvolver talentos nas cidadezinhas”.

Tarcísio coordena há um ano as atividades do Espaço Cultural Manoel Rodrigues e semeia a cultura com suas palestras e cursos voltados para estudantes, professores e a comunidade em geral. O último sábado de cada mês é reservado para uma programação de palestras e seminários. “Descobri uma espécie de sementeira que esta fundação vai desenvolvendo no âmbito cultural. Há um grupo, para surpresa minha, interessado no estudo da questão indígena”, comenta.

## Verso, poesia e putaria



Entre versos e piadas, Aldemir Fernandes de Medeiros, 70 anos, tio do folclorista Gutemberg Costa, alegria a vida de Pendências. “Quando bebo, faço rimas”, diz.

“Se fosse fazer meu livro, era diferente de todo mundo. Era 3 em 1. Verso, poesia e putaria”.

Aldemir não mede palavras. Já recorreu até ao ex-presidente da República para criticar a política de Pendências. “Escrevi mais de uma carta para FHC mostrando a nossa realidade. Tereza Aranha Queiroz foi quem teve interesse aqui por cultura”, relata.

Os escritos de Aldemir também trazem recordações de sua infância. “O tempo faz mudar tudo. No meu tempo, não tinha dinheiro. Quem inventava os brinquedos era a gente mesmo. Quando eu morrer levo recordação do passado. Do tempo de menino grande. Jogo de bexiga de boi, arraia, peteca de palha de milho, jogo de castanha, jogo de pinhão, brincadeira de palha queimada, bozó, cavalo de pau, vaca de osso, esconde-esconde, atirar de baladeira, rola bosta de lata, briga de galo de sabugo de milho, de carro de lata, de banho de rio, de namoro com os animais e outras coisas mais...”

## Programa - Seminário/Pendências 50 anos



**27 de setembro** - Mesa redonda “Educação, Cultura e Cidadania”. Debatedores: Dom Jaime Vieira, Geraldo Queiroz, Maria do Rosário Bezerra e François Silvestre.

**25 de outubro** - Painelel “Juventude varzeana, dilemas e perspectivas”. Palestrantes: Padre Valtair, Tássia Djason Della Cunha e Francisco Farias Queiroz.

**28 de novembro** - Mesa redonda “A Várzea da Promissão: o futuro chegou?”. Debatedores: representantes da Secretaria de Estado da Indústria e Comércio, Petrobrás, Idema, carcinicultura e sal.





# A cidade fala

**Francisco Duarte Guimarães**

(jornalista e professor da UFRN)

**Fotos: Morais Neto**

Uma cidade fala mais do que se possa imaginar. Expressa-se. Desnuda-se. Com Natal quatrocentona não é diferente - nem poderia. Poucos, porém, conseguem ler, ou ao menos se apercebem desta escrita feita no espaço e no tempo.

As formas arquitetônicas são as partes mais visíveis deste revelar-se, mas não é tudo. As construções fixas mostram-se tanto tecnicamente deliberadas, permitindo uma leitura mais fácil dado as correntes e idéias do planejamento, quanto aquelas erguidas ao longo da história, feitas mais ao "acaso", pelo povo. Assim não é tão fácil compreender, ou pelo menos depreender, a leitura espacial de bairros tão diferentes quanto as Quintas e o Cidade Verde.

Esta leitura do espaço construído, essencialmente urbano, de Natal, contudo, não se daria somente pelo viés da cultura, mas - e principalmente - pelo desenvolvimento sócio-econômico. Bairros tão díspares, quanto as Quintas, com suas casas justapostas, intermontadas, de "parede-e-meia" e suas dezenas de





vilas, e o Cidade Verde, com as suas avenidas, ruas, prédios, casas, apartamentos e sistemas de abastecimento de água, luz, saneamento e consumo estrategicamente planejados, têm em comum investimentos do capital que determinam o modo de uso do solo.

Cidades como Veneza e Brasília, guardadas as devidas proporções, poderíamos dizer, possuem, neste aspecto, as mesmas tendências de desenvolvimento orgânico, das Quintas, e racional, do Cidade Verde.

Qual seria, então, em seu conjunto, a leitura que se faz de Natal? O que ela nos diz?

Perguntas difíceis de responder, mas podemos decifrar alguns códigos desta linguagem. A dualidade visual, acima já exemplificada, nos dá um bom caminho. Claro: pela ótica econômica, afinal, como poderíamos compreender, por exemplo, o porquê de tão grande concentração de serviços médicos particulares em Petrópolis e Tirol?

Poderíamos, neste sentido, partir da realidade mais concreta e atual. As principais avenidas da cidade, como Prudente de Moraes, Alexandrino de Alencar, Bernardo Vieira e Salgado Filho, além de outras menores como as Presidentes Sarmento, Bandeira, Quaresma, José Bento etc. teriam sido planejadas visando, aquelas, a mobilização de tropas aliadas durante a Segunda Guerra Mundial e, estas, a facilitação e o *flâneur* de soldados, daí a denominação comum de Avenidas Um, Dois, Três, Quatro etc. Assim, a partir do campo aéreo de Parnamirim, via BR-101, poderia se chegar racionalmente (e vice-versa) a locais e construções militarmente estratégicas ao longo dessas avenidas, como a Ponte de Igapó, Base Naval, Comando Naval

de Natal, os quartéis do Exército em Nova Descoberta, Tirol, Santos Reis, o antigo (e o novo) Porto de Natal (na Tavares de Lira), a Rampa etc.

É interessante notar que foram exatamente ao longo dessas principais avenidas que o Governo Militar promoveu a construção de centenas de moradias em conjuntos habitacionais planejados com construções moduladas, racionais e, por isso mesmo, mais fácil de manter a vigilância, a ocupação e o controle. Hoje Natal se reproduz economicamente, com a força do capital especulativo imobiliário e do comércio (prestação de serviço, o chamado setor terciário, incluindo o turismo) ao longo dessas avenidas, por concentrarem uma grande densidade populacional em seus entornos e serem de grandes fluxos de carros e pessoas.

Não é difícil, assim, compreender também a razão do capital financeiro, representado principalmente pelos bancos, e o poder político-ideológico, representados pelo Executivo e o Judiciário, que são também prestadores de serviços, terem se deslocado do Centro da Cidade para bairros como Lagoa Nova, Lagoa Seca, Capim Macio etc. todos cruzados por essas avenidas, em direção ao sul da cidade.

Zona Norte de Natal, dada a sua complexidade, inclusive quanto à forma diferenciada de desenvolvimento, mereceria um artigo à parte. Basta dizer, porém, para compreendermos mesmo que parcialmente, o que quer nos dizer a linguagem sócio-espacial da cidade, que ali, até a década de 70, era uma área eminentemente rural e que hoje é constituída de 44 conjuntos habitacionais, concentra uma população que cresce velozmente, possui uma alta disponibilidade de mão-de-obra ativa e principalmente inativa, e que, agora, enquanto região, se auto-reproduz social e economicamente de forma avassaladora, inclusive com a força do capital excedente do “lado de cá” da ponte.

Essas características denotam um modo de viver e uma escritura espacial mais homogênea, horizontalizada, monótona, modulada, rotineira das pessoas e dos objetos imóveis construídos, portanto, de mais fácil vigilância e controle. Isso talvez explique, em contrapartida, já que para toda ação da chamada racionalidade moderna pode existir uma revolta do senso comum, a “insurreição” através do surgimento das dezenas de loteamentos desconhecidos ou, como mais preferem os burocratas, clandestinos.

Claro: toda esta forma de decifrar e entender a cidade, no aspecto de sua reprodução via forças econômicas e sociais, cristalizadas no espaço através de seus fluxos e fixos, foge à interpretação bucólica, nostálgica que nos acostumamos a ver, quase sempre com pinceladas impressionistas, por vezes românticas, que normalmente apresentam Natal como paradisíaca, hospitaleira etc. A arte e o íntimo permitem isso, o que é, de certa forma, muito bom para refrescar o espírito. Olhar pela janela da casa, do carro e do apartamento, porém, e ver uma outra cidade, mais verdadeira e real, certamente faz a diferença para nos compreendermos, compreendendo-a.





# O escritor de obituários

"Noturno" - Xilogravura (1950) - Goeldi



## Charles M. Phelan (escritor)

A casa 1113 da Rua Morton parecia abandonada, não fosse pelo jornal que era arremessado pelo jornaleiro, ao pé da porta, todas as manhãs. Ali ficava, intacto, todo o dia. Era recolhido somente durante a noite. A aparência macabra da 1113 dava-se pelo aspecto de abandono que possuía. Durante *anos*, as estações haviam castigado o exterior da casa. A chuva, o sol, e a neve encarregaram-se de descascar a maior parte da pintura, e desbotar, para um cinza-sombrio e sem vida, o que havia restado. Capim brotava de cada fissura da passarela de entrada, quase obstruindo o caminho até a porta. A lâmpada externa, que deveria iluminar este caminho, pendurava-se pelo fio também desbotado com o tempo. Dali ouvia-se o Clang, Clang, Clang da haste de metal que segurava a lâmpada, batendo contra a parede. A noite na rua Morton, era diferente de qualquer rua. Ouvia-se o ranger da dobradiça da porta uivar como uma sinfonia de mortos. Era o mais horrendo dos gemidos. Uma súplica que ainda

hoje ressoa nos meus ouvidos. Era precisamente nesse momento que a porta abria lentamente permitindo que a mão enluvada alcançasse o jornal e o recolhesse. Além do jornal, as provisões também chegavam por entrega. E do mesmo modo eram recolhidas.

Observei essa rotina dos 7 aos 17 anos. Ninguém entrava. Somente o vulto corcunda *sala*, deslocando-se a passos de tartaruga pela calçada até o correio. Na ida levava o que parecia ser um envelope. Voltava de mãos vazias. Todas as noites, a mesma rotina.

Fiz da rotina dele, a minha. Não em ir até o correio, mas em observar o velho corcunda vagando na noite. Aproveitei minha solidão para poder acompanhar a vida deste homem sem amigos e sem família. Deste homem sem face. Digo isso por nunca ter visto sequer a cor de seu cabelo. A escuridão da noite impossibilitava meu olhar investigativo. Tentei em algumas ocasiões me posicionar de modo que me fosse favorável à visão do homem, mas não consegui ver o que procurava. Usava uma capa preta que começava dos joelhos, e terminava na altura da face com seu colarinho levantado. O zíper puxado até o último trilho, repousava acima do

dorso do nariz. Um gorro preto descia até a altura das sobrancelhas, deixando apenas os olhos descobertos. Dos olhos nada pude detectar. A escuridão reluzia apenas o brilho natural deles. Pareciam duas contas pretas.

A imagem noturna me encantava. Instigava minha curiosidade. O homem da noite. Um homem sem medo do escuro. Um homem sem medo da solidão. Parecia ter escolhido aquele horário deliberadamente. Talvez desejasse evitar contato com estranhos. Parecia um vilão e ao mesmo tempo um super herói. Tinha se tornado minha única companhia por anos.

A meia-noite eu acordava e corria para janela do meu quarto para vê-lo ir ao correio e colocar o envelope por baixo da porta. Esperava sempre seu retorno. Após alguns meses observando da janela do meu quarto, minha presença fora detectada. Com isso, a rotina do velho também mudara. Éramos os únicos acordados. Eu e ele. Dois solitários da madrugada. Senti que não lhe incomodava. Quem sabe, por mais singular que seja esta situação, era *eu*, o único amigo daquele ser misterioso. O ranço da solidão podia ser compartilhado por dois solitários. Eu da janela, e ele da rua.

Após seu retorno do correio, o jornal era devolvido á calçada com a mesma discrição que usara para buscá-lo. Primeiro, o rugir da dobradiça; depois a mão, com a delicadeza de um perito em bombas, colocava o jornal próximo ao batente da entrada. Interpretei aquela atitude como uma forma de fazer contato comigo, já que até então jamais havia retornado jornal algum á calçada.

Fui impulsionado por uma curiosidade sufocante. Queria buscar o jornal. Pela primeira vez me vi infringindo a lei, mas não resisti. Fui até a entrada da passarela que levava á porta. Ponderei por alguns segundos a minha decisão. Convenci-me de que era tarde demais para recuar. De onde eu estava, podia ver o jornal embrulhado em um saco plástico. A distancia parecia curta o suficiente para um disparo rápido. Porém, minhas pernas estavam pesando o dobro do que normalmente pesavam. Meu coração martelava rápido e forte por trás do meu peito. Olhei para as janelas, e pensei que *eu* era quem poderia estar sendo observado desta vez. Segurei o fôlego e disparei em direção ao jornal. Peguei-o pela ponta do plástico e retornei na mesma velocidade para casa. Subi para meu quarto, dei uma última olhada pela janela e rasguei o saco.

O jornal encontrava-se completamente intacto, salvo pela sessão dos obituários. Uma marca de caneta destacava, com um circulo, um lembrete da morte

de uma pessoa. Recolhi os jornais todas as noites, por meses. Todos com as mesmas características, mas sempre destacando pessoas diferentes.

Havia me doutrinado aquela rotina de observar o velho corcunda caminhar nas noites. Subitamente tudo parou. Três dias se passaram, e *nada* dele sair ou sequer buscar os jornais. E eles foram se acumulando no batente. Achei estranho. Chamei a policia para investigar o que acontecera. A primeira viatura parou na entrada da garagem. Fui até lá. Ao me aproximar da passarela senti um odor estranho que pesava no ar. Um fedor distinto de todos que já havia sentido. Os dois policiais dirigiram-se até o batente da frente, e com os nós dos dedos bateram na porta. Após alguns segundos de espera, decidiram arrombá-la. Apressei o passo até a entrada da sala. Lá estava meu amigo estirado no chão. Morto. O cheiro... oh!... o cheiro. Jamais esquecerei o cheiro. Na sala, folhas e folhas cobriam a parede de cima á baixo. Todas continham apenas um parágrafo manuscrito. Tratavam-se de obituários. Todos. Sobre a escrivania, um envelope aberto com uma folha dentro, e um cheque nominal. Na frente do envelope, em letras grandes, lia-se: **REDAÇÃO DO SUNDAY TIMES - DEPARTAMENTO DE OBITUÁRIOS.**

Peguei algumas das folhas sem que os policiais percebessem, me despedi, e retornei com passos largos para casa. Espalhei as folhas no chão e comparei com as dos jornais que havia juntado nos meses que se passaram. "Aha!" falei inconscientemente. Os obituários, que haviam sido circulados nos jornais, eram os mesmos que haviam sido escritos nas folhas.

Uma semana após a morte do meu amigo, o *Sunday Times* publicou em nota oficial, a lista com todos os nomes fictícios que haviam sido publicados nos obituários.

Durante aquela semana, fui dominado por uma depressão profunda. A solidão havia retornado. Mais forte desta vez. Cheguei a passar horas observando da janela, mas a rua Morton nunca fora tão deprimente. O *escritor de obituários* muito me marcou. Mesmo no mundo de sua solidão, foi uma companhia *leal* e *importante* naqueles anos, onde o espírito de um jovem se forma para o mal ou para o bem. Minha hora havia chegado, e fiz o que era mais apropriado para o momento - escrevi o obituário, daquele que tanta companhia me havia feito ao longo dos anos.

Há cinquenta e dois anos perdi meu amigo, mas sua imagem noturna nunca me abandonou. Oh! Meia-noite... Preciso ir ao correio...



# Literatura e Jornalismo: vagabundagens da escrita

## Alex Galeno

(doutor em Antropologia. É organizador do livro "Jornalismo e Literatura. A sedução da palavra", em parceria com Gustavo de Castro).

Escrever, assim como filosofar, é aprender a morrer (Montaigne). Significa o exercício de algo intranquilo. Ou ainda, como questiona Rilke em suas "Cartas a um jovem poeta": Quais escritores seriam capazes de morrer se lhes fosse negada a possibilidade de escrever? O poeta nos aconselha que escavemos respostas profundas. Essas são as perguntas que os jornalistas e escritores, ao meu ver, teriam de fazer. Pois não se trata meramente de um estilo de escritura, mas de um exercício cotidiano para a vida. Mesmo porque, como afirmou Roland Barthes, seja qual for o estilo e seu refinamento sempre haverá algo de bruto. Algo que toma uma forma sem destino. De um deslocamento nômade, diria Gilles Deleuze. É preciso criar acidentes de estilo.

Uma geografia literária feita de falésias, *canyons*, vertigens, espantos e de itinerários sem intenções, *a priori*, mas produtos de um surto. Escrever, portanto, é uma vagabundagem estilística através do passeio das palavras. A palavra será o desnudamento corporal e, também, o próprio abismo para quem escreve. Diferentemente da fala, a escrita não deveria ser um fenômeno de velocidade, mas algo pacientemente esculpido e denso. O *rush* das redações e do mercado editorial impossibilita o *go slow*, isto é, uma certa lentidão para que as palavras não sejam um mero ajuntamento de letras reunidas e compostas sobre assuntos que reproduzem rotineiramente a vida. É claro que o jornalismo diário (*diurnalis*) não poderá deixar de tratar dos fatos triviais, mas não deveria, nunca, descuidar-se com o frescor da escritura e com os bons 'surtos florais' (Barthes) em seu estilo. A literatura é um meio de evitar que a imaginação jornalística se transforme em mero exercício retórico e enfadonho no cotidiano. A literatura e o jornalismo, portanto, devem ser textos pacientemente confeccionados.

Um jornalista que nunca leu um romance no seu tempo de faculdade ou não o utiliza como ferramenta de trabalho, será um mero ajuntador ou esgrimista de palavras nas redações. Esse profissional não terá, portanto, como zelar de sua língua. Pois, para Barthes, "a língua é como a natureza que passa inteiramente através da palavra do escritor". Além disso, ele não será capaz de realizar os passeios, as vagabundagens e os nomadismos necessários na invenção de seus textos. Faltará repertório literário que lhe conecte com o mundo. Será um cão medíocre que vagará e, apenas, ladrará nas redações. Um cão de guarda arrogante, mas obediente ao editor e ao dono do jornal. Geralmente o encontramos nos Cadernos de Cultura ou nos Segundos Cadernos. Ou como âncoras de noticiários televisivos.

As idéias, como definiu Balzac em seu romance autobiográfico "Luis Lambert", são como florações da natureza. A literatura germina o imaginário e faz com que seus percursos se prolonguem pelos passos vagabundos da escrita. Como disse Georges Bataille, 'literatura é comunicação'. E nos oferece antenas para o mundo e vestimentas para a vida, diz Edgar Morin. Tais assertivas batailleana e morineana valem para qualquer mídia. Achamos, inclusive, que a Internet deverá ser um espaço de incentivo aos profissionais de comunicação, sobretudo se considerarmos a geração que não conheceu o exercício lento e paciente da escrita à lápis e no caderno. Surgirá uma *Netliteratura*? Uma *Webliteratura* parece algo pertinente já que é um tipo de comunicação horizontal e aberta ao infinito. Não podemos esquecer que o escrever relaciona-se ao universo cultural do tecer. Como o vocábulo texto, que se origina da antiga técnica feminina de tecer, o universo da Internet surge como metáfora de uma teia. Esperamos que surjam vários aracnídeos que tecam uma nova rede de escritores. Encontramos, na Net, autores de literatura estrangeira e nacional disponibilizados gratuitamente. Basta que baixemos em nossos computadores e nos deliciemos com essa oportunidade. Mas, claro, o livro em seu formato tradicional continuará sendo a mídia mais potente, além de um encanto estético e uma companhia de viagem inesquecível.

# Saúde doente

**Roberto Alencar** (médico em Umarizal)

Não se pode querer  
Que um país deste cresça,  
Enquanto pouco podemos fazer  
Para que uma pessoa não adoça.

Não se pode dizer  
Que este país vai mudar,  
Enquanto as mais simples patologias  
A gente não puder tratar.

A ciência a cada dia cresce,  
Novas descobertas todos os dias aparecem.  
Mas o nosso povo,  
Em contradição com o novo,  
Cada vez mais adoce.

As terapêuticas são as mais variadas.  
Mas de nada vale este arsenal,  
Enquanto na maioria das casas  
O povo come tão mal.

De que adianta para você,  
Suspeitar de uma patologia,  
Se os exames que necessitaria,  
O paciente jamais pode fazer.

É constrangedor para você,  
Com todos os conhecimentos  
Que a medicina lhe dar,  
A medicação correta prescrever  
E o paciente não poder comprar.

Você não pode fazer nada.  
Pior ainda, quem está a sua frente.  
Que é uma simples vítima do sistema,  
E além de tudo, doente.

E agora, para ele, qual é a solução?  
Ou ele gasta o dinheiro da refeição;  
Ou ele se vende para ganhar a medicação;  
Ou ele morre da infecção.

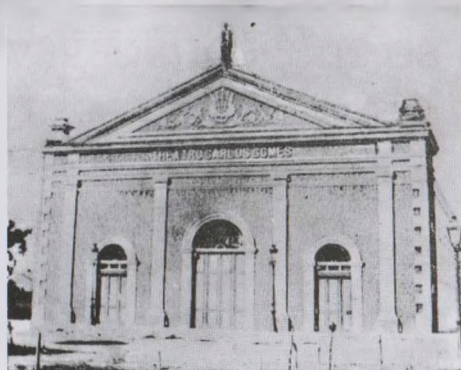
Esta situação só vai mudar,  
Quando a maioria se conscientizar,  
E quiser mobilizar,  
Para dos seus representantes cobrar:

Para que se faça saneamento;  
Para que o povo tenha mais  
Trabalho e alimento;  
Para que ele possa comprar seu medicamento;  
E para que possa ter uma boa assistência  
A qualquer momento.

Só assim serão felizes:  
Médico e paciente.  
E este país de tantas crises,  
Ficará melhor para sempre.



## Teatro Alberto Maranhão



# Um século de glórias

Por Sheyla Azevedo

Um século abrigando a arte e a cultura em todas as suas manifestações. O Teatro Alberto Maranhão vai completar cem anos no dia 24 de março de 2004. Parafraseando o poeta, se a arte movimenta a alma humana, então “tudo que move é sagrado”. Todo espaço no qual se manifesta a sensibilidade artística, seja na rua, debaixo de uma lona ou em cima de um palco é importante. Mas, quando esse lugar chega aos cem anos, ajudando a sustentar a arte em todos os seus movimentos, então ele é mais que importante, ele é mais que sagrado. Ele faz parte da história, da vida do povo que o contempla. O TAM abriu suas portas pela primeira vez no dia 24 de março de 1904. Ainda faltam alguns meses para que suas portas sejam abertas dez décadas depois desse feito, mas as comemorações começaram desde agosto passado.

A I Semana do Teatro Nordestino, entre os dias 4 e 9 de agosto, abriu o calendário de eventos que vai comemorar o Centenário do maior Teatro do Estado. Durante a I Semana do Teatro Nordestino foi lançado um dos carros-chefes da grande festa que acontecerá em março de 2004: o lançamento do Concurso Nacional de Dramaturgia Prêmio *José Wanderley*, que vai premiar textos teatrais inéditos de autores brasileiros, na categoria teatro adulto. As inscrições começaram no

dia 15 de agosto e irão até 15 de dezembro. Haverá premiação para os três primeiros lugares, nos valores de R\$ 10 mil; R\$ 5 mil e R\$ 3 mil, respectivamente para os 1º, 2º e 3º lugares. A entrega dos prêmios está prevista para ocorrer justamente no aniversário de cem anos do Teatro. De acordo com Racine Santos, vice-presidente da Comissão que está organizando as comemorações do Centenário do TAM, a expectativa é de que mais de cem textos de dramaturgos de todo o país sejam inscritos no primeiro Concurso dessa natureza promovido no Estado.

Mas as metas e projetos para as comemorações do aniversário de cem anos do TAM só estão começando. Ocupando pela segunda vez o cargo de Diretora do TAM, a professora aposentada da Escola de Música da UFRN, Olga Aranha, planeja uma série de atividades e deixa escapar um certo ar de solene preocupação pela “enorme responsabilidade” de estar à frente do maior teatro do Estado em pleno centenário. “Quando assumi pela primeira vez, em 1988, o Teatro passava por uma reforma. Na época da reforma, há 15 anos, viajamos por diversos teatros nordestinos para conhecer como





Foto: Anchieta Xavier

funcionava a parte administrativa”, diz. Reassumindo no início desse ano, agora as circunstâncias são outras, são “novos desafios”.

Os projetos vislumbrados pela diretora vão desde fazer pequenos reparos na estrutura; aumentar o quadro de funcionários; modernizar a operacionalização do teatro, com informatização da bilheteria até a criação de uma Escola de Teatro. “Pretendemos levar à apreciação da Fundação José Augusto o projeto da Escola de Teatro do Rio Grande do Norte, que terá caráter formativo para o nível médio. Já existe uma excelente Escola de Dança do TAM e o Instituto Waldemar de Almeida, renomado na formação de músicos. Acreditamos que falta a Escola de Teatro. Nossa meta é que durante o ano do Centenário ela possa ser viabilizada e em 2005, os alunos já comecem a frequentá-la”, diz.

De acordo com Olga Aranha está previsto para as comemorações do Centenário do TAM a criação de

um banco de peças e biblioteca especializada sobre teatro, inclusive com a ajuda da população. “Nós estamos solicitando às pessoas que tiverem em casa algum recorte de jornal antigo, fotografia ou objeto relacionado ao Teatro para que façam parte do Projeto *Memória Viva do Teatro*, nesses cem anos. Assim como também pretendemos firmar uma parceria com a TV Universitária para que possamos inserir nesse projeto a gravação de depoimentos de personalidades que passaram pelo Teatro”, explica. Também está prevista uma exposição de fotografias e acervo histórico sobre o Teatro na Pinacoteca do Estado, durante o mês de março, com possibilidades dessa exposição tornar-se itinerante e circular em todo o Estado.

A diretora também fala de criação do “Circuito de Dança”, que ocorrerá nas últimas quartas-feiras de cada mês, com apresentação de diversos grupos de dança.



Também inseridos nos eventos artísticos do próximo ano, apresentação de espetáculos teatrais de autores locais como "Bye Bye Natal", de Racine Santos e "Amor, Terrível Amor", de Lenício Queiroga. "Ambos já estão prontos e, portanto, podem ser encenados durante todo o ano. Mas pretendemos abrir para outros grupos também", diz a diretora.

Os grupos de teatro da cidade também poderão vir a receber um auxílio-montagem. Esta é uma outra meta da direção que pretende através de uma comissão selecionar dez grupos teatrais, os quais receberão uma ajuda em dinheiro para a montagem de seus espetáculos. A cada dois meses, a direção também quer trazer para o teatro um artista renomado da MPB. Afora as apresentações artísticas, o Centenário do TAM poderá ganhar um selo comemorativo dos Correios. O artista Waldemar de Almeida também deverá estar inserido na programação do centenário, em comemoração aos seus cem anos de nascimento. "Ele foi um elo de ligação com os atores", diz Olga Aranha.

### Sob o olhar do tempo

A emoção de falar do lugar onde trabalha há mais de meio século, deixa-lhe os olhos marejados por diversas vezes, enquanto vai lembrando momentos, falando dos diretores que passaram pelo TAM - "tudo gente boa" - da alta sociedade que frequentava o lugar nos idos de 50, na popularização em seguida, do comportamento de artistas como Procópio Ferreira, Paulo Autran, Eva Wilma, Bibi Ferreira e tantos outros que pisaram no palco e também nos camarins, local onde quem ciceroneia o artista é ele. Pedro Salustino de Andrade, 76 anos, ou como é conhecido pelos colegas e frequentadores do Teatro, "Seu Pedro", considerado "arquivo vivo do Teatro Alberto Maranhão".

Com simplicidade nas palavras e profunda sensibilidade "Seu Pedro" revela em cada frase o prazer e satisfação de trabalhar no TAM. Aposentadoria não está nos seus planos: "A gente trabalha demais aqui. Não tem sábado, domingo ou feriado. Sai de meia-noite, madrugada. Estes são os dias de maior movimento. Mas não estou reclamando não. Às vezes chego até a dormir, fico de vigia. Na verdade, quase moro aqui", resume.

Mas sua experiência não se resume em tão poucas explicações. Quando chegou no teatro, em 1950, com 23 anos, foi trabalhar de servente de pedreiro. Passados 15 dias, o paraibano de Bananeiras, passou a chefe de pessoal. No governo de Dinarte Mariz, já em 1960, ele foi efetivado como "Mordomo Padrão U", cargo do qual tem muito orgulho até hoje. "Quando comecei, até 1958, só se entrava no Teatro de paletó e gravata; as damas usavam vestidos que cobriam os pés e leques para se abanar. A classe média não entrava nos camarotes. Esses eram reservados para a alta-sociedade", revela.

Na direção de Meira Pires - homem que arranca profunda admiração de todos os funcionários mais antigos do Teatro, pela dedicação e importância que dava à Casa - Pedro Salustino, testemunha que o teatro popularizou-se mais.

"Ele abriu as portas do Teatro para todos. A classe média passou a frequentar os camarotes", e dando um salto para os tempos atuais, sentença: "Hoje em dia só não se pode entrar de bermuda; mas se quiser entrar de camisa de meia não tem problema". Na época em que os trajes tinham de ser a rigor, Pedro Salustino, conta que viveu um episódio desagradável. Um tenente da Marinha quis entrar numa festa sem gravata. Foi barrado pelo "Mordomo Padrão U" e zangou-se. "Mas não teve jeito, não entrou e ainda me deram razão".

Quando indagado sobre se sentia emoção em ver tantos artistas famosos no mundo inteiro, sem rodeios ele responde que sempre os encara como "pessoas normais". Mas em se tratando de classificação de comportamento, suas respostas são menos imparciais: "Paulo Autran, é sisudo; Eva Wilma, é de casa; Beatriz Segall, gente boa; Bibi Ferreira, é popular; Suzana Vieira, não quer ver gente pobre na sua frente; Miguel Falabella, brincalhão; Vera Fischer e Tônia Carrero, mulheres muito bonitas". O artista ao qual mais falou foi Procópio Ferreira: "A companhia dele levava os funcionários da Casa para jantar. Ele era o Rei do Teatro. Mas não era simpático. Não era normal. Agora, quando ele entrava no palco, mesmo sem dizer uma palavra, a platéia se desmanchava em aplausos", relembra.

E vivendo a ouvir aplausos das mais variadas platéias nesses 53 anos um dos espetáculos que mais o emocionou foi o de uma companhia de teatro de bonecos, italiana, o ano era de 1955: "Foram mais de dez dias de espetáculo. Casa lotada. A fila para entrar ia até o Colégio Salesiano. A beleza do espetáculo era grande demais. Os bonecos pareciam pessoas. Os artistas os movimentavam das coxias. Os efeitos de luz e som nos davam a impressão de que realmente os bonecos navegavam no mar", descreve.

As histórias que ele têm para contar são inúmeras. E não caberia numa única tarde, tampouco num exemplar inteiro da revista. Precisando voltar suas às ocupações "Seu Pedro" finaliza a conversa, explicando as sensações sentidas no seu "segundo lar": "Lembrar o que aconteceu aqui é como se eu pudesse reviver todo esse tempo; toda essa história".

### Centro dos acontecimentos culturais

O Theatro Carlos Gomes - primeiro nome que foi dado ao TAM - teve suas paredes erguidas em plena *Belle Époque* - tempo em que a Escola Francesa influenciava as artes e a literatura em todo o mundo. O início da construção, em estilo *art nouveau* foi em 1898 (mesmo ano em que nascia Câmara Cascudo), sob a responsabilidade do engenheiro José de Berredo e direção do major Theodósio Paiva. Registros históricos revelam que em 1899 a obra fora interrompida, sem muitas explicações sobre a razão. Mas, quando o governador Alberto Maranhão - considerado um apaixonado pelas artes - assumiu, em 1900, as obras são retomadas e em 24 de março de 1904, ergue-se definitivamente o Theatro Carlos Gomes. O nome homenageava um dos maiores músicos da história do Brasil, o paulista de Campinas (SP) autor de óperas como "O Guarany", "Maria Tudor", "Fosca e Salvador Rosa".



Na noite inaugural - numa cidade cujos registros históricos falam de cerca de 18 a 20 mil habitantes - a alta sociedade natalense fora em peso assistir a peça "A Promessa", assinada por Henrique Castriciano e o monólogo "Rogério Brito", de Arthur Azevedo. A noite de estréia do Teatro contou também com apresentações de peças musicais de Weber, Berlioz, Suppé, Rossini e Eilemberg. E como não podia faltar, do próprio Carlos Gomes. A renda do primeiro espetáculo foi destinada aos flagelados - imigrantes - da seca do sertão. O segundo espetáculo foi em agosto daquele mesmo ano, com a Orquestra do Theatro apresentando obras de Verdi.

Em 1910, somente após seis anos de construção do Teatro, ocorria a reconstrução do prédio. No livro "A História do Teatro Alberto Maranhão", o autor, Meira Pires, teria descrito que o "estado era de visível deterioração" e em outro trecho relatou: "O novo projeto (do arquiteto Herculano Ramos) compreende a frente, o jardim, a sala de espetáculos e a 'caixa' que foi reconstruída com vigamento de ferro na altura de 14 metros".

Mesmo com todas as dificuldades de locomoção - naquela época o transporte era feito de trem - o número de peças encenadas no Carlos Gomes era grande. Diversas companhias artísticas e *troupes* se apresentavam no Teatro. A história de espetáculos beneficentes sempre permeou as atividades da Casa. Em 1905, com uma epidemia de varíola na cidade, organizou-se um festival que arrecadaria seiscentos mil reis (600\$000) valor que foi entregue ao vigário João Maria para distribuição aos indigentes. A carência de clubes sociais na cidade também fez do Teatro, diversas vezes, um espaço para eventos sociais.

A mudança do nome para Teatro Alberto Maranhão foi em 1957. Segundo registros históricos, numa campanha que durou cerca de seis anos. O novo nome pretendia homenagear aquele que fora um dos maiores incentivadores culturais que o Estado já teve. Era favorável à mudança Câmara Cascudo e contrário o jornalista Eloy de Souza. Em artigo assinado na época, Câmara Cascudo defendia: "Já devíamos ter o Teatro Alberto Maranhão. É uma homenagem ao mecenas norte-riograndense, o animador e o intelectual. Nós é que devemos valorizá-lo, lembrando-o insistentemente ao Brasil, que conhece e glorifica o nome eterno de Carlos Gomes, a quem Natal

doou praça. (...). Se Alberto Maranhão não merece seu nome no Teatro da Cidade que remodelou, embelezando-a para a vida presente, não haverá mais estímulo para a imitação administrativa".

Já Eloy de Souza, defendia a permanência do nome refutando que fora o próprio governador Alberto Maranhão, quem tinha escolhido o nome de Carlos Gomes. Meira Pires na época lembrou que o nome havia sido escolhido em 1898, por Ferreira Chaves, antecessor de Alberto Maranhão. Então, em 23 de agosto de 1957, o prefeito Djalma Maranhão assina a Lei 744 cujo artigo primeiro dizia: *O atual Teatro Carlos Gomes, de propriedade do Município, passa a denominar-se Alberto Maranhão.*

*Fonte: Tarcísio Rosa, coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa Juvenal Lamartine (CPJU), da Fundação José Augusto.*

## Um nome que merece ser lembrado

O Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio *José Wanderley* foi idealizado para colocar as comemorações do Centenário do TAM no cenário nacional. De acordo com o vice-presidente da Comissão que organiza as comemorações, o dramaturgo Racine Santos, é a primeira vez que se realiza um concurso nacional no Estado destinado a premiar autores de todo o Brasil, que escrevam na categoria adulto. Os textos devem ser inéditos. A premiação para os três primeiros colocados é de R\$ 10 mil, R\$ 5 mil e R\$ 3 mil. A importância do Concurso de Dramaturgia gera uma expectativa de que haja mais de cem inscrições. Os textos devem ser enviados em três vias, em envelope lacrado, sobrescrito com o pseudônimo do autor e dentro outro envelope lacrado com nome e endereços completos, e data de nascimento e endereçado ao Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio José Wanderley, Fundação José Augusto, Rua Jundiá, 641, Tirol, Natal-RN.

José dos Guimarães Wanderley foi o nome escolhido para o Prêmio pela sua importante atuação enquanto autor de teatro no cenário nacional. Nascido em Natal no ano de 1905, sua estréia foi em São Paulo, no Teatro Boa Vista, em 1933, quando escreveu a comédia em três atos *Compra-se Um Marido*, encenado pelo renomado Procópio Ferreira, um dos atores mais aplaudidos na época. Sua estréia já começa fazendo o sentido inverso da maioria dos dramaturgos. Nunca fez teatro em Natal, contrariando uma tradição familiar de nomes como Segundo Wanderley, Palmira Wanderley e Sandoval Wanderley, entre outros parentes que consolidaram suas carreiras na terra-natal. Deixando Natal em 1929, José Wanderley se instala no Rio de Janeiro, com 24 anos, permanecendo até o fim de sua vida, em 1982. Para ele, ficar em Natal poderia facilitar sua carreira, uma vez que vinha de uma família tradicionalmente teatral. "Preferiu o desafio de fazer um nome onde era totalmente desconhecido e onde já brilhavam as grandes estrelas do teatro nacional", opina Racine Santos.<sup>15</sup>



Ator Jesiel Figueiredo (centro) no palco do Teatro Alberto Maranhão



# Teoria da avolescência

**Diógenes da Cunha Lima** (poeta)

*"Sou avô em plena avolescência". (Do ensaísta, romancista, avô de Pedro, poeta José Neumanne Pinto).*

**A**volescência, neologismo neumaniano, ainda não faz parte da terminologia científica. Sei, contudo, e isso me conforta, que um dia a **avolescência** será tão estudada nos compêndios de psicólogos e psicanalistas quanto é a fase da **adolescência**. Certamente chegará a ser tema de teses universitárias.

Nas civilizações indígenas, a adolescência era vivenciada no chamado "rito de passagem" quando, então, era proclamada a passagem da infância para a adultícia. Todo mundo sabe que a adolescência é o período de transição que começa com a puberdade, entre 12 e 13 anos, e se estende até em torno dos 20 quando o indivíduo adquire independência emocional e suposta viabilidade econômica. Fase de contestações, de mitos e de heróis. A avolescência começa, geralmente, com o nascimento do primeiro neto, a avó ou avô têm cerca de cinquenta anos, quando não precoces, e permanece até quando houver lucidez. É o momento mais rico da vida.

Traçando um paradigma, a adolescência passou a ser definida a partir do século XIX, a avolescência, certamente, o será neste século. Assunto de novo milênio

Avô vem do latim *avus*, o antigo da tribo. Ele recebe, no corpo e na alma, transformações paralelas às dos adolescentes. Entretanto, a avolescência é uma flor que não floresce em qualquer jardim, mas somente em jardins escolhidos por Deus.

O avolescente tem uma nova escala de valores, uma melhoria de liberdade do pensamento. O avô é um pai não-normativo. O adolescente não aceita cobranças, o

avô não aceita que se cobre dos netos. Saibam, pois, os pais: avós e adolescente não são domesticáveis, não conseguem viver sob controle, não gostam de ordens ou conselhos. Não os consideram necessários. Afinal de contas, a avolescência é uma segunda adolescência, uma adolescência mais doce.

Conto duas pequenas histórias ilustrativas. Meu neto Lucas, 7, convida um colega dizendo: "Vamos para casa do meu avô. Lá a gente pode tudo". E tinha razão. Já Lara, 4, insiste em tomar chocolate antes do jantar. A mãe proíbe. Uso da minha autoridade avolescente para "conciliar": você só pode tomar dois todinhos, e somente dois! Está me ouvindo? ....

O adolescente, geralmente, não sabe ser filho porque não compreende o **sentimento** de pai ou mãe. Isso não se explica com palavras. Só se sabe o que é que sente pai ou mãe depois que se é. O adolescente faz, algumas vezes, o contrário do que pensam os pais. O avolescente faz aos netos o contrário do que pensam os filhos. Os pais, com a missão de educar, adiam desejos. Os avós em flor realizam desejos. Os jovens desejam permissividade, os avós não proíbem. Ambos querem viver a vida intensamente.

Do ponto de vista físico, quando chega a adolescência, surgem os pelos e se improvisam função para o sexo recém-descoberto. Nos avolescentes os cabelos embranquecem e quase nada é improvisado.

É verdade que o entendimento é tão perfeito entre avós e netos, que honram uns aos outros, naturalmente. A sabedoria bíblica não precisou fixar no quarto Mandamento: Honrar avô e avó. Os netos já honram, naturalmente, por certa identificação e entendimento, os avós.

Na avolescência, concluo, descobrimos os valores essenciais, o deslumbramento com a vida, a sedução, ou melhor, a graça que pode ter uma maturidade iluminada pelos netos. 



Atriz Toni Silva representa "Auto da liberdade"

Mossoró prepara-se para, mais uma vez, celebrar a libertação dos seus escravos, ocorrida em 1883, cinco anos antes da Lei Áurea. A festa que já foi restrita a um desfile cívico militar, uma sessão especial da maçonaria e uma noite da cultura, recebeu nos últimos cinco anos, uma completa releitura que inclui, entre muitos eventos, a transformação do desfile em cortejo cultural, com mais de 7 mil integrantes, um seminário, denominado de "Novas Liberdades", em que autoridades de todo o Brasil, discutem a cada ano os novos paradigmas do tema e um espetáculo denominado "Auto da Liberdade", onde o poeta Crispiniano Neto, autor do texto que deu origem ao espetáculo, incorporou outros fatos históricos da Cidade que envolvem o tema da liberdade.

O Auto da Liberdade que foi dirigido em 1999 e 2000 pelo respeitado diretor de teatro Amir Haddad, em 2001 e 2002 por Fernando Bicudo, que teve em sua versão a indicação para ser incluído no Guinness Book (Livro dos Recordes), pelos números que envolviam a sua produção, tem agora em 2003 um diretor especialista em liberdade. Gabriel Villela é mineiro e se orgulha da

# Uma arena grega no sertão

referência que a bandeira do seu Estado faz ao tema "liberta, quae sera tamen" e diz ter encontrado em Mossoró muitas identidades com a terra de Tiradentes.

O Auto narra em seus quatro momentos, além da libertação dos escravos, três outros episódios da história de Mossoró: o primeiro voto feminino da América Latina dado por Celina Guimarães; a resistência ao cangaceiro Lampião e o Motim das Mulheres, movimento comandado por Ana Floriano contra o alistamento militar obrigatório dos maridos e filhos. Na nova concepção, Gabriel Villela está substituindo o imenso palco de Bicudo por uma arena grega, com lances de arquibancada de 9 metros de altura, em formato decagonal, onde a multidão que novamente lotará a Estação das Artes poderá assistir sentada às apresentações previstas para o período de 26 a 29 de setembro próximos, interagindo com tudo que acontecer na arena.

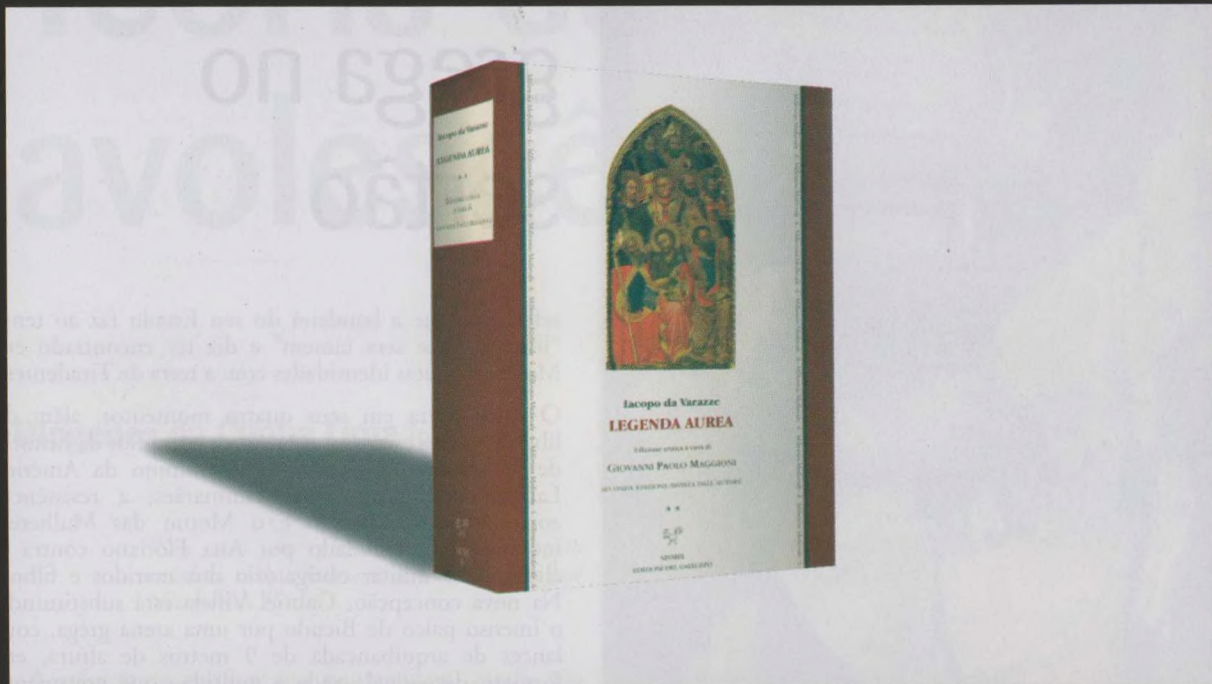
Além dos quatro episódios históricos que Mossoró tanto se orgulha, o diretor incluiu em sua versão diversas referências a outros movimentos libertários voltados para os direitos universais em todo mundo, de forma que, a Queda da Bastilha e do Muro de Berlim, a Revolução Francesa, a Constituição Americana e a Inconfidência Mineira poderão ser identificados em sua versão.

O secretário da cidadania do município Gustavo Rosado diz que é política cultural de Mossoró convidar grandes nomes do teatro brasileiro para recontar essa ode à liberdade, possibilitando aos artistas locais uma permanente reciclagem com as mais diversas escolas do teatro, sem falar que esse evento, ressaltando o heroísmo dos nossos antepassados vão servir sempre de mola propulsora a auto-estima do povo mossoroense.

Gabriel Villela é considerado um dos mais inquietos e profundos diretores de teatro da atualidade. Pode ser considerado um especialista da obra de Chico Buarque de Holanda, tendo dirigido vários textos de sua autoria. Também já dirigiu shows de Elba Ramalho, Milton Nascimento e Maria Bethânia. Mas foi o trabalho do diretor com o grupo Galpão de Minas Gerais que o projetou até internacionalmente. Gabriel Villela afirma que se o município continuar investindo numa política cultural para a cidade poderá se transformar na Capital Nacional da Cultura. Que assim seja!



# A Legenda Áurea e o exemplum



**João da Mata Costa**  
(professor de Física e Bibliófilo)

*“Bem vês como se veste e faz ornado  
Co largo Cinto d, ouro”, que estelantes  
Animais doze traz afigurados,  
Apousentos de Febo limitados.”*

## ( Os Lusíadas 1572- Camões)

(\*) de ouro; epíteto de aureus, muito usado pelos latinos com aplicação aos astros: aurea sidera, aurea astra, aurea luna, orion aureus.

Lenda (de “legenda”, do verbo latino “légere”= ler) era o nome dado antigamente a uma narrativa sobre a vida dos santos e mártires. Da Legenda áurea derivam o nome de todas as outras lendas.

Após mais de 700 anos é lançado no Brasil pela Companhia das Letras, um dos livros mais importantes do medievo: “O Legenda Áurea”. A “legenda áurea”, “legenda dourada”, “legendae sanctorum”, é obra fundamental da cultura ocidental e seus 178 capítulos

constituem a suma hagiográfica latina da Idade Média. O Brasil carecia de uma tradução desta obra magna da cultura cristã. A bela edição brasileira, lançada pela Nova Fronteira, foi traduzida do Latim e comentada por Hilário Franco Júnior. O livro, escrito no século XIII, pelo frei Dominicano Jacopo de Varazze, latinizado para “Jacobus de Voragine”, conta a vida e história dos santos mais conhecidos: São Jorge, São Nicolau, Santo Antônio, São Francisco, São João Batista e São Sebastião. A edição brasileira, seguindo outras milhares de edições, traz um rico material iconográfico e reproduções de belas iluminuras. Esse livro, escrito numa linguagem acessível ao grande público, fez muito sucesso e influenciou definitivamente a arte cristã. É impossível imaginar um quadro de Fra Angélico, Andrea de Castagno, Pierro della Francesca ou um afresco de Giotto sem a forte influência desse livro de inspiração divina. Até mesmo as grandes catedrais e seus belos vitrais têm inspiração no Legenda Áurea. A morte dos santos pode ser trágica, mas o demônio, em geral, sai vencido como nas lendas populares do demônio logrado. Na apresentação à edição brasileira, foi escolhido um belo “exemplum” que está na vida de São Nicolau: “De Sancto Nicholao” - Nicholaus dicitur a nichos, inde Nicholaus quasi uictoria populi -, Nicolau vem de nikos, que significa “vitória” e de laos, “povo”, i.e., vitória do povo.

Um Homem havia tomado de um judeu certa soma de dinheiro, em falta de outra garantia jurara sobre o altar de São Nicolau que a devolveria assim que pudesse. Muito tempo depois o judeu reclamou o dinheiro, mas o devedor alegou que já havia pagado a dívida. O Judeu levou-o a juízo e exigiu que afirmasse sob juramento que havia devolvido o dinheiro. Como precisasse de apoio para andar, o homem ali compareceu com uma bengala, que era oca e que ele havia enchido de moedas de ouro. Quando foi prestar juramento, pediu que o judeu a segurasse e jurou ter restituído mas do que havia recebido. Após o juramento, reclamou a bengala de volta e o judeu, que não suspeitava da artimanha, devolveu-a. No caminho de volta para casa, o culpado sentiu um sono repentino, adormeceu num cruzamento e uma carroça que vinha com velocidade matou-o, quebrou a bengala, e o ouro que a enchia espalhou-se pelo chão. Avisado, o judeu correu ao local e entendeu a artimanha de que havia sido vítima. Tendo alguém sugerido que pegasse seu ouro, recusou taxativamente, a não ser que o morto voltasse à vida pelos méritos do bem aventurado Nicolau, acrescentando que se tal acontecesse ele receberia o batismo e se tornaria cristão. Incontinenti, o morto ressuscitou e o judeu foi batizado em nome de cristo. [cap. III]

O “exemplum” medieval é uma historieta edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzir *exempla* nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor uma lição salutar (Jacques le Goff). O século XIII foi o grande século dos “exemplum”, mas a fórmula continuaria sendo empregada nas narrativas romanescas e historietas populares. Mais de três séculos após o lançamento do Legenda Áurea, Miguel de Cervantes Saavedra lança em 1605 - 1615, o “Dom Quixote de la Mancha. No Dom Quixote, o “exemplum” de São Nicolau é contado por Miguel de Cervantes, o criador do romance moderno.

Perante o governador da ilha Barataria, Sancho Pança, apresentam-se dois anciões, um dos quais trazia uma cana pôr báculo, e o sem bordão disse:

- Senhor - a este bom homem emprestei há dias dez escudos de ouro, do bom, para dar-lhe prazer e fazer boa obra, com a condição de que os devolvesse quando lhos pedisse. Passaram-se muitos dias sem que eu reclamasse, pra o não colocar em maior necessidade, por mos devolver, mais do que a que ele tinha quando eu lhos emprestei. Pareceu-me, porém, que se descuidava na paga e reclamei-os uma e muitas vezes. Nega-se, contudo, a pagar-me e diz que nunca lhe emprestei tais dez escudos e, se os emprestei, já os devolveu. Não tenho testemunhas, nem do pagamento, porque não me pagou. Queria que vosmecê o fizesse prestar juramento; se jurar que me pagou, perdôo-lho a dívida, perante os homens e perante Deus.

- Que dizeis a isso, bom velho do báculo? - perguntou Sancho.

A isso respondeu o velho:

- Eu, senhor, confesso que ele mos emprestou. Baixe vosmecê essa vara, pois, como ele confia em meu juramento, jurarei como os devolvi e paguei, real e verdadeiramente.

Baixou o governador a vara e, entretanto, o velho do báculo entregou a cana a outro velho, para que a segurasse enquanto jurava, pois o embaraçava muito. Em seguida pôs a mão sobre a cruz da vara, dizendo ser verdade haverem-lhe emprestado aqueles dez escudos que lhe reclamavam; ele os havia devolvido, de mão para mão, e era por não se lembrar disso que de vez em quando voltava o credor a pedi-los. Vendo isso, o grande governador perguntou ao credor que respondia ao afirmado por seu oponente. Disse ele que, sem dúvida alguma, seu devedor estava dizendo a verdade, pois o considerava homem de bem e bom cristão; ele, por certo se esquecera de como e quando os havia recebido. Tornou o devedor a tomar seu báculo e, baixando a cabeça, saiu. [...]

Sancho esteve pensativo por algum momento. Em seguida, mandou chamarem o velho do bordão, que já se fora.

- Dai-me, bom homem, esse báculo, pois preciso dele.

- De muita boa vontade - respondeu o velho. - Ei-lo aqui, senhor.

E colocou a cana na mão. Apanhou-a Sancho e, dando-a ao outro velho, falou:

Ide com Deus que já estais pago.

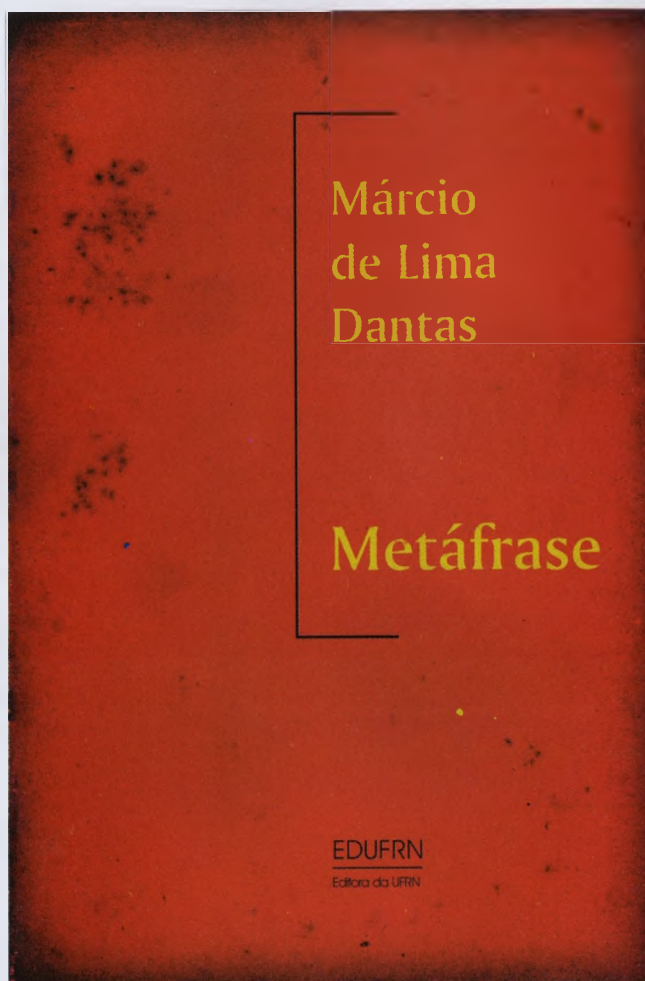
- Eu, senhor? - redarguiu o velho. - Pois esta cana vale dez escudos de ouro?

- Sim - disse o governador. - E se não valer sou o maior asno do mundo. E agora se verá se tenho ou não miolos para governar todo um reino.

E mandou que, ali, diante de todos se quebrasse e abrisse a cana. Assim se fez, e dentro dela foram achados dez escudos de ouro. Ficaram todos admirados e tiveram seu governador por um novo Salomão. [II, XLV] [...]

Os contos e histórias de “exemplum” são milenares. Utilizados desde os gregos e no Velho Testamento por pregadores e educadores quando desejavam transmitir uma mensagem edificante, de astúcia ou agudeza de caráter. Na classificação e seleção de contos perpetuada por Luís da Câmara Cascudo, os contos de exemplos aparecem na sua divisão, onde estão incluídos os célebres Joãozinho e Maria, o Pequeno Polegar e as Aventuras de Pedro Malazarte. Todos os povos possuem os seus contos de exemplos, e é interessante observar como esses contos são transplantados de região para região, de país para país, mantendo as suas matrizes originais que remontam à origem do homem imaginando e sonhando. São variações sem fim de um mesmo tema, sempre com o mesmo objetivo: o EXEMPLUM. ■





**Paulo de Macedo Caldas Neto**  
(graduando em Letras da UFRN)

Há alguns anos foi incluído no catálogo editorial de novas publicações locais o livro que se pode nomear como a volta do que deveras está do outro lado do Rio Arno; mas só a condução de Caronte poderá transportar o aprendiz da experiência humana, nos seus momentos de êxtase, até o pergaminho do evangelho de Cristo: aquele que diz a verdadeira localização do Reino de Deus. Ele está no próprio homem, procure este a sua significação, não serão os templos ou arquiteturas de uniformidade a traduzirem o que deveria ser o trabalho de outras mãos, como se houvesse uma única vertente a se seguir.

Sem dúvida, o percurso que o leitor fará pelas páginas de “Metáfrase” (EDUFRRN, 1999), com poemas traçados no parágrafo anterior, onde tudo é um enigma nessa resplandecente

produção de Márcio de Lima Dantas,  $\frac{3}{4}$  ensaísta e crítico literário. Pode-se crer que todos iremos visitar circunspectos cada alameda, ladeira, mesquita ou colina dos versos, e dessa vez não deixar que a esfinge queira dominar o que só a nós pertence: a força do rebanho de nossos pensamentos. E as sensações que dele nos trazem mais vistas de um aparente quadro de Itabira na parede do quarto do que acharmos o sentido dessa cidade, vendo-a da forma quicá natural, corriqueira. Capta-se então o instante mínimo e jazido antes da sua fuga.

A figuração lúcida do seu autor na estruturação do livro nos dá a impressão de que estamos ali, seja em Fez, seja num Café de Paris a contemplar não a forma física e materializada da vida, mas o porquê de elas serem o que são. Onde estarão os significados dos signos (porque a existência é determinada por eles...)? O texto não tem que dizer isso (frase primordial para quem se brinda com o licor Mathesis...). Este é a caça, e o receptor da mensagem é que deve encontrá-la, tal qual os frutos responsáveis pela sabedoria provada. Fazendo-se uma feliz leitura (e por que não atenta...?), comprovamos o exercício lógico do poeta no trabalho da própria linguagem. As imagens se ajustam aos conceitos do que é a literatura na modernidade.

O que justifica o elemento imagético, por exemplo, é a razão de a arte moderna faiscar longínquas chamas explosivas para libertar-se do gregário (termo barthesiano). O Deslocar-se da linguagem, neste livro, acarreta também o deslocar-se da língua, por isso a forma original dos versos, e o tratamento esculpido dos próprios como a geometria dos afrescos de Jacob e o Anjo na igreja, um dos últimos poemas da obra. Tudo, que nela é comentado, é revelação e às vezes chega até a despertar enigmas dentro do próprio homem. Os versos são flechas que dividem dois mundos, mostrando onde os seres humanos, como indivíduos de um meio, estão: na fronteira do real e do utópico. Porque o prazer do ato de ler e do de escrever assumem aqui a função utópica, mas não só no âmbito da escritura em si (corrente lingüística), e sim na seiva da semiologia. É esta quem faz dos poemas de “Metáfrase” corpos que têm diariamente suas almas substituídas por outras. E o espírito não se deixa aprisionar porque ele é transcendente. O olhar sensível do poeta transcoa deste jeito: sugere o que seria mero ângulo de lua, uma pensão, a miragem do ambiente exterior à sua localização num trem de Madri a Servilha; além de conseguir decifrar o sentido lírico do terreno poético de outros autores de sua preferência.

O lado intertextual da obra é código para se descobrir outras faces nunca espelhadas por quem costuma ler Zila Mamede, Paulo de Tarso Correia de Melo,

Federico García Lorca, Auta de Souza, dentre outros presentes. O que expressa o poeta de “Metáfrase” um puro conhecimento sobre esses autores, colocando ao leitor, às vezes, até novas visões no cardápio do poema. Isto é: seus olhos de águia literária, com as experiências intelectuais e as viagens pela Europa e África, absorvendo o seu eu a cultura desses continentes, têm o caráter projeção que surpreende a quem lê (daí termos apresentado essa idéia anteriormente). Aquele que tem o hábito de ler, depois da análise da contagiante máquina de fabricar poesia, redescobre o camaleão da mesma e sua crítica, pois assim o são os caminhos coloridos, cujas partículas luzentes se misturam no coração de cada verso. E conseqüentemente, os diversos focos de luz. Os sentidos das imagens ganham consistentes camadas de marfim como reescritura, ora parodiada, ora treinamento escrito.

Não esqueceríamos a corrente cronística das poesias. Em toda crônica (e referimo-nos inicialmente ao gênero enquanto prosa), temos que ter em mente que a mesma é objetiva, no meio de um tempo dinâmico como o nosso, nos injetando nas veias doses de ideologias surrealistas e sensitivas (termo arriscado para um trabalho tão recente como o que aqui é elucidado...) que lembram o estilo de Murilo Mendes (é só prestar atenção a um dos poemas dedicado ao autor de Juiz de Fora, Minas Gerais). E comparamos assim o aspecto aproximado do poema e da narrativa. Algo a rememorar a pregação dos formalistas russos ao começarem a tratar, portanto, a literatura sob o conceito de arte do estranhamento. A validade de tal raciocínio sustenta-se na coluna de que “os opostos devem ser conciliados, e vida e arte nada mais são que transgressão da ordem  $\frac{3}{4}$  a saudade do paraíso perdido  $\frac{1}{4}$  a volta à unidade”. Eis a máxima. Na natureza, nas teias das aranhas a costurarem sílabas ou sons, por toda a atmosfera física, existem significados agora detectados pelas mãos arqueológicas de Márcio de Lima Dantas e os seus variados eus, tão misteriosos, que mais parecem os olhares do mundo. Se o leitor se deparar com eles, não se assuste, aceite-os e adote-os como o caleidoscópio lunar para entender a vida e o tempo dirigidos. ■



# PS.

▶▶▶▶ A travessia começou há sete meses. Da primeira edição, que contou basicamente com textos de amigos e conhecidos - o que não escapou a alguns leitores, levando-os a acreditarem estar diante de mais uma "panelinha" -, a esta terceira, alguma coisa mudou. Para o primeiro número foram convidadas umas cem pessoas. Quem eu encontrava, convidava para participar da revista. Apenas uns poucos, temendo o meu vexame, enviaram seus textos. Como a revista é feita em grande parte por textos de colaboradores, não poderia ser diferente. Muitos são os convidados, poucos os que dão as caras. Mesmo assim, nesse terceiro número conseguimos não repetir nenhum colaborador. Embora tivesse em mãos bons textos de pessoas que participaram das edições anteriores.

▶▶▶▶ Editar é desagradar. É o texto do colaborador que não sai, pelas mais variadas razões; a foto, a ilustração, a revisão, os títulos e legendas, que não foram editadas como se sonhava ou sequer foram editadas. E até sobre determinados textos que saem as cobranças são inevitáveis. Nada escapa ao leitor atento e ao colaborador exigente. E é preciso ter explicação convincente para tudo isso.

▶▶▶▶ Eu estava confiante que lá pela quarta edição teríamos a Preá definida gráfica e editorialmente, que era só ligar no "automático" e seguir em frente. Vejo que ainda temos muito que melhorar e já não arrisco dizer quando e se algum dia será possível ligar esse "automático". Aos leitores, paciência, que estamos fazendo os ajustes a cada nova edição.

▶▶▶▶ Voltei de Mossoró, onde fui fazer a entrevista com Vingt-un, impressionado com a vitalidade cultural dos mossoroenses. Estive com vários intelectuais da cidade e visitamos o grande Raimundo Soares de Brito, que deverá figurar numa das nossas próximas Preás. Nessa edição, temos uma mostra dessa vitalidade. Além da entrevista com Vingt-un, publicamos textos dos escritores Cláudio Arcanjo, Mário Gerson, Charles

Phelan e Líria Nogueira e ilustração de Rogério Dias. A entrevista com Vingt-un contou com o apoio dos poetas Cid Augusto e Caio César Muniz e da escritora Líria Nogueira. Na logística - desde Natal -, para se chegar até Vint-un, nas perguntas e na revisão. O sertão também se faz presente no texto do pendenciense Gilberto Freire. É só o começo.

▶▶▶▶ Nesta edição conseguimos algo que persigo desde o início, que é dá um enfoque mais multicultural a Preá. O que não é fácil, uma vez que não podemos exigir que os colaboradores escrevam sobre o que é melhor para a revista. De qualquer forma, tivemos nessa edição textos sobre cinema, teatro, artes plásticas e literatura. Depois do texto de Moacy continuará desinformado ou ignorante em cinema quem quiser. E caso o leitor queira se aprofundar pode comprar o excelente "Cinema, Cinema - Os filmes dos meus sonhos", lançado recentemente pelo Sebo Vermelho.

▶▶▶▶ Só o prefácio, de García Márquez, já paga o belo "A praça do diamante", da escritora espanhola Mercè Rodoreda, que teve o seu primeiro livro editado no Brasil esse ano pela Planeta. Mas o livro faz jus aos elogios do colombiano.

▶▶▶▶ As inscrições para o 3º Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães se encerram em outubro. O concurso tem revelado bons poetas, como Alexandre Abrantes, Mário Rasec (lançaram seus primeiros livros esse ano), Karina Grace, Jeanne Araújo e Ana Paula Oliveira. O regulamento está na página da Fundação José Augusto [www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br). Mais informações: 201-3849.

▶▶▶▶ Somente na segunda vez que fui ao cinema é que consegui assistir "O homem que copiava". Não lembro a última vez que aconteceu algo parecido, em se tratando de filme brasileiro. Estouros de bilheteria, como "O Homem...", "Cidade de Deus" e "Carandiru", não dão a dimensão exata do renascer do nosso cinema. É nas locadoras que percebemos que, alicerçando esses sucessos de bilheteria, estão filmes como "Latitude Zero", "Sonhos Tropicais", "Netto perde sua alma" e "Kenoma", entre outros. Não entanto, os cinemas persistem boicotando nossos filmes e privilegiando as idiotices americanas. Prova de que temos idiotas de sobra por aqui. Tenho dito.

▶▶▶▶ As mostras "Modernismo Brasil" e "Tradição e Ruptura/RN", na Pinacoteca estadual (Palácio da Cultura Potengi) podem ser vistas até 30 de novembro, de segunda a domingo, das 8h30 às 17 horas. Dê seu jeito, mas não perca de jeito nenhum. Seus olhos agradecerão.

Até a próxima!

*Tacito Costa*



A IMPRESSÃO QUE FICA.

GRÁFICA

**RN ECONÔMICO**

A MELHOR IMPRESSÃO DO RN.

E-MAIL: [RNECONOMICO@RNECONOMICO.COM.BR](mailto:RNECONOMICO@RNECONOMICO.COM.BR)

FONE: (84) 211-4722 NATAL-RN



# III Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães

---

EDIÇÃO 2003



Inscrições até 15 de outubro de 2003

Os poemas e os dados dos autores deverão ser encaminhados ao  
Centro de Promoções Culturais da Fundação José Augusto, à Rua  
Jundiaí, 641, Tirol, Natal, RN. CEP: 59020-220.

**Informações:** (084) 201-3849 - [www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)

